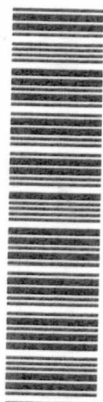


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOCIENCIAS  
COORDENADORIA DE POS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

A INDUSTRIA MOVELEIRA EM SÃO BENTO DO SUL - SC



01832183

Maria Salete Munhoz Kaesemodel

Orientador: Armen Mamigonian

Dissertação de Mestrado

Area de Concentração: Desenvolvimento Regional e  
Urbano

Florianópolis, março de 1990.

81182

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOCIENCIAS  
COORDENADORIA DE POS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

A INDÚSTRIA MOVELEIRA EM SÃO BENTO DO SUL - SC

por

Maria Salete Munhoz Kaesemodel

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Geografia, Area de Concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano, do Departamento de Geociências do Centro de Ciências Humanas da UFSC, em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Comissão Examinadora:

*Armen Mamigonian*  
-----  
Prof. Dr. Armen Mamigonian - UFSC/USP - Orientador/Presidente

*Victor Antonio Peluso Junior*  
-----  
Prof. Dr. Victor Antonio Peluso Junior - UFSC - Membro

*Arno Lehnen*  
-----  
Prof. Arno Lehnen, M.Sc. - Prof. Titular do Instituto de Geociências da UFRGS - Membro

*Raquel Maria F. do Amaral Pereira*  
-----  
Profa. Raquel Maria F. do Amaral Pereira - M.E./UFSC - Membro Suplente

Aprovada em defesa pública em 29.11.1990.

Florianópolis, SC - 1990

## AGRADECIMENTOS

A todos que ofereceram sua colaboração à realização deste trabalho minha gratidão.

- Ao Professor Armen Mamigonian, pelo seu empenho, paciência e preciosa orientação.
- Aos Professores Victor Antônio Peluso Júnior, Arno Lehnen e Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira, por nos honrarem com sua presença na Banca de Dissertação.
- A Coordenadoria do Curso de Mestrado em Geografia da UFSC, pela atenção e apoio no transcorrer do Curso.
- Aos Colegas Professores do Departamento de Geociências, especialmente à Professora Neide Oliveira de Almeida, que carinhosamente revisou o trabalho, bem como aos funcionários, pela atenção e carinho dispensados.
- A Comunidade Empresarial Moveleira de São Bento do Sul, e aos alunos da 2ª série do segundo grau do Colégio Robert Grant (1987), pela valiosa ajuda.
- A todos aqueles que de forma direta e indireta (análise de texto, desenhista, datilógrafo, amigos, etc) colaboraram.
- Ao Paulo, companheiro e amigo, Luciano e Simone, filhotes, pelo apoio, compreensão e estímulo dispensados durante todo o período do trabalho.

## INDICE GERAL

	Página
Agradecimentos .....	i
Indice de Figuras .....	iv
Indice de Tabelas .....	v
Resumo .....	vi
Resumé .....	vii
INTRODUÇÃO .....	1
CAPITULO I : Condições preliminares da industrialização moveleira em São Bento do Sul .....	7
1. Introdução .....	7
2. Recursos naturais .....	12
3. A Estrada da serra e a fundação da Colônia Agrícola São Bento .....	15
4. A exploração e comercialização do mate com o desenvolvimento da colônia .....	21
5. Bases econômico-sociais das primeiras marcenarias .....	28
6. Conclusão .....	31
CAPITULO II - A implantação da indústria e sua evolução até 1970-73 .....	33
1. Introdução .....	33
2. Os primeiros empreendimentos e sua evolução .....	36
3. O pós-guerra .....	47
3.1. Estrutura dos capitais nascentes ..	49
3.2. Estrutura da mão-de-obra inicial ..	52
3.3. As matérias-primas na industrialização .....	55
3.4. Os mercados consumidores iniciais .	56
4. Conclusão .....	58

CAPITULO III - Estrutura e desempenho da indústria moveleira a partir de 1970 .....	61
1. Introdução .....	61
2. Estrutura das empresas e estabelecimentos .....	65
3. Características da mão de obra .....	74
4. Tecnologia utilizada .....	81
5. Matéria prima: os reflorestamentos e as madeiras amazônicas .....	90
6. Mercados consumidores: o salto para o mercado nacional e internacional .....	96
7. Conclusão .....	105
CAPITULO IV - Dinâmica locacional intra-urbana das indústrias moveleiras de São Bento do Sul .....	107
1. Introdução .....	107
2. Evolução locacional intra-urbana .....	108
3. Zonas industriais: novos espaços .....	114
4. Conclusão .....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	122
BIBLIOGRAFIA .....	125
ANEXOS .....	130
Anexo 1 - Cimo, a pioneira da América .....	130
Anexo 2 - Nota referente as dificuldades enfrentadas por artesãos marceneiros quanto ao beneficiamento da matéria prima no início do processo industrial moveleiro .....	131
Anexo 3 - 1962. Manifestação de trabalhadores em frente ao local de trabalho, reivindicando melhores salários .....	132
Anexo 4 - Mão-de-obra familiar: exemplo Schier .....	133
Anexo 5 - Indústrias Artefama a história das exportações .....	134
Anexo 6 - Mercado consumidor Holandês .....	135
Anexo 7 - Novos destinos das exportações moveleiras .....	136
Anexo 8 - Questionário No. 1 aplicado junto à comunidade trabalhadora em suas residências e local de trabalho .....	137
Anexo 9 - Questionário No. 2 aplicado às empresas 1987/88 e 89 .....	143

## LISTA DE FIGURAS

Figura	I - Centros Industriais de Santa Catarina e seus principais ramos - 1980 .....	6
Figura	II - Regiões européias de origem dos povoadores da Colônia Agrícola São Bento .....	18
Figura	III - São Bento do Sul: Bases econômico-sociais das primeiras marcenarias .....	29
Figura	IV - Empresas moveleiras no Brasil e pessoal ocupado nos principais Estados .....	63
Figura	V - Evolução do número de estabelecimentos industriais moveleiros de São Bento do Sul a partir de 1950 a 1988 .....	70
Figura	VI - Pessoal Ocupado na indústria e no terciário no município de São Bento do Sul em % (1982-86) .....	75
Figura	VII - Participação da mão-de-obra feminina nas indústrias moveleiras de São Bento do Sul com mais de 100 empregados 1975/88 .	77
Figura	VIII - Fluxograma da Móveis Serraltense .....	84
Figura	IX - Evolução das exportações das seis principais empresas moveleiras exportadoras de São Bento do Sul, a partir de 1982 a 1988 .....	103
Figura	X - Exportação da produção manufatureira de São Bento do Sul 1983 a 1988 .....	104
Figura	XI - Localização dos estabelecimentos industriais de São Bento do Sul com mais de 100 empregados, segundo data de fundação e distritos industriais .....	112
Figura	XII - Localização dos estabelecimentos industriais de São Bento do Sul com mais de 100 empregados, segundo a data de fundação, zonas industriais e fluxo de mão-de-obra .....	115

## LISTA DE TABELAS

Tabela	I - Estrutura do produto e do emprego industrial e evolução no período 1970 e 1980 no Brasil, conforme gêneros selecionados	2
Tabela	II - Produção da Indústria e Lavoura e seu respectivo valor em São Bento do Sul, no ano de 1894 .....	24
Tabela	III - Participação da erva mate, madeira, balsa, manteiga, farinha de mandioca, na exportação de Santa Catarina, 1914-1919	30
Tabela	IV - População estrangeira em Santa Catarina 1872-1920 .....	34
Tabela	V - Estabelecimentos moveleiros de São Bento do Sul, segundo a data de fundação até 1969 e o número de pessoal ocupado no período entre 1970 e 1988 .....	50
Tabela	VI - Matérias primas utilizadas na indústria moveleira de São Bento do Sul - 1974 ...	56
Tabela	VII - Situação da Indústria Moveleira da Micro Região Alto Vale Rio Negro - 1970/80 ...	65
Tabela	VIII - Estrutura das Indústrias Moveleiras de São Bento do Sul - 1988 .....	68
Tabela	IX - Obtenção de Tecnologia Industrial no Brasil 1981 e em São Bento do Sul 1988, em % .....	86
Tabela	X - Consumo e procedência de matéria-prima básica em 10 empresas do gênero moveleiro em São Bento do Sul .....	94
Tabela	XI - Problemas e características relativos à compra de matérias-primas no Brasil pelas indústrias moveleiras .....	95
Tabela	XII - Principais países exportadores de móveis aos Estados Unidos no período 1979 a 1981 .....	100
Tabela	XIII - Exportação moveleira das principais indústrias de São Bento do Sul .....	101

## RESUMO

O atual parque industrial moveleiro de São Bento do Sul originou-se nas primeiras décadas deste século, fundamentado na existência de recursos naturais abundantes na região, sobretudo a araucária, aliado à habilidade do colono artesão marceneiro, imigrante europeu, radicado na área a partir de 1873, com a fundação da Colônia Agrícola São Bento. A presença da atividade de extração e beneficiamento da madeira e erva mate para exportação, contou como fator importante no processo industrial moveleiro.

Até a Segunda Guerra Mundial, o referido processo, em São Bento do Sul, apresentou desenvolvimento lento, baseado em pequenas oficinas de marcenarias de fundo de quintal.

A partir de meados dos anos 40, iniciou-se o processo de proliferação de estabelecimentos e a reestruturação dos já existentes, sobretudo quanto à: capacitação de mão-de-obra especializada; introdução de novas tecnologias; conquista de novos mercados consumidores e a novas fontes de abastecimento de matéria-prima (mogno e cerejeira), provenientes da Amazônia.

Com a expectativa de crescimento econômico, gerado nos anos 1968-73, período do "milagre brasileiro", o setor se inseriu definitivamente no mercado nacional e internacional, caracterizando São Bento do Sul como um dos principais centros industriais de Santa Catarina e comparando-o a outros centros de igual natureza, como Bento Gonçalves (RS).

A exemplo de outros centros moveleiros, São Bento do Sul constituiu-se basicamente de pequenas e médias empresas, atuando como força descentralizadora de mão-de-obra e de pequenos investimentos de formação de capital local e gerenciamento empresarial de base familiar.



## RESUME

Le centre industriel de meubles qui est actuellement en pleine activité à São Bento do Sul remonte aux premières décades de ce siècle. Son développement est dû à plusieurs facteurs. D'une part, l'existence de ressources naturelles abondantes dans la région, surtout l'araucaria. D'autre part, la venue d'immigrants européens qui s'y sont installés depuis 1873 quand la Colonie agricole de São Bento do Sul a été fondée et dont certains d'entre eux étaient des menuisiers et des artisans habiles.

Un autre facteur important a été l'activité mercantile dans la région qui provenait de l'extraction et de la bonification du bois et du maté en vue de leur exportation.

Jusqu'à la deuxième guerre mondiale l'industrie de meubles de São Bento do Sul s'est lentement développée dans les ateliers des menuisiers installés derrière leurs maisons.

A partir des années 40 les établissements se sont multipliés et ceux qui existaient déjà ont subi une restructuration. De nouvelles technologies ont été introduites, la spécialisation de la main d'oeuvre est devenue essentielle, de nouveaux marchés consommateurs ont été conquis et d'autres espèces de bois (acajou et cerisier) provenant de l'Amazonie du pays ont été employées.

Au moment de la croissance économique des années 1968-73, le secteur s'est définitivement affirmé dans le marché national et international comme l'un des principaux centres industriels de Santa Catarina, comparable à d'autres centres fabricants du même type de produit, tels que celui de Bento Gonçalves (RS).

Comme ce qui arrive dans d'autres états de la Fédération, l'industrie de meubles de São Bento do Sul est constituée surtout par de petites et moyennes entreprises qui décentralisent la main d'oeuvre et de petits investissements provenant de capitaux locaux, gérés par une société familiale.

## INTRODUÇÃO

O trabalho sobre a origem, desenvolvimento e características atuais da indústria moveleira de São Bento do Sul pretende dar contribuição à história e à geografia da indústria em Santa Catarina, através do estudo da organização espacial deste núcleo de produção, e de suas especificidades sócio-econômicas.

São Bento do Sul, município com 42.445 habitantes (1985), integrante da micro região Alto Vale Rio Negro, localiza-se no Planalto Norte Catarinense e juntamente com Rio Negrinho (25.380 habitantes) e Campo Alegre (8.938 habitantes), representam apenas 1,87% da população do Estado, conforme dados do Anuário Estatístico do Brasil (IBGE, Rio de Janeiro 1987). Apesar da modesta expressividade, quanto ao total populacional, a micro-região Alto Vale Rio Negro sedia a maior concentração de estabelecimentos industriais moveleiros de Santa Catarina, destacando-se no cenário nacional. Esta região tem equivalência com a região gaúcha de Bento Gonçalves, muito importante na produção moveleira brasileira.

O estudo referente à industrialização moveleira de São Bento do Sul abrange os estabelecimentos, desde as primeiras manifestações do tipo pequenas marcenarias de fundo de quintal, do século XIX, até a formação dos grandes estabelecimentos das duas últimas décadas, bem como a estrutura dos mesmos e sua inserção no mercado interno e externo. Neste sentido, deseja-se compreender como se manifestou e se desenvolveu a indústria moveleira de São Bento do Sul, definindo-se como um dos principais centros industriais de Santa Catarina e quais os fatores determinantes do processo nos seus primeiros tempos: 1) matéria-prima abundante na região; 2) presença do imigrante artesão marceneiro; 3) existência de um comércio intensivo da madeira e erva mate; 4) acumulação de renda e conseqüente

aumento de demanda dos produtos manufaturados e alterações estruturais do gênero como forma de sobreviverem momentos de crise da economia brasileira ao longo do período.

O comportamento da indústria moveleira de São Bento do Sul, assim como em outros centros brasileiros, difere de outros setores a nível nacional. Tal comportamento pode ser observado comparando-se a tabela I que mostra a estrutura do produto e do emprego na indústria moveleira, em relação a outros gêneros selecionados, para o período 1970-80 no Brasil.

TABELA I

**Estrutura do produto e do emprego industrial e evolução no período 1970 a 1980 - Brasil, conforme gêneros selecionados**

GÊNEROS	Estrutura Produto (%) Evolução (80 = 100)				Estrutura Emprego (%) Evolução (80 = 100)			
	1970	1975	1980	70 a 80	1970	1975	1980	70 a 80
Mecânica	9,98	16,44	18,79	190,15	6,94	10,69	11,00	158,65
Vestuário e Calçados	3,91	4,89	5,52	138,72	6,22	8,10	9,40	151,21
Mobiliário	2,61	2,64	2,29	87,54	3,48	3,42	3,57	102,60
Alimentos	8,75	8,39	7,44	85,06	12,57	12,37	12,72	101,17
Têxtil	10,56	6,95	6,53	61,81	13,54	9,12	7,72	57,04
Bebidas	2,19	1,23	1,13	51,50	2,11	1,39	1,20	56,59

Fonte: SUZIGAN (Palestra USP - IEA, 1989).

Na tabela citada, o gênero moveleiro aparece com aumento de emprego em detrimento do produto, assim como os gêneros vestuário, calçados, alimentos e bebidas. Já o gênero mecânica apresenta resultados inversos com maior aumento do produto e diminuição do emprego para o período 1970 - 1980 caracterizando com isto a introdução de sistemas

de automação dentro de novas tecnologias, enquanto o gênero moveleiro apresenta crescimento do emprego baseado na utilização intensiva de mão-de-obra. Na micro região, conforme tabela VII (ver p. 65), observa-se um crescimento de 22,27% do valor da transformação no mesmo período que indica um crescimento da produção, comparado ao pessoal ocupado, com 13,19%.

Segundo a Associação dos Fabricantes de Móveis do Brasil (AFAM, Rio de Janeiro, 1989)

"Durante a década de 70 o setor conseguiu atingir um alto nível de evolução tecnológica, não só pela importação de máquinas e equipamentos até 1975 como também, pela disponibilidade de novos insumos que acompanharam esta evolução".

No entanto, a nova organização industrial viabilizada pela importação de máquinas e equipamentos, na primeira metade da década de 70, não se repetiu com igual intensidade na década de 80 a nível local. A crise da economia brasileira neste período foi suficiente para desaquecer os investimentos (informações obtidas nas empresas locais pela autora em 1988/89).

Segundo MAMIGONIAM (1965):

"As zonas de colonização alemã, como Joinville, Blumenau e Brusque povoados a partir de 1850, constituem as zonas mais industrializadas e as mais ricas de Santa Catarina".

São Bento do Sul, fundado em 1873, por colonos imigrantes alemães, poloneses e austriacos, também constitui importante centro industrial.

O figura I destaca os principais centros industriais de Santa Catarina e o principal ramo de cada centro, localizados, na maioria, em regiões de colonização européia.

Certamente, os recursos tecnológicos e experiências, referentes às técnicas e aos processos de produção dos imigrantes europeus, radicados em Santa Catarina no século passado e início deste, constituem o fator principal da localização industrial nestas regiões. Outro fator importante na localização industrial, segundo ESTALL e BUCHANAM (1971), é a proximidade de matérias-primas. No caso de São Bento do Sul, a importância do aproveitamento de rejeitos de madeira das serrarias como matéria-prima, aliado à experiência técnica dos artesãos explica o aparecimento de pequenas oficinas de marcenarias de fundo de quintal, que se especializaram na produção de pequenas peças, feitas sob encomendas, principalmente a clientes particulares. Também MOTA (1975), observa que

"A 'aglomeração' industrial resulta, na prática, principalmente, de relações técnico-locacionais (que não deixam de ter um aspecto econômico), desde que certas indústrias têm suas atividades 'vinculadas' a outras indústrias, porquanto os produtos acabados, semi-acabados, ou 'residuais' de umas são produtos intermediários ou matérias primas de outras".

Para atingir os objetivos do trabalho proposto, além da análise bibliográfica, foram levantados dados diretamente nas empresas, na comunidade e em instituições como Prefeitura Municipal, Agência local do Banco do Brasil - CACEX, Museu e Biblioteca Pública Municipal, Sindicato da Construção e das Indústrias do Mobiliário de São Bento do Sul e Fundação de Ensino Tecnologia e Pesquisa (FETEP).

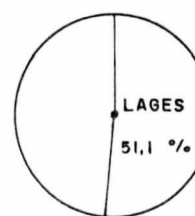
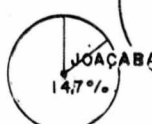
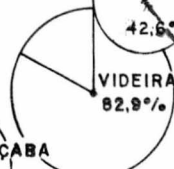
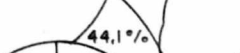
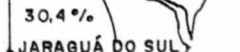
Obteve-se, através da memória de empresários, de fundadores de estabelecimentos e de filhos destes, de operários da ativa, de aposentados, de funcionários e demais pessoas da comunidade, material indispensável ao procedimento do estudo. Para tanto abrangeu-se um universo de 100% (6) dos estabelecimentos com mais de 250 empregados, 70% (12) dos estabelecimentos com 100 a 249 empregados, 100% (8) dos estabelecimentos com 50 a 99 empregados e apenas 8,34% (15) dos estabelecimentos com menos de 50 empregados. Foram realizadas 11 entrevistas gravadas e aplicados 76 questionários nos principais bairros de São Bento do Sul e área central de Campo Alegre.

O estudo divide-se em quatro capítulos. No primeiro, caracteriza-se as condições básicas, entendidas como necessárias ao processo industrial moveleiro local; no segundo e terceiro capítulos, examina-se o processo industrial e seu desenvolvimento no contexto social e econômico local, ou seja, disponibilidade de matéria-prima, mão-de-obra, tecnologia utilizada e mercados, juntamente com a sua inserção à conjuntura econômica brasileira ao longo do período, até os anos 80. No último capítulo, considera-se os fatores que influenciam a localização dos estabelecimentos industriais, sua dinâmica intra-urbana e a ingerência do poder público municipal, quanto a determinação de distritos industriais no processo de organização do espaço urbano do município.

**CENTROS INDUSTRIAIS E SEU PRINCIPAL RAMO - 1980**  
(% do valor da produção)

REPÚBLICA ARGENTINA

E S T A D O D O



FLORIANÓPOLIS

E S T A D O

R I O G R A N D E

MILHÕES (NCZB)

75  
50  
20  
4

S U L

O

A

N

O

C

E

A

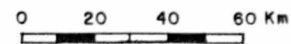
N

O

**LEGENDA**

- Mecânica
- Têxtil
- Material elétrico, comunicações
- Transformação de minerais não metálicos
- Papel e papelão
- Produtos alimentares
- Química
- Metalurgia
- Mobiliário
- Madeira

ESCALA 1:2.000.000



## CAPITULO I

### Condições preliminares da industrialização moveleira em São Bento do Sul

#### 1. Introdução

As duas últimas décadas do século XIX sinalizavam o início da industrialização brasileira, tendo como base o desenvolvimento agrícola exportador.

SUZIGAM (1986) atento às várias interpretações a respeito do desenvolvimento industrial brasileiro, a partir de uma base agrícola exportadora, observou que o investimento na indústria de transformação estava relacionado ao desempenho do setor exportador até 1913 e, em menor grau, até 1929. A partir de 1930 essa relação é interrompida através do crescimento das atividades econômicas ligadas ao mercado interno, substituindo a demanda externa, como o principal estímulo à acumulação de capital industrial.

Efetivamente, vários fatores internos e externos condicionaram transformações estruturais no processo do desenvolvimento industrial brasileiro. RANGEL (1985) ao tentar expor os mecanismos sucessivos das transformações econômicas brasileiras observa:

"A economia não se acomoda passivamente a um estado de coisas mas, ativamente, promovendo uma forma de substituição de importações adequada ao estágio de desenvolvimento alcançado por suas forças produtivas e por suas instituições básicas. E por isso que o Brasil tem encontrado meios de desenvolvimento, tanto nas fases "a" como nas fases "b" dos ciclos longos". Segundo o autor "com o início da fase "b" do primeiro Kondratieff (1815-48) emerge o esforço de substituição natural de importações nas fazendas. Com a passagem à fase "a" do ciclo longo subsequente (2º Kondratieff) a fazenda volta a concentrar-se mais na produção de artigos exportáveis e cresce o movimento de urbanização, não só por parte de mão-de-obra escrava e semi-livre, como também as transferências das casas-grandes à cidade, antes ocupadas em atividades substitutivas de importações.



Com o advento da fase "b" do novo ciclo (1873-96) há uma recomposição econômica nas cidades, para onde na fase anterior haviam-se deslocado a mão-de-obra e a casa-grande, causando um novo movimento de substituição de importações, aumentando as unidades artesanais e algumas manufaturas pré-industriais, alimentadas pelo capital mercantil que vinha se desenvolvendo desde a abertura dos portos.

Ao se abrir a fase "a" do terceiro Kondratieff (1896-1921) o coeficiente de abertura da economia voltou a crescer, aumentando o intercâmbio com o exterior, mas nas condições da primeira Guerra Mundial e da subsequente fase recessiva do terceiro ciclo longo, o esforço de substituição de importações desbordou seus quadros primitivos. Esse movimento tinha de comum com os anteriores o fato de constituir uma forma de substituição de importações, mas distinguia-se deles pelo fato de ser industrial."

A constatação de que o processo de desenvolvimento brasileiro deslançou lentamente, analisada pelos estudiosos e pesquisadores da formação industrial do Brasil, parece bastante clara, como também está evidente o grande salto na terceira década deste século, desencadeado nas condições da fase "b" do 3º Kondratieff (1921-48). Neste período, o Brasil emergiu como uma das economias mais dinâmicas do mundo,

"sua produção industrial cresceu 6 vezes; a do mundo 3,8 vezes; a do mundo capitalista 3 vezes; a da Europa Ocidental 2,5 vezes; a da América do Norte 3,6 vezes; a do mundo socialista 8,8 vezes" (RANGEL, 1985).

A análise da história econômica de Santa Catarina mostra que o litoral e as áreas de campos do planalto foram as primeiras regiões do território catarinense integradas à economia colonial brasileira, como fornecedoras de gêneros alimentícios, desde o século XVII.

Com a colonização alemã e italiana do século XIX, viabilizou-se nova dinâmica de trabalho, onde o produtor era também dono da terra e dos instrumentos de produção.

A partir de meados do século XIX até a primeira Grande Guerra observa-se a implantação das primeiras indústrias, especialmente a têxtil e a alimentar, nas zonas de colonização alemã do Vale do Itajaí e do Norte do Estado. Estas indústrias precocemente voltaram-se ao abastecimento do mercado nacional.

MAMIGONIAN (1965) definiu para Santa Catarina três zonas industriais "as zonas de colonização alemã, zona do carvão e a zona pioneira do oeste", identificando-as como "as mais industrializadas e as mais ricas do Estado".

São Bento do Sul nasceu do movimento de ocupação, na segunda metade do século XIX, das áreas florestais do Nordeste de Santa Catarina, por imigrantes alemães e austriacos, expulsos da Europa pelo processo de empobrecimento e proletarização dos camponeses e, estabeleceram aqui uma sólida e pequena produção mercantil.

Naturalmente que, além do pioneirismo e espírito empreendedor, os imigrantes do final do século XIX, com destino à Colônia Agrícola São Bento, foram portadores de técnicas de trabalho e hábitos sensivelmente mais adiantados do que os ocupantes anteriores já existentes na região.

A maioria do contingente imigratório, formador do núcleo da povoação de São Bento, foi proveniente de áreas rurais de "regiões prussianas e da Polônia, da Saxônia, dos vilarejos do Erzbirge e Vogtland, das vizinhanças de Chamanitz, Leipzig e Dresden, da Boêmia do Norte e do Boehmer Walt, assim como da Bavária e das regiões da hoje Checoslováquia e Norte da Austria", que emigraram com destino à Colônia Dona Francisca (Joinville) e

posteriormente à Colônia Agrícola São Bento, hoje São Bento do Sul (FICKER, 1983).

A propósito da política de colonização da América por povos da Europa, cabe aqui observar as condições em que vicejou a Colônia Dona Francisca e posteriormente a Colônia Agrícola de São Bento.

Nas primeiras décadas do século XIX, a economia dos estados alemães encontrava-se ainda baseada num modo de produção feudal, agravada pelas barreiras alfandegárias, existentes entre os vários estados, sendo as populações rurais submetidas ao poder dos grandes proprietários, provocando a migração aos centros urbanos (Renânia, Westfalia, Silésia, Saxônia), regiões de onde partiam levadas de emigrantes, tanto para o Brasil, como para os Estados Unidos (TERNES, 1984).

Ainda Segundo TERNES (1984)

"neste quadro econômico e social, extensas camadas da população alemã não vislumbrava dias melhores em sua terra natal. Pelo contrário, se nos campos cada vez mais sobravam menores áreas de terras, para serem distribuídas aos filhos, nas cidades as perspectivas eram de um trabalho assalariado muito mal remunerado, incapaz de permitir qualquer melhoria no nível de vida".

Por outro lado, nos idos de 1848, o transporte de imigrantes constituiu-se excelente negócio, que foi imediatamente praticado pelo Senador Christian Mathias Schoroeder, o qual criou a Sociedade Colonizadora de 1849, em Hamburgo. Nesta ocasião, por influência do contingente de indivíduos desejosos de emigrar, crescia o negócio dos armadores e agentes de navios, proporcionando lucros bastante atraentes.

## Segundo FICKER (1973)

"Entre os armadores de Hamburgo existia a firma comercial 'Christian Mathias Schoroeder e Cia', que manteve no Rio de Janeiro uma agência comercial própria. Ligado indelévelmente à história da colônia Dona Francisca, fazia parte da 'Sociedade de Proteção aos Imigrantes no Sul do Brasil', fundada em 1842, com a finalidade de regularizar a emigração espontânea para o Brasil e desenvolver relações comerciais hanseáticas, mediante a introdução de imigrantes e o estabelecimento de Colônias Agrícolas".

O Senador Schoroeder, ciente dos problemas financeiros do Príncipe de Joinville, agravados com a Revolução Francesa de 1848, planejou um ambicioso projeto de emigração e de colonização, nas terras que o Príncipe havia recebido como dote de sua esposa, a princesa Dona Francisca. O Senador participava diretamente no comércio de terras e na venda de passagens.

As atividades de transformação ocupam espaço significativo na economia local. Vários fatores poderão ser apontados como indutores deste processo, dentre os quais:

1. A abundância de matéria-prima na região, representada, principalmente, pela presença da Floresta de Araucária ou Pinhais e de outras madeiras próprias para atividades comerciais, que estimulavam também atividades das marcenarias artesanais de fundo de quintal.
2. A participação de grande parte de colonos no processo de extração e beneficiamento da erva mate nativa na região, que melhoravam seu padrão aquisitivo, gerando até pequenas poupanças.

Estes colonos geralmente trabalhavam no período da safra, momento de "poda" da erva no interior da mata. Grande parte destes trabalhadores possuía

carroças que utilizavam para o transporte da erva mate, cobrando uma espécie de frete por carga. Atividade esta que se desenvolvia tanto a nível local, isto é, do interior da mata aos engenhos, como de São Bento a Joinville, para os engenhos lá instalados, pertencentes à Companhia Industrial Catarinense<sup>(1)</sup>.

3. A intensa extração de madeira para exportação teve como consequência o acúmulo de rejeitos de madeira que induziu, tanto os proprietários de algumas serrarias, como possíveis artesãos, ao aproveitamento da matéria-prima rejeitada, produzindo-se desde os artefatos de madeira, do tipo bandejas, farinheiras, etc, móveis em geral, esquadrias, portas e caixões de defuntos até taboinhas para telhados, forros e assoalhos<sup>(2)</sup>.
4. Inegavelmente o pioneirismo e a garra com que os colonizadores se empenharam pela conquista do espaço, tanto geográfico, como sócio-econômico, se constituíram fator importante no processo de desenvolvimento da região. Entretanto, a condição destes colonos - produtores e consumidores independentes - herança de seu país de origem e que persiste na nova pátria, sem dúvida se caracterizou como o ponto alto da inserção da produção artesanal na divisão regional do trabalho.

## 2. Recursos Naturais

Para melhor compreender o processo de ocupação e desenvolvimento da região de São Bento do Sul, integrado ao Alto Vale do Rio Negro, faz-se necessário observar o processo imigratório, juntamente com a exploração e utilização dos

recursos naturais da região, especialmente entre o litoral e planalto Norte do Estado de Santa Catarina.

Segundo KLEIN (1978), "a vegetação primária do território Catarinense, pode ser dividida em seis formações vegetais bem distintas". Destas formações destacam-se a Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, a Floresta Nebular ao longo dos "aparados" da Serra Geral e da Serra do Mar e a Floresta de Araucária ou Pinhais, cujo habitat estende-se pelo espaço onde se processa a ocupação e exploração desses recursos naturais por imigrantes europeus a partir da segunda metade do século passado, com a fundação da Colônia Dona Francisca e a Colônia Agrícola de São Bento, no nordeste de Santa Catarina.

Espécies de grande valor econômico como a canela amarela (Nectandra lanceolata), canela fogo (Cryptocarya aschersoniana), canela preta (Ocotea catharinensis), peroba vermelha (Aspidosperma olivaceum), Cedro, (Araucaria angustifolia) e a erva mate, cuja abundância teve grande influência na vida econômica da região, atraíram colonos que se dedicaram à extração e comercialização desses produtos.

Conforme TERNES (1986)

"No início dos anos 60 (1860) Emile Mathorie, procurador da Casa de Orleans, com sede em Paris, chega à Joinville para, como funcionário da Sociedade Colonizadora, participar das atividades de expansão da pequena Joinville, através de "Domaine Dona Francisca" e do Duque D'almale, através do "Domaine Pirabeiraba" onde, aliás, se instalara uma grande serraria que passou à história como a "Serraria do Príncipe".

➤ Sem dúvida, a abundância de espécies de elevado valor econômico e o ingresso de recursos humanos tecnicamente competentes em atividades econômicas diversas e a disponibilidade de mão-de-obra formada, principalmente, por colonos

imigrantes, constituíram-se em elementos fundamentais na transformação e aproveitamento desses recursos.

A medida que a "Estrada da Serra" foi atingindo o interior, aumentavam as especulações na área, quanto à exploração da madeira e ao aparecimento das serrarias no interior da mata, tornando-se irreversível o processo de ocupação e exploração de recursos, apesar das dificuldades encontradas, principalmente quanto ao transporte, que ainda era feito em lombos de burros, conforme relata FICKER (1973).

Em 1873 a "Estrada da Serra", já em condições carroçáveis, transformou a região, atraindo investidores para a extração da madeira e da erva mate, principalmente. Com esta dinâmica, surgiram condições favoráveis a pequenos produtores e/ou assalariados da própria "Estrada da Serra", para estabelecerem-se com pequenos pontos de comércio, como as vendas, pousadas, pequenas marcenarias e carpintarias, além das serrarias.

Em Santa Catarina, em 1892, existiam 174 (cento e setenta e quatro) engenhos de serrar madeiras dos quais 10 (dez) eram a vapor e 164 (cento e sessenta e quatro) a força hidráulica e haviam 6 (seis) excelentes marcenairas com máquinas. Dez engenhos localizados em Joinville e 8 (oito) em Campo Alegre eram movidos à força hidráulica. A exportação catarinense quase toda ia para Santos, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. (IBGE, 1987, Volume 2).

Também é interessante observar que, através dos registros e "falas" que detalham a pujança florestal e o aproveitamento da mesma, para a exportação e consumo local, entre a região de Joinville e São Bento do Sul, como sendo bastante significativa, não se menciona a existência, na região, de estabelecimentos de grande porte.

A publicação de "Série Estatística Retrospectiva" anota, para o ano de 1905, três grandes serrarias e carpintarias para Santa Catarina, nas cidades de Laguna, Itajaí e Nova Treviso e traz apenas uma nota esclarecendo que:

"além destas grandes serrarias, existem no Estado cerca de 500 (quinhentos) pequenos engenhos nos municípios de São Bento do Sul, Joinville, Blumenau, Itajaí, Brusque, Camboriú, Tijucas, Nova Trento, Biguaçu e outros." (IBGE 1987, Volume 2).

### 3. A Estrada da Serra e a Fundação da Colônia Agrícola São Bento

A Estrada Dona Francisca (Estrada da Serra), empreendimento de iniciativa privada de meados do século passado (1853-54), teve como principal objetivo a ligação da Colônia com o planalto de Curitiba, onde já havia um "importante" centro de comércio e serviços relacionado com o resto do país. Com a realização da obra, a Colônia pretendia também estender a sua área de colonização, ao mesmo tempo em que absorvia grande parte de mão-de-obra disponível na colônia, para a construção da referida estrada. A absorção de mão-de-obra excedente, nos trabalhos de construção da estrada, solucionaram temporariamente um dos problemas que a Colônia enfrentava: a aglomeração de imigrantes que continuamente iam chegando e superlotavam os galpões.

A construção da estrada, caracterizada por Ficker, como uma obra "monumental" para a época, trouxe sérias preocupações à Colônia, principalmente pela irregularidade com que se processavam os trabalhos. Eram constantes as interrupções de verbas e dos dinheiros públicos. A partir de 1855 o evento passou a contar com subvenções do Governo Imperial.



As subvenções do Governo tiveram notável contribuição ao progresso alcançado pela Colônia Dona Francisca, que atingiu em 1865 uma população de 4.275 habitantes. Foi em março de 1865 que ficou assentada e contratada a construção definitiva da Estrada da Serra (ou Estrada Dona Francisca, como foi chamada mais tarde), uma das maiores obras da Colônia Dona Francisca. Isto ficou por conta do Governo Imperial, com subvenções mensais, devendo-se ligar o litoral (município de São Francisco do Sul e à Colônia Dona Francisca) com o planalto de Curitiba.

Por mais de meio século, a construção da Estrada teve as atenções da Colônia, por vários fatores, tanto de ordemeconômica e social, como os de ordem técnica, gerados principalmente pela insuficiência de mão-de-obra qualificada. Com muito esforço, apesar das várias interrupções no andamento das obras, em 1865 a estrada praticamente atingia o alto da serra, permitindo a ocupação de terras no planalto.

Tendo em vista o longo período e as várias interrupções, durante a construção da estrada, houve dispensas maciças de mão-de-obra. Grande parte dessa mão-de-obra procurou fixar-se ao longo da estrada, ocupando-se principalmente com a agricultura. Mas a solução dos problemas da Colônia em face à superlotação e ociosidade dos imigrantes nos galpões, não se restringia apenas à expansão espontânea de sua área de colonização, mas sim, à alocação de contingentes em áreas de ocupação planejadas.

Conforme TERNES (1984)

"o ano de 1872 seria o ano cujo momento apresentava-se propício a iniciar um novo núcleo, uma vez que as guerras que envolveram franceses e outros grupos alemães, na Europa, estavam encerradas, acentuando-se o processo emigratório".

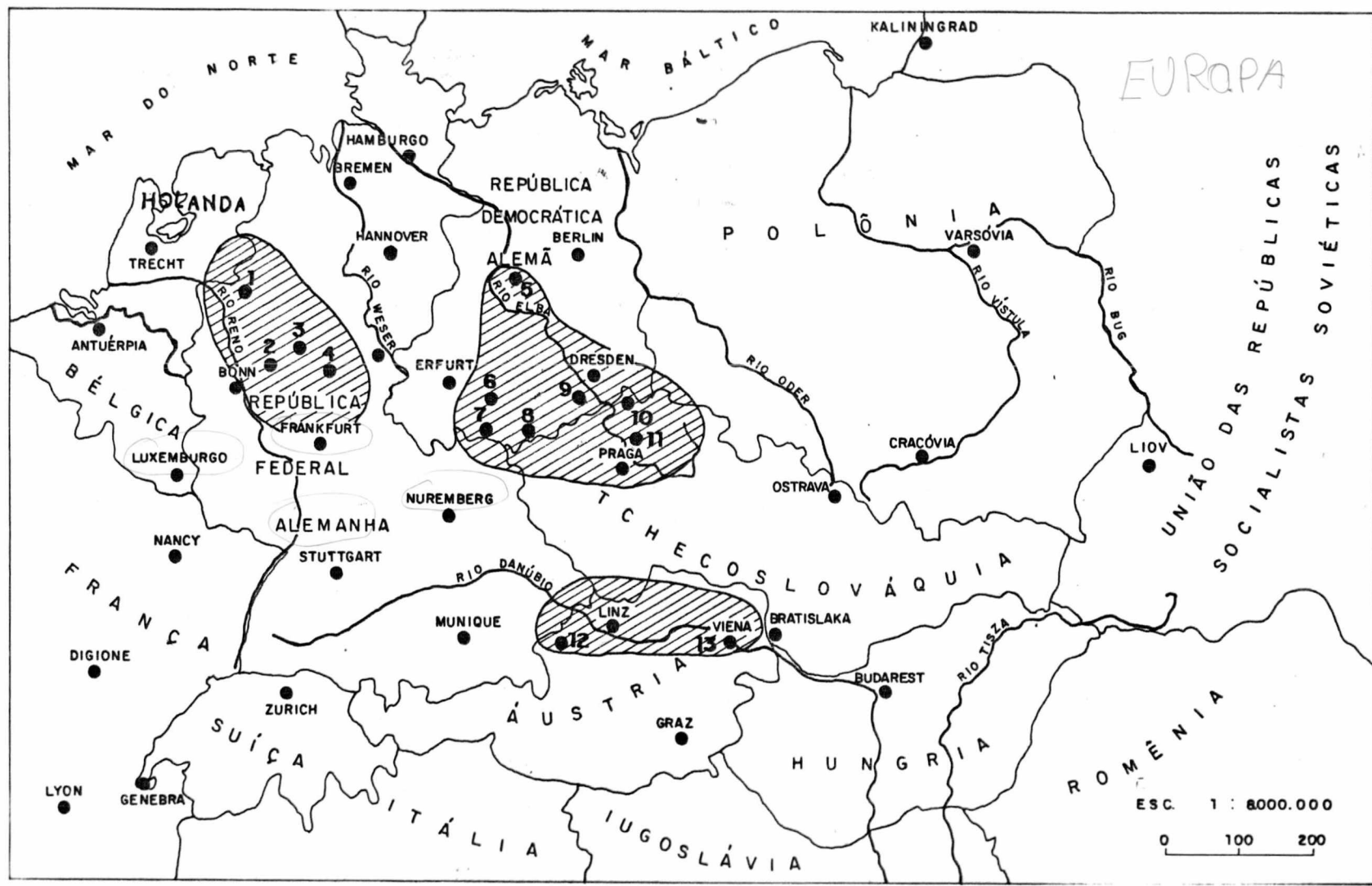
Com esta visão de estimar a possível superlotação, por um novo contingente emigratório, a Sociedade Colonizadora e a Direção da Colônia em Joinville, empreenderam a primeira tentativa de colonizar o planalto nos campos de São Miguel. Não obtiveram sucesso em função das terras apresentarem-se impróprias à agricultura.

Um ano mais tarde, isto é, em 1873 a superlotação de imigrantes nos galpões da Colônia Dona Francisca, era uma realidade. Ocorreram pressões sobre a Direção da Colônia, para que tomasse providências quanto à alocação do pessoal. O local e as terras já estavam demarcadas pelos responsáveis pela Colônia, mas estas mesmas terras, que algum tempo atrás eram desabitadas, estavam agora sendo ocupadas desordenadamente por famílias brasileiras, que ostentavam título de posse, oferecidos pelo Governo do Paraná, para o qual pagavam as prestações da terra adquirida. Como o Governo Imperial recebera da Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849 o pagamento das mesmas terras, a posse das terras onde hoje situa-se São Bento do Sul, foi fortemente contestada, tanto pelas famílias brasileiras como pelos colonos imigrantes, que a partir de 23 de setembro de 1873 receberam os primeiros lotes num total de 64, iniciando já no dia seguinte as derrubadas e demarcações de mais lotes coloniais. Cada lote colonial continha aproximadamente 30 hectares com a frente de 200 metros.

Encontramos referências à origem desses imigrantes europeus em FICKER (1973) e em informações obtidas através do questionário nº 1 (Anexo 8), aplicado pela autora na comunidade. Com base nestas informações, juntamente com as de FICKER, foi confeccionado a figura II, que mostra os locais de procedência dos imigrantes fundadores da Colônia Agrícola São Bento.

FIGURA - II

REGIÕES EUROPEIAS DE ORIGEM DOS POVOADORES DA COLÔNIA AGRÍCOLA DE SÃO BENTO DO SUL



ESC. 1 : 8000.000  
0 100 200

FONTE: Ficker, Op-cit. p. 55 e entrevistas realizadas p/ autora na comunidade de São Bento do Sul. 1987 - 1988

- 1 - Loberg
- 2 - Marienberg
- 3 - Hammern
- 4 - Nenhoff
- 5 - Loburg
- 6 - Neumark
- 7 - Erzgebirg
- 8 - Vogland
- 9 - Fouenstein
- 10 - Reichenberg
- 11 - Gablons
- 12 - Salzburg
- 13 - Viena

DES. J. SILVA

As primeiras levas de imigrantes à Colônia Agrícola São Bento procederam de regiões onde predominava a indústria caseira têxtil, especializada em matéria-prima, como o algodão dos Estados Unidos. Com a Guerra de Secessão, interrompeu-se o fornecimento de matéria-prima e conseqüentemente a atividade têxtil debilitou-se, forçando a população a ir para outras regiões em busca de melhores condições de vida e de trabalho. Também a concorrência da Inglaterra, com equipamentos e técnicas modernas, contribuiu para sufocar os últimos empreendimentos caseiros, o que favoreceu a emigração dessas regiões, agravadas com a miséria e o desemprego, por ocasião da guerra entre Prússia e Austria, em 1866 (FICKER, 1973).

Os imigrantes que vieram da Boêmia do Norte, do "Bochmerwald", de Reichenberg, Gablons, Neuern e aldeias vizinhas eram camponeses e dependiam dos grandes latifundiários, sendo comum famílias inteiras abandonar as suas pequenas propriedades, fugindo à perseguição fiscal, à procura de uma nova existência (FICKER, 1973).

Assim, tem-se a formação do tronco da colonização de São Bento composta na sua maioria de camponeses, de religião católica. Estes constituíam-se em um grupo de elementos, cuja religião e etnia divergiam, na sua maioria, dos colonos já estabelecidos em Joinville. Ocorreu, na fase inicial de colonização, uma separação entre as duas Colônias, com resultados negativos ao desenvolvimento inicial da Colônia Agrícola São Bento.

Os trabalhos nas obras da Estrada da Serra significaram, para grande parte dos colonizadores e, em particular de São Bento do Sul, as primeiras rendas, como trabalho assalariado, ao mesmo tempo que se organizaram as primeiras plantações e construção definitiva das casas.

Somente em 1877 a Estrada da Serra ofereceu maior conforto às Colônias. Podiam transitar da Colônia Dona Francisca à Colônia Agrícola de São Bento, carroças grandes e pequenas e veículos motorizados.

FICKER (1973) observa que as famílias mais abastadas, com destino à Colônia Agrícola São Bento, levaram em lombos de burros as suas bagagens, contendo móveis, ferramentas e utensílios, enquanto que, colônos, cujo patrimônio contava apenas com a vontade de vencer, engajaram-se à abertura de estradas, picadas e ao desmatamento. Derrubar árvores e aproveitá-las para fazer pontilhões, serrá-las para construir ranchos e suas próprias casas e móveis, foram tarefas comuns nos primeiros tempos de colonização.

A conjuntura depressiva do ciclo longo mundial (1873-1896) estimulou a emigração européia, bem como o desenvolvimento da economia interna brasileira. As circunstâncias expansionistas do movimento emigratório europeu e os interesses ligados à madeira e ao mate foram favorecidos com a presença da Estrada Dona Francisca, uma vez que a mesma significava o único meio de escoamento de riquezas para a Colônia Mater e para o porto de São Francisco. Além de representar, ao longo de sua execução, a circulação de capitais, oriundos da Província e do Império, absorveu mão-de-obra e fixou novas famílias de colonos.

Só a partir da primeira década deste século é que a região passou a contar com outras artérias de escoamento de riquezas, como a Estrada de Ferro que a partir de 1906 liga Joinville ao Porto de São Francisco e, posteriormente, São Bento do Sul e Mafra, onde se junta com a estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, integrando definitivamente a região.

Naturalmente que os tempos difíceis de formação e desenvolvimento da Colônia Agrícola São Bento estão longínquos. Tempos que enfrentaram a grilagem de terras, entre a

Provincia do Paraná e Santa Catarina, tempos dos privilégios comerciais do mate e da madeira, das dificuldades próprias do processo de acomodação dos colonos (demarcações, desbravamento de matas e abertura de estradas).

#### 4. A Exploração e Comercialização do Mate e o Desenvolvimento da Colônia

A ligação da Colônia Dona Francisca ao planalto, pela "Estrada da Serra" constituiu-se num dos fatores decisivos para a evolução econômica das colônias.

A pequena produção mercantil, baseada nos produtos, como o trigo, centeio, batatas, frutas e verduras, era intensamente comercializada localmente e nos dois maiores centros, próximos à região, principalmente Curitiba e Joinville.

O vai e vem de comerciantes e colonos intensificava o movimento nas estradas, levando os seus produtos dos quais a Colônia não produzia, caracterizando a integração da Colônia na divisão regional do trabalho e seu fortalecimento. Nesta fase, intensificou-se o trânsito nas estradas e surgiram pontos naturais de parada e pequenas vendas, com a finalidade de compra e venda, além da prestação de serviços como lanches, pousadas, etc.

Dentre os principais produtos levados pelos carroceiros, além da madeira e erva-mate, podem ser incluídos ainda frutas, batatas, feijão, etc. Na volta traziam para a Colônia produtos como sal, cachaça, melado, combustível, etc. Em Campo Alegre, São Miguel e Pirabeiraba, localizavam-se as principais vendas. Ainda hoje encontramos vestígios destes pontos e algumas vendas.<sup>(3)</sup> (Informações obtidas pela autora em 1987).

Neste sentido, percebe-se que as povoações ao longo da estrada, tiveram maior desenvolvimento, como Campo Alegre, Oxford e Lençol, tirando maior proveito com a extração da madeira e do mate.

Segundo FICKER, Campo Alegre não teve influência da Colonização alemã. As famílias ali radicadas eram nacionais, de procedência do Paraná. Dedicavam-se à criação de gado e principalmente à atividade ervateira, que foi estimulada com a abertura da Estrada Dona Francisca. Campo Alegre diferenciava-se dos núcleos Oxford e Lençol, os quais a partir de 1876 eram formados por grupos de colonos imigrantes, procedentes da Boêmia do Norte, de Gablons e Reichenberg, da Alemanha, e que dedicavam-se à agricultura, tendo a atividade ervateria, como função complementar. Por volta de 1880, estabeleceram-se, na região, com 2 engenhos de erva mate, um em Oxford e outro em Lençol, os Senhores Alvaro Nobrega e Alfredo Canac (FICKER, 1973). Este, de procedência de Morretes, estado do Paraná, mais tarde participou, em Joinville, da fundação da Companhia Industrial Catharinense, em 1891.

Dez anos após a sua fundação, em 21 de maio de 1883, a Colônia Agrícola São Bento era levada à categoria de Vila e, em janeiro de 1884, a lei número 1.030 criou o município de São Bento do Sul. Elevou-se à categoria de cidade, após cinco décadas, precisamente em 31 de março de 1938.

Como já vimos, as localidades ao longo da estrada tiveram notável progresso. Campo Alegre possuía casas de negócios importantes, mantendo relações diretas com Rio de Janeiro. Toda esta dinâmica girava em torno da exploração do mate, chegando-se a construir engenhos de beneficiamento do produto, além de tanoeiros, ferrarias e três importantes marcenarias, as quais acumularam capitais que mais tarde

gerariam os primeiros estabelecimentos, independentes dos grandes capitais do mate.

O quadro estatístico a seguir relata a produção industrial, entre fábricas, engenhos, olarias e outros, além da produção agrícola, durante o ano de 1894, em São Bento do Sul.

A tabela II referente à produção econômica de São Bento em 1894 apresenta grande destaque, principalmente no que se refere à produção manufatureira e de beneficiamento, em detrimento da lavoura, que absorveu apenas 21,18% da produção geral, quando o beneficiamento detém 56,49%, sendo 43,12% representado pelos engenhos de erva mate.

Dentre os produtos agrícolas devemos destacar o milho, com 14,53% do valor total de São Bento.

Mas o que surpreende, segundo os dados obtidos, refere-se ao valor das transformações, que alcançaram 22,33% do total. Vale destacar aqui as fábricas de tamancos com destino à exportação. Segundo informações orais (Otto Roesler, Francisco Paulo Kaesemodel, entre outros) as 3 fábricas de tamancos produziam para os países europeus, com destaque à Holanda. Estas fábricas aproveitavam os resíduos de madeira das serrarias e produziam apenas a base do tamanco (solado), sendo os mesmos complementados nas regiões consumidoras, da melhor maneira que lhes convinha.

As ferrarias apresentam um excelente desempenho, 3,87% do total. Os ferreiros atendiam principalmente aos carroceiros, em geral e, em particular, aos transportadores de erva-mate, estimulados com a produção na região.

Por outro lado, as marcenarias também apresentaram bom desenvolvimento (2,32% do total), demonstrando, já no final do século, a sua importância no processo da transformação da matéria-prima básica da região.



## TABELA II

Produção da Indústria e Lavoura e seu respectivo valor, em São Bento, no ano de 1894.

LAVOURA		VALOR	% Rel.V.Geral
Centeio, Produzido	20.000 alqueires,	Rs 60:000\$000	6,19
Milho, Produzido	50.000 alqueires,	Rs 150:000\$000	14,53
Feijão, Produzido	1.000 alqueires,	Rs 6:000\$000	0,58
Cevada, Produzido	200 alqueires,	Rs 600\$000	0,05
Batata l. "	500 alqueires,	Rs 2:000\$000	0,19
T O T A L		Rs 218:600\$000	21,18

BENEFICIAMENTO		VALOR	% Rel.V.Geral
3 Engenhos de erva mate	90.000 arrdbas	Rs 445:000\$000	43,12
8 Engenhos Serrarias		Rs 48:000\$000	4,65
7 Moinhos cereais		Rs 50:000\$000	4,84
4 Cortumes		Rs 40:000\$000	3,87
T O T A L		Rs 583:000\$000	56,49

TRANSFORMAÇÃO		VALOR	% Rel.V.Geral
3 Cervejarias Prod.	125.000 garrafas	Rs 25:000\$000	2,42
1 Fábrica de vinagre	8.000 litros	Rs 800\$000	0,07
1 Fábrica de Sabão		Rs 2:000\$000	0,19
3 Olarias		Rs 3:000\$000	0,29
12 Sapatarias		Rs 72:000\$000	6,97
4 Selarias		Rs 4:000\$000	0,38
8 Marcenarias		Rs 24:000\$000	2,32
4 Carpintarias		Rs 18:000\$000	1,74
6 Tanoeiros		Rs 10:000\$000	0,96
12 Ferreiros		Rs 40:000\$000	3,87
3 Funileiros		Rs 12:000\$000	1,16
4 Alfaiates		Rs 7:000\$000	0,67
1 Chapelaria		Rs 2:000\$000	0,19
1 Charutaria		Rs 1:500\$000	0,14
3 Padarias		Rs 9:000\$000	0,87
T O T A L		Rs 230:300\$000	22,33

FONTE: FICKER, Carlos. São Bento - subsídios para sua história. 1973, p. 323, retrabalhada pela autora.

RUFINO (1979), em sua tese "Um Aspecto da Economia de Santa Catarina: A Economia Ervateira", também observa o grau de desenvolvimento da região e a independência do trabalho em relação ao capital verificado. Segundo o autor:

"enormes carroças, puxadas por quatro ou seis cavalos, subiam e desciam com pesadas cargas de erva mate e madeira, a Estrada Dona Francisca, chegando a número de oitocentas carroças no período auge da exploração do mate".

É possível identificar-se a evolução do processo quanto à independência econômica e à melhoria do padrão de vida nos vários setores da economia da região, quando o autor (FICKER, 1973), notifica a importante atuação desempenhada pelos carroceiros na vida econômica da região, quando estabeleciam preços e normas especificamente para o transporte do mate, com a formação de sindicatos em defesa de seus interesses. Como forma de apoio à principal atividade, representada pelo mate, no período que vai da última década do século passado às primeiras duas décadas deste século, proliferaram as ferrarias, as selarias, as marcenarias e carpintarias, as tanoarias, enfim, uma nova dinâmica surgiu envolvendo o trabalho e o capital, modificando inclusive a paisagem da região.

Apesar da atração exercida pelo forte comércio da erva-mate e da madeira, a lavoura teve grandes progressos na Colônia. Entre o planalto e o litoral, as colheitas de milho, feijão, batatas, etc, não coincidiam e quando havia fartura de um produto serra acima, no litoral havia escassez, e vice-versa, criando-se desse modo um comércio ativo, além dos negócios da madeira e da erva mate (FICKER, 1973).

Os primeiros tempos de exploração agrícola utilizavam a técnica de rotatividade de terras e seu trabalho tinha caráter individual ou era auxiliado pela família, (filhos, esposa). Somente, em 1883, foram enviados pela Sociedade Colonizadora, de Hamburgo, os primeiros arados a São Bento do Sul, a título de experiência. A Sociedade Literária, fundada em 1881, em São Bento do Sul, foi a principal intermediária na aquisição dos arados. Entidade esta de cunho recreativo, cultural, e instrutivo em assuntos de agricultura, que perdurou até julho de 1896, quando por motivos políticos cessaram as atividades da organização.

Outras entidades foram instituídas com o principal objetivo de promover a prosperidade em todos os setores, principalmente da agricultura, ajudar os colonos recém-chegados e guiá-los conforme a prática e importar da Europa sementes de trigo, centeio, verduras, etc. Também se faziam reuniões para comentar artigos publicados nos jornais da época, como o "Colonie-Zeitung" de Joinville e a "Gartenlaube", da Alemanha e outros periódicos especializados (FICKER, 1973). De modo que se formou uma estrutura, que caracteriza as iniciativas de empreendimentos na agricultura, até aproximadamente a primeira e segunda décadas deste século. A partir da Primeira Guerra Mundial e do declínio da economia ervateira, também percebeu-se um esgotamento nas áreas de produção agrícola, em consequência de sucessivos cultivos, além da extensão da propriedade ser pequena e não permitir o pousio, por muito tempo. WEIBEL (1958) discute a questão do tamanho de lotes e considera que:

"Uma propriedade de 25/30 hectares trabalhada de acordo com o sistema de rotação de terras é excessivamente pequena. O lote de 25/30 hectares exige que o agricultor utilize uma rotação de terras muito curta, o que esgota os terrenos mais rapidamente".

Com exceção do mate e da madeira, a atividade agrícola, tida como a principal fonte de renda dos colonos, foi cedendo espaço a outras atividades, teve impulso o artesanato, ligado à madeira, a indústria caseira, representada pelos doces (geléias) queijos, manteiga, linguças, etc.

O fato da economia local encontrar-se mercantilizada, mesmo antes da fundação da colônia (1873), por produtos como a madeira e a erva-mate, provocou o desenvolvimento precoce das atividades artesanais em detrimento das atividades agrícolas, aliás, desfavorecidas pela pobreza dos solos e relevo acidentado.

FICKER (1973), comenta:

"A lavoura e a pecuária, porém, com seu rudimentar meio de trabalho rural, foi cada vez mais substituída, primeiro pelo artesanato e a pequena indústria caseira, depois em evolução consequente, pelas indústrias racionalizadas e pelo comércio".

O crescimento, observado cinco anos após o primeiro levantamento da Produção da Indústria e lavoura no município, em 1899, reflete o franco desenvolvimento da região com quarenta e nove casas comerciais e de negócio, três fábricas de tamancos, duas fábricas de gasosa e duas de vinagre, quatro açougues, catorze botequins, além do crescimento de 50% das marcenarias, 150% das carpintarias, 58% das sapatarias, 166% das cervejarias, 166% das olarias e 75% das alfaiatarias. Os estabelecimentos de erva-mate, serrarias, curtumes e padarias permaneceram estáveis, quanto ao seu número.

## 5. Bases econômico-sociais das primeiras marcenarias

Diante das circunstâncias econômicas de São Bento do Sul e, de sua especificidade até o final do século passado, que caracterizam sua integração precoce na divisão nacional e internacional do trabalho, percebe-se o relevante desenvolvimento da pequena produção mercantil e de subsistência, em vendas e pontos de trocas ao longo das rodovias que interligam a região com Curitiba e Joinville, principais centros consumidores próximos, responsáveis pela absorção dos excedentes agrícolas. Estes centros, por sua vez, atuam na comercialização da madeira em toros ou serrada, através do porto de São Francisco, atingindo os principais centros do país como São Paulo e Rio de Janeiro e o exterior, principalmente a Europa. Além destes fatos que demonstram a precocidade da inserção da região na divisão territorial do trabalho, junta-se a atividade ervateira, com a articulação de produtores e comerciantes ao mercado platino.

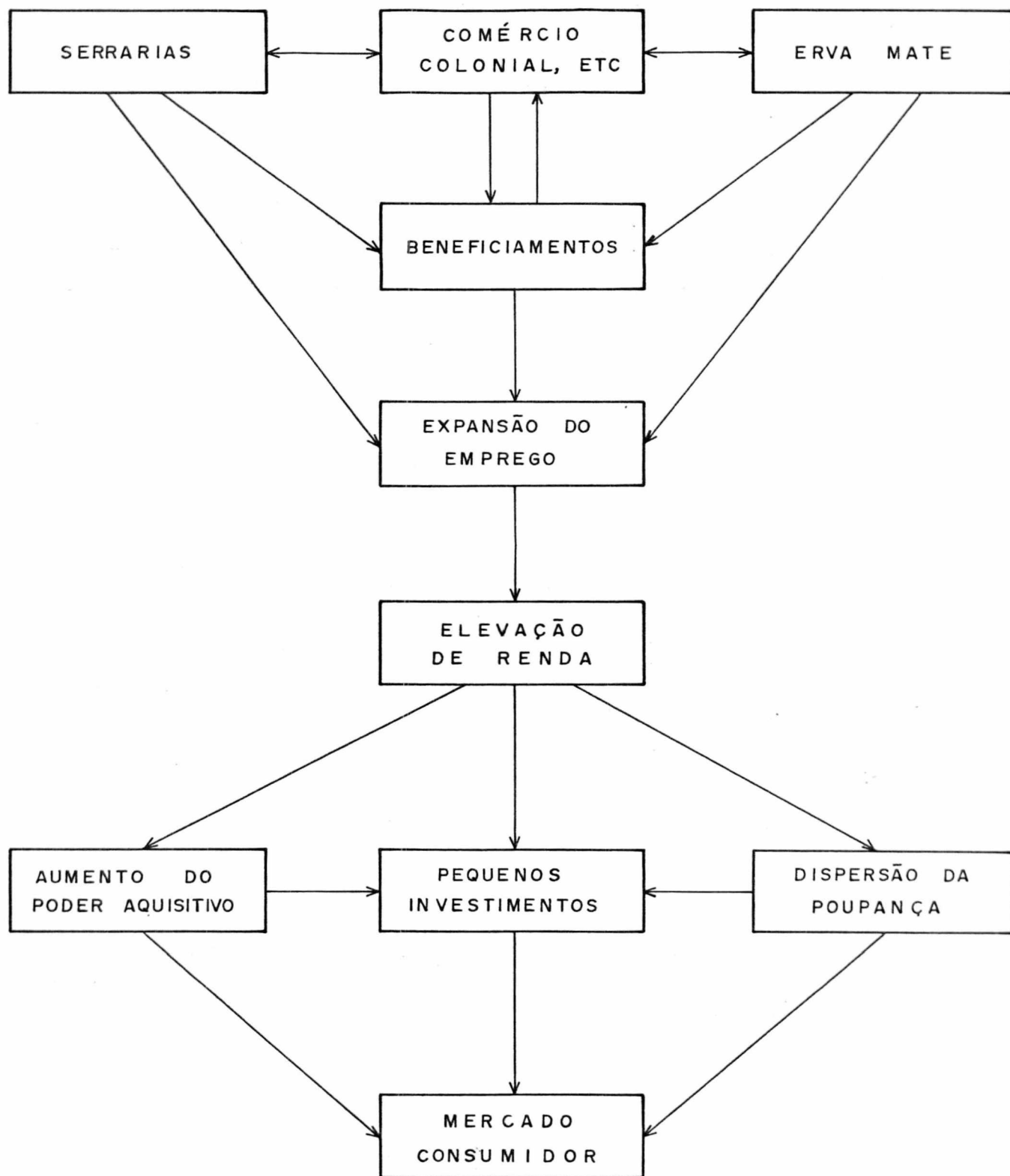
O mate, até o auge de sua expansão econômica, apresentou notável participação quanto à melhoria do poder aquisitivo da população, que direta ou indiretamente tirou proveito da situação. A atividade ervateira estimulou todas as demais atividades, através do aumento de consumo, em geral, e da aplicação de poupanças em pequenos empreendimentos, comerciais e artesanais.

Deve-se ressaltar que, a bagagem de conhecimentos técnicos, prática e hábitos dos colonos imigrantes eram superiores às famílias tradicionais brasileiras, estabelecidas na região.

Acrescenta-se a estes fatores o tamanho das propriedades, consideradas pequenas para o sistema de cultivo vigente, o que provocou práticas que esgotaram precocemente

FIGURA - III

SÃO BENTO DO SUL: BASES ECONÔMICA SOCIAIS DAS PRIMEIRAS MARCENARIAS



o solo, levando grande parte dos colonos a outras atividades, sobretudo artesanais, quando não emigravam para Curitiba, Joinville ou a outros centros urbanos próximos, já em formação.

A tabela III mostra que os produtos alimentícios não se destacaram quanto à participação na exportação, no período 1914 a 1919, apresentando quedas, ano a ano, ao contrário da erva-mate e madeira.

TABELA III

Participação da erva mate; madeira; banha; manteiga; farinha de mandioca; na exportação de Santa Catarina - (1914 - 1919)  
% sobre o valor em contos de réis de cada ano

Anos	P R O D U T O S				
	!Erva Mate!	Madeira !	Banha !	Manteiga !	!Far.Mand.!
1914	13,0	5,4	19,4	8,0	2,8
1915	6,8	2,3	14,0	5,3	11,5
1916	9,8	3,6	13,2	5,9	5,0
1917	20,0	5,6	12,9	6,0	8,2
1918	14,0	10,7	8,6	4,6	5,6
1919	27,8	9,0	13,2	5,8	5,1

Fonte: DADOS BRUTOS: Loureiro Jr. Luis - Dados sobre Exportação Catarinense - 1892 - 1920. Rio de Janeiro, Papelaria Americana, pp. 21, 25 e 27. In: Bossle p. 58.

## 6. Conclusão

Assim, a colonização alemã e austríaca de São Bento do Sul é um capítulo marcante na emigração européia da segunda metade do século XIX. A extensão de terras em matas virgens atraiu a atenção dos armadores-comerciantes de Hamburgo, com as possibilidades de vendas de terras e passagens marítimas aos camponeses europeus desenraizados.

A existência precoce de gêneros de comercialização nacional e internacional como a madeira e a erva-mate possibilitou rápida modernização ou implantação de infra-estruturas como o Porto de São Francisco, a estrada para Curitiba e, sobretudo, a Estrada Dona Francisca, muito moderna para a época. Ainda antes das primeiras atividades manufatureiras (década de 1920) a área foi beneficiada pelo ramal ferroviário Porto União -- São Francisco do Sul, da estrada de Ferro São Paulo -- Rio Grande do Sul.

Desta forma, a mercantilização e as infra-estruturas precoces, ao lado da existência de colonos abastados, mas também em lento empobrecimento, em virtude do rápido desgaste do solo, estimularam a expansão dos inúmeros artesanatos, decorrentes em grande parte da riqueza profissional da população da área.



## NOTAS

<sup>1</sup> São poucas as informações disponíveis sobre a transferência de capitais gerados pela extração da erva-mate para a indústria moveleira. Contudo, são frequentes as afirmações quanto a sua contribuição em relação ao poder aquisitivo da população com a seguinte frase "meu pai ganhou muito dinheiro com a erva-mate". Esta frase ouve-se com frequência ao mesmo tempo que, não são conhecidos os destinos destes ganhos, exceto alguns que adquiriram imóveis (terras, residências) próximos a Curitiba, principal centro de atração, para aplicação e investimentos na época.

<sup>2</sup> A produção destes estabelecimentos geralmente obedecia a um critério muito característico da região, visando ao atendimento do consumidor pelo sistema de encomendas e ao próprio consumo.

Segundo informações orais na região, em alguns destes estabelecimentos, cujo trabalho era geralmente artesanal, se revelava qualidades excepcionais. O cliente consumidor submetia-se à espera de até vários meses, para receber a sua encomenda. Os caixões de defuntos eram produzidos à noite e somente quando necessários.

<sup>3</sup> Para se ter idéia da contribuição e crescimento da região, referiu-se aos dados de FICKER (1973), devido à riqueza de informações. Os dados obtidos pela autora referem-se às transformações de pontos de vendas e pontos de trocas em estabelecimentos comerciais tipo: restaurantes, postos de combustíveis, etc. (1987-88).

## CAPITULO II

### A implantação da indústria moveleira e sua evolução até 1970-73.

#### 1. Introdução

Tanto Celso FURTADO quanto Maria Conceição TAVARES, fazem uma clara distinção quanto ao tipo de desenvolvimento industrial ocorrido antes e depois da crise do café e da Grande Depressão da década de 1930, consideram-se o desenvolvimento brasileiro, anterior à década de 1930, como um crescimento induzido pelo crescimento do setor exportador (in SUZIGAN, 1986). Na verdade, esta postura analítica é quase unânime entre os economistas, abrangendo estudiosos outros como Ignácio RANGEL (1981), Francisco de OLIVEIRA (1977), J.M. CARDOSO DE MELLO (1982), etc.

Com base nesta visão, é necessário inserir-se, no conjunto da industrialização brasileira, o processo industrial de São Bento do Sul, que se iniciou na década de 1920-30.

No que respeito à formação social das áreas de colonização européia em Santa Catarina, alguns estudiosos, dentre os quais MAMIGONIAN (1966), SEYFERTH (1974), BOSSLE (1988), destacam a colaboração dos imigrantes, notadamente os alemães e italianos. Foi de vital importância esta elaboração pelo papel fundamental da pequena produção mercantil, pelo seu envolvimento com o comércio (sistema colônia - venda) e com a futura indústria. Os imigrantes eram portadores de conhecimentos técnicos e experiências empresariais trazidas de seu país de origem, redefinindo assim uma nova posição econômica em Santa Catarina, dentro do modelo de desenvolvimento brasileiro de substituição de importações.

A população imigrante em Santa Catarina é expressiva (ver Tabela IV), sendo que as maiores concentrações destes imigrantes ocorrem no nordeste do Estado e Vale do Itajaí, surgindo, nestas áreas de colonização, os maiores centros econômicos e de negócios. Assim, por exemplo, "Praticamente toda a indústria têxtil e mecânica do estado se localiza nas regiões de colonização alemã" (MAMIGONIAN, 1965).

São Bento do Sul se inclui nesta dinâmica, inicialmente voltada ao beneficiamento e transformação da madeira e erva mate, riquezas naturais abundantes na região. A presença significativa de imigrantes-artesãos, ligados ao trabalho da madeira, deve ser destacado como parte integrante do desenvolvimento do processo econômico.

A Tabela IV apresenta em números absolutos os estrangeiros em Santa Catarina, comparados ao total da população de 1872 a 1920.

TABELA IV

## Crescimento Populacional de Santa Catarina - 1872/1920

ANOS	População de Santa Catarina	ESTRANGEIRA	
		N <sup>os</sup> Absolutos	%
1872	143.828	15.974	11,10
1900	188.143	32.146	11,15
1920	636.605	32.138	5,04

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, ano 1, Tomo 1 e Recenseamento de 1920, Vol. IV, 1<sup>a</sup> parte, in Séries Estatísticas Retrospectiva Vol. 1, IBGE, 1987. p. 12.

O surto de investimentos em infra-estrutura, adotado a partir do início do atual século no país, contemplou o desenvolvimento industrial. Em Santa Catarina, em 1906, inaugurou-se a estrada de ferro, ligando Joinville (principal centro de comércio) ao Porto de São Francisco. Em

1913, a estrada de ferro atingiu o Planalto do Estado, interligando Rio Negrinho e São Bento do Sul ao mesmo Porto.

As idéias de Ignácio RANGEL, quanto à introdução das mudanças na formação econômica e social brasileira, ajudam a compreender o desenvolvimento industrial, observado em São Bento do Sul (RANGEL, 1981, 1982, 1987).

Nas três primeiras décadas do século XX, pôde-se contar com os elementos que caracterizaram fortes mudanças no desenvolvimento da economia regional. A produção artesanal desenvolvida em marcenarias de fundos de quintal foi transformando-se em manufaturas, tal foi o caso da Móveis Cimo (1921), Indústria Zipperer (1923), Móveis Weihermann (1925).

Segundo RANGEL, o momento em que ocorrem estas transformações, "caracteriza-se por uma substituição de importação feita em condições peculiares, isto é, via desenvolvimento do capitalismo industrial" (RANGEL, 1987), ou seja, na fase depressiva do ciclo longo industrial de 1921 a 1948.

Neste sentido acrescenta MAMIGONIAN:

"nas fases de expansão dos ciclos longos (1790-1815 / 1848-1876 / 1896-1921 / 1948-1973) o centro do sistema capitalista tem necessidade de mais matérias primas, alimentos e mercados consumidores da periferia, tendo interesse em aprofundar a divisão internacional do trabalho, bem como expandir geograficamente seu raio de atuação, inclusive incorporando novos territórios. Nesta fase são alocados grandes recursos tanto no centro como na periferia, visando a atender a expansão em curso. Nas fases de depressão dos ciclos de Kondratieff (1815-1848 / 1876-1896 / 1921-1948/ 1973 - ...), dominando o ritmo econômico do centro do sistema capitalista, vai ocorrendo uma contração das quantidades e dos preços das matérias primas e alimentos produzidos na periferia. Como os recursos em uso nas áreas periféricas estavam em parte voltados ao atendimento do comércio internacional que passou a declinar nas fases 'b' dos ciclos longos, estes recursos sob forma de terras, trabalhadores e capitais entraram parcialmente em ociosidade, tendo sido necessário procurar utilizações que lhes

dessem rendimentos, levando a economia de alguns países periféricos a se concentrarem na produção de artigos tradicionalmente importados, isto é, na produção de substituições de importação" (MAMIGONIAN, 1987).

Deste modo, proliferarva a produção artesanal nas oficinas, articulada pelo aumento da demanda e pelas facilidades de importação de bens de capital.

São Bento do Sul, segundo dados de que se dispõe beneficiou-se da conjuntura imposta pela exploração e comércio de madeira e erva-mate no período de expansão do ciclo longo 1896-1921, para, na fase depressiva -- 1921-1948 -- acelerar a produção de manufaturados, destinados a atender à demanda local e regional, substituindo importações.

## **2. Os primeiros Empreendimentos e sua evolução**

Até praticamente 1921, quando se encerra a fase de expansão do 3º ciclo longo, ou seja, a fase "a" de Kondratieff, as marcenarias da região, instaladas em sua grande maioria nos fundos das próprias residências, produziam somente para atender ao mercado local.

O aproveitamento dos resíduos de matéria-prima das serrarias, principalmente da araucária e imbuia, estimulou o aparecimento de marcenarias e carpintarias em forma de pequenas oficinas, acopladas às serrarias, por iniciativa dos proprietários das mesmas.

Nos idos de 191,3 Jorge Zipperer e Willy Jung fundaram a primeira serraria a vapor da região, denominada Jung e Cia., na localidade de Salto, com equipamentos importados da

Alemanha. O Jornal "Volkszeitung", de 4 de outubro de 1913, editado em São Bento do Sul, conta que esta firma adquiriu 130 alqueires de terras, um locomóvel de 35 PG, de origem alemã. Serras, plainas e demais máquinas seriam embarcadas em Hamburgo, para estarem montadas na localidade de Salto, antes do Natal daquele mesmo ano.

Durante quatro anos, Jung e Cia. não só trabalharam com madeira serrada, mas também com caixarias que eram exportadas pela estrada de ferro, principalmente, por Curitiba e São Paulo capital.

Em 1918, a Jung e Cia. perdeu um de seus sócios, o Senhor Willý Jung. Tomou o seu lugar o Senhor André Ehrl. Neste mesmo ano, a serraria e fábrica de caixas foram transferidas e passam a ocupar uma área junto à margem direita do Rio Negrinho, com o objetivo de se diminuir a distância entre o estabelecimento e a estação da Estrada de Ferro, principal via de escoamento da região.

A imbuia para exportação só podia ser de boa qualidade, assim, os rejeitos acumulavam no pátio das serrarias, preocupando seus proprietários, pelo não aproveitamento de tão importante matéria-prima.

Jorge Zipperer, em 1919, consultou seu irmão Martin Zipperer, que possuía uma pequena oficina de Móveis em São Paulo, sobre o melhor aproveitamento dos rejeitos de imbuia. Martin Zipperer sugeriu que se aproveitasse tal matéria-prima para a feitura de pés de cadeiras.

Nesta época, 1919 a 1921, além de experiências relacionadas com a produção de pés de cadeira, foram desenvolvidos contatos com a fábrica de cadeiras Cia Streif (São Bernardo do Campo - SP) que fabricava cadeiras em peças torneadas e as vendiam montadas. Esta Companhia não adquiriu os pés de cadeiras oferecidos pela firma A. Ehrl e

Cia, pois a Cia Streif fabricava cadeiras com madeiras de qualidades inferiores à imbuia e a preços mais populares.

Mesmo assim, a idéia de produzir cadeiras foi levada adiante e para concretizá-la foram adquiridas máquinas em São Paulo (uma serra fita, uma desempenadeira, uma plaina de 3 faces, que servia para fazer assoalho, uma tupia, uma furadeira, uma serra circular e um gerador de energia elétrica de 14 KW).

Martin Zipperer incorporou-se ao negócio de seu irmão e mudou-se de São Paulo para Rio Negrinho, trazendo, além da experiência na produção de móveis, mão-de-obra especializada (um operador em tupia, um cadereiro e um lustrador, entre outros).

O mercado consumidor de cadeiras era São Paulo, Marcondes de Andrade foi o primeiro comprador de poltronas de cinema, destinadas ao Cine "Seleta", em Santos, nos idos de 1923.

Deve-se ressaltar também que apesar da experiência, que já possuíam na produção de móveis, havia entre os operários de Martin Zipperer um yugoslavo (que falava alemão) com prática na produção de cadeiras. Em sua terra natal ele havia trabalhado em uma fábrica de cadeiras de madeira vergada e passava-lhes esta experiência<sup>(4)</sup>.

→ Praticamente na mesma época, 1920/22, as marcenarias localizadas em São Bento do Sul, estruturadas sob o modo de produção artesanal, localizadas na grande maioria em fundos de quintal, também cresceram, embora de forma diferenciada do caso acima citado.

Estes estabelecimentos encontravam-se atrelados a uma conjuntura de mercado local, favorecidos pela expansão dos negócios da madeira e erva-mate, principais produtos econômicos da região. Eles, através de poupanças ou

aquecimento do poder aquisitivo, tanto popular como da classe dos proprietários e comerciantes, aumentavam o consumo mobiliário. De maneira que a economia local, desde o início de sua formação, encontrava-se inserida na divisão regional do trabalho e, portanto, apresentava um comportamento conseqüente às oscilações do mercado destes principais produtos, enquanto que a produção de A. Ehrl e Cia, posteriormente (1944) Móveis Cimo S.A., atendia basicamente o mercado externo, como São Paulo, tornando-se praticamente independente das variações do mercado local (ver anexo 1).

→ Entretanto, apesar do lento crescimento, observou-se um salto qualitativo dos estabelecimentos. Como exemplo, a marcenaria do Senhor Carlos Bollman que, a exemplo de outras, procurava diversificar a sua produção e empregar mão-de-obra experiente.

Assim sendo, em 1920 Carlos Bollman contava com um novo colaborador, o Senhor Carlos Zipperer Sobrinho que, desde os onze anos de idade, adquiriu experiência nas diversas marcenarias da cidade<sup>(5)</sup>.

A produção de móveis sob medidas e sob encomendas desta e de outras marcenarias, com base no mercado local, permaneceu inalterada até praticamente os anos 30 a 40. Muito pouco era vendido para fora da região, sendo que Curitiba e Joinville destacavam-se como centros consumidores.

Carlos Zipperer Sobrinho, incentivado por leituras em revistas alemãs, que continham informações técnicas de como trabalhar madeira e reaproveitar rejeitos, reuniu algumas economias e adquiriu, em 1923, a marcenaria de Carlos Bollman. A partir daí, com um capital inicial de 25 mil réis, a marcenaria passou por um processo de reestruturação,



cabendo ao novo proprietário a responsabilidade das alterações que se procederam.

Motivado, como já salientamos, por literatura estrangeira (alemã) idealizou a partir do ano de 1924 uma série de novos produtos, baseados nos artefatos de madeira.

Segundo palavras de sua filha Zilda Zipperer Habowski:

"As transformações almejadas, baseavam-se na experiência de meu pai e através de literaturas provenientes da Europa, notadamente Alemanha. Nestas revistas ele descobriu entre outros a importância do nó de pinheiro para a fabricação de artefatos de madeira, diversificando a produção. Durante uma época (1930/50, mais ou menos) deixou de produzir móveis para dedicar-se aos artefatos do tipo, abajures, tijelas, da copa do nó de pinheiro (araucária), bandejas, porta guarda-napos, porta jóias, biscoiteiras, cinzeiros, etc, destacando-se nestes artefatos os trabalhos de adorno feitos com asas de borboletas. Esta matéria-prima procedia do estado do Paraná e Mato Grosso. A nível externo, o Japão foi o maior consumidor dos produtos trabalhados com asas de borboletas, seguindo-se o mercado nacional, representado pelo Rio Janeiro e São Paulo, em menor proporção Curitiba e Joinville.

Do nó de pinho se faziam esculturas de índios, animais selvagens e cabeças de Cristo, destacando-se nestes trabalhos o Senhor Hebert Weber, considerado pela comunidade um excelente artista.

As obras, ou melhor, os retalhos desta matéria-prima eram usados para fazer facas para abrir correspondência. Estas facas apresentam entalhes, como cabeças de tatu, cobras, etc"

Embora haja o pioneirismo de Carlos Zipperer Sobrinho na utilização da parte superior dos galhos do pinheiro e do nó propriamente dito na produção de artefatos, as estatísticas de 1907, IBGE, Série Retrospectiva, volume 1 p. 246, afirmam que uma fábrica em São José, estado do Paraná, já utilizava os galhos dos pinheiros na produção de cabos de vassouras e tinha-se conhecimento da potencialidade do nó de pinho, para obras de tornearia.

As alternativas, tanto produtivos como mercadológicas, propostas por Carlos Zipperer Sobrinho, exigiram o aprimoramento da técnica e preparação de mão-de-obra. Manteve-se, assim junto à fábrica, uma oficina, espécie de "escola técnica", onde se preparavam os profissionais, realizavam-se experimentos relacionados aos novos produtos, e os equipamentos e meios de trabalho necessários à manutenção da fábrica. Os depoimentos, referentes às transformações ocorridos ao longo do tempo, são interessantes e numerosos, principalmente os oriundos de trabalhadores da época, atualmente aposentados ou em outras atividades ou até mesmo donos do seu próprio estabelecimento.

As máquinas muitas vezes eram produzidas na própria fábrica. Na fábrica de Carlos Zipperer Sobrinho, esta tarefa era liderada diretamente pelo proprietário. Segundo a Senhora Zilda

"A mão-de-obra era preparada pelo meu pai. Produzíamos na própria fábrica as máquinas. De 1930 em diante foram desenvolvidos tornos semi-automáticos para a fabricação de bolinhas, para fabricar terços e bijouterias (colares, pulseiras e brincos principalmente).

Estes produtos tinham excelente aceitação no mercado nacional, destacando-se Rio de Janeiro, São Paulo, Aparecida do Norte e Curitiba. Aparecida do Norte apresentava preferência aos artefatos produzidos com bolinhas, tanto que "na década de 50, vinham buscar as bolinhas como se fosse feijão em saco. Nesta época o setor de bolinhas segurou a empresa" (ZILDA, Op. Cit., 1987)<sup>(6)</sup>.

Por outro lado, estas transformações manufatureiras, a partir da terceira década, não foram suficientes para desencadear um modo de produção independente da estrutura familiar, com base na mão-de-obra prática e experiente, apesar das perspectivas mercadológicas que se criaram. Não se querendo com isto, ignorar a habilidade técnica adquirida

na maioria dos casos, através da prática, nestas primeiras décadas do processo embrionário na região.

Segundo as informações e depoimentos, as marcenarias e carpintarias, embora tenham desenvolvido papel de complementariedade de renda de muitos colonos artesãos, atendiam o consumo do mercado local e regional neste período, estimando-se em torno de trinta a quarenta marcenarias, somente em São Bento do Sul, até a década de 40 e 50.

De modo geral, estes estabelecimentos se localizavam nos fundos de quintais, alguns junto a Serrarias, por iniciativa dos proprietários ou madeireiros, visando ao aproveitamento de rejeitos e conseqüente ampliação de renda. Como exemplos, destacam-se a Móveis Cimo S.A., nos idos de 1921 a 1944; a Fábrica de Móveis Leopoldo, fundada em 1948, Serraria Jung e Cia., Zschoerper. Estes estabelecimentos usufruíam da infra-estrutura das serrarias, diferenciando-se das oficinas de marcenarias de fundo de quintal. Estas marcenarias, acopladas às serrarias, dispunham da matéria-prima já beneficiada além da farta mão-de-obra, ao passo que as marcenarias de fundo de quintal tornavam-se dependentes destes estabelecimentos, para o beneficiamento da matéria-prima e dispunham apenas da mão-de-obra familiar (ver anexo 2).

Em todo o caso, nos dois tipos de estrutura, usavam-se recursos ociosos, naturais e de força de trabalho familiar, aparecendo também a tendência acentuada com relação à herança profissional, onde o filho segue a profissão do pai e assim sucessivamente. O desenvolvimento deste segmento é muito rico de exemplos, mas apenas deteve-se em alguns casos que se documenta entre 1987 e 1989, como elementos precursores da indústria moveleira na região<sup>(7)</sup>;

1. Neto de imigrantes alemães, procedentes das cidades de Reigenberg e Bonerwalt, Austria, o senhor Otto Roesler Filho, nasceu em São Bento do Sul em 1912, iniciando o seu aprendizado de marceneiro aos 14 anos de idade, na Fábrica de Carlos Zipperer sobrinho, (fábrica de móveis e artefatos de madeira). Trabalhou aproximadamente três anos só em troca da comida. Em 1942, tornou-se sócio da fábrica. Recebeu incentivo e orientação do avô materno (alfaiate na cidade de Boneewaldt, na Austria, e que em São Bento do Sul, por força das circunstâncias, tornou-se carpinteiro), endossado pelo pai que era marceneiro, e cujo aprendizado acontecera em Curitiba e em São Bento do Sul.
2. Em 1925, José e Guilherme Weihermann, imigrantes alemães, recém chegados, procedentes da cidade de Darfedt, estado de Minsterlands, onde exerciam a profissão de marceneiros, instalaram uma marcenaria em um galpão nas imediações da propriedade, produzindo portas, janelas, armários, camas, etc, e caixões de defuntos, atendendo basicamente o mercado local. A força de trabalho, no início da atividades, restringe-se aos dois fundadores.

Em maio de 1952, o estabelecimento sofreu a primeira transformação jurídica com a denominação de Madereira Weihermann Ltda., iniciando-se, por esta época, a fabricação de móveis coloniais em série foram pioneiros neste ramo.

3. O senhor Arnaldo Foith, filho de imigrantes alemães, iniciou o seu aprendizado de marcenaria aos 7 anos de idade, em 1939, também na fábrica de móveis de Carlos Zipperer Sobrinho. Seu pai era

tanceiro e segundo o Sr. Arnaldo, "havia muito trabalho com a exportação da erva mate".

4. Em 1938, Leopoldo Edmundo Rudnick deu início a uma marcenaria, instalada em pequeno galpão, localizado na Estrada da Serra, interior do município de São Bento do Sul. As máquinas eram movidas por tração animal.

Em 1946 o Senhor Leopoldo mudou-se para o Bairro de Oxford, construindo novo galpão. Permaneceu com a produção de móveis sob medida e sob encomendas e, em 1959, inicia a produção em série, com dormitórios, estantes e salas de jantar, em linha reta (não colonial). Em 1959, a empresa contava com 7 empregados, passando para 337 em 1972.

5. Indústrias Artefama, fundada em 1945, por Affonso Keil, Dr. Euclides de Queiroz Mesquita, Ewaldo Jungton, Francisco Kobs e Victor Keil. Antes seus fundadores trabalharam em outras empresas e em suas próprias casas em fundo de quintal, conforme depoimento da empresa em 1987.

"A empresa resolveu seus problemas relacionando às técnicas com a mão-de-obra de seus fundadores, que tinham profissão de torneiros. Trabalhavam com a madeira no fundo de quintal, houve o aprimoramento da técnica e a aquisição de novos conhecimentos. Estas técnicas passaram de pais para filhos, até hoje".

6. Fábrica de Móveis Leopoldo S.A., fundada em 1948, por Lino Zschoerper, Honório Zschoerper, Erico Pfeiffer, Alexandre Pfeiffer, Alexandre F. de Oliveira, Mário Kaesemodel e Olívia Zschoerper.

"Além dos aspectos mais objetivos como matéria-prima, recursos humanos, relativo baixo investimento de capital, o fator decisivo para ingressar no ramo moveleiro foi a tradição que proporcionou habilidades técnicas, uma vez que os pais dos fundadores eram marceneiros" (Cf. questionário).

E preciso salientar que estes empreendimentos apresentaram crescimento tímido até a segunda metade da década de 40, mais precisamente até o final da segunda Grande Guerra.

O modo de produção artesanal e o mercado local caracterizavam, no início, fundamentalmente a base estrutural destes estabelecimentos. Algumas exceções, quanto ao mercado consumidor mais abrangente, pode ser atribuído aos artefatos de madeira produzidos pela Indústria Zipperer, como já assinalou.

A partir de 1945, a hegemonia na fabricação dos artefatos de madeira em geral, inclusive com adornos de asas de borboletas foi quebrado, com o aparecimento de outros estabelecimentos, durante esta mesma década.

Os efeitos decorrentes do pós-Guerra com a rápida expansão das forças produtivas, favoreceu e estimulou o crescimento industrial, forçando o crescimento de alguns destes estabelecimentos e a instalação de outros.

Para se ter uma idéia do crescimento destes estabelecimentos e sua influência, quanto à proliferação do ramo, elaborou-se um quadro, identificando-se a data de fundação dos estabelecimentos e suas procedências, com base na experiência adquirida em estabelecimentos mais antigos.

Até 1922 existiam apenas marcenarias na região.

- 1920 - Marcenaria Carlos Bollman
- 1923 - Indústrias Zipperer S.A. (início 5 empregados - 1988 315)
- 1925 - José e Guilherme Weihermann (início 2 empregados - 1988 330)
- 1935 - Marcenaria de Leopoldo Edaundo Rudnick (1 empregado)
- 1945 - Indústria Artefama S.A. (início 3 empregados - 1988, 684)
- 1945 - Marcenaria Honório Schoerper S.A. (início 2 empregados)
- 1947 - Móveis Serraltense Ltda. (início 4 empregados - 1988, 166)
- 1948 - Fábrica de Móveis Leopoldo S.A. (início 11 empregados - 1988, 297)
- 1948 - Fábrica de Móveis Aliança (início 2 empregados, 1988, 32)
- 1949 - Fábrica de Móveis Danilo S.A. (início 3 empregados - 1988, 111)
- 1958 - Lauro Araújo Alves (início 5 empregados, 1989, 160)
- 1959 - Móveis Rudnick (início 7 empregados - 1989, 1.100)
- 1959 - Henrique Rank Ind. de Móveis Ltda. (início 12 empregados - 1988, 30)
- 1959 - Fábrica de Móveis Rank Ltda. (início 2 empregados - 1988, 92)
- 1960 - Fábrica de Móveis Pirame Ltda. (início 3 empregados - 1988, 35)
- 1965 - Ewaldo Ktzer (início 1 empregados - 1988, 22)
- 1969 - Indústria de Móveis Trem1. (início 2 empregados - 1988, 203)

influência direta

influência indireta

FONTE: Conforme questionário aplicado em empresas, selecionadas pela autora em 1987/88 e informações orais por pessoas da comunidade em 1987/88.

### 3. O Pós Segunda Guerra

Como já foi anteriormente acentuado, a produção moveleira, do período que antecedeu a segunda Guerra Mundial, transcorreu sob o modo de produção artesanal, fortemente atrelada à administração familiar; baseada na mão-de-obra prática, adquirida pela experiência; grandemente enlaçada à herança familiar, onde o pai passou para o filho o seu aprendizado, antevendo a continuidade da obra ou investimento.

Segundo MAMIGONIAN,

"para compreender a industrialização brasileira devemos considerar menos os mecanismos econômicos e mais os mecanismos sociais. A sociedade brasileira tradicional, como existia no século XIX não possuía condições internas para se auto superar e promover o crescimento industrial. Os imigrantes europeus e asiáticos que se introduziram no Brasil constituíram-se no sangue novo que faltava: inseriram-se como classe média de considerável capacidade de produção e de consumo que cresceu mais e modificou nitidamente o conjunto da vida brasileira, provocando nosso ingresso num capitalismo de tipo europeu do século XIX" (MAMIGONIAN, Armen. Notas sobre o progresso da Industrialização no Brasil, in Boletim do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1969).

Não resta dúvida de que a análise dos fatores, que promoveram a industrialização moveleira de São Bento do Sul, necessariamente passa pelo crivo: 1) da origem de sua colonização; 2) da exploração de recursos naturais da área; 3) das mudanças na economia brasileira. A colonização alemã foi rica em pequenos produtores independentes, tanto agricultores como artesãos, com experiência e capacidade de iniciativa.

"Os alemães através de sua experiência e Know-how que transferidos e postos em prática, abriram espaço ao descobrimento e criação de



novos mercados, em função do desenvolvimento capitalista" (BOSSLE, Ondina Pereira. História da Industrialização Catarinense, 1988).

No período, compreendido entre a segunda Guerra Mundial até aproximadamente 1970, aconteceu a expansão da atividade industrial moveleira na região, caracterizada principalmente pela disposição da mão-de-obra experiente, de se estabelecer por conta própria, ocorrendo a proliferação de estabelecimentos. Outro aspecto de fundamental importância encontra-se na transformação do modo e dos meios de produção, articulados pela ideologia desenvolvimentista deste período, com respeito principalmente às reformas de cunho econômico e social, com ressonância nas mais variadas camadas da população (ver anexo 3), e reflexos na melhoria do nível de vida, aumentando-se a qualificação da mão-de-obra, através de medidas assistenciais com a implantação do SESI e SENAI, e financiamentos a partir de 1952 pelo BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico).

RANGEL, por sua vez, enquadra o período em questão, evidenciando a importância dos reflexos dos ciclos longos mundiais, na economia brasileira.

"De longa data, o Brasil reage, nem poderia deixar de fazê-lo aos movimentos do ciclo longo mundial. Assim quando a economia mundial entra em fase expansiva, o Brasil reage aprofundando seus laços de divisão internacional do trabalho, o que se manifesta pela expansão das exportações e das importações. Entretanto quando a economia mundial entra em fase recessiva, a economia brasileira volta-se sobre si mesma o 'crescimento hacia adentro' dos cepalinos, adotando uma forma de substituição de importações, que também pode ser e o tem sido, uma forma de crescimento, adequada ao seu nível de desenvolvimento econômico e social." (RANGEL, 1985).

De forma que com o advento da fase expansiva do Quarto Ciclo Longo (1948/73), as condições propícias à

substituição de importações manifestada pela fase "b" do Terceiro Ciclo Longo, conforme Rangel "se mantiveram revelando considerável autonomia da economia brasileira em relação aos impulsos partidos do centro".

As considerações transcritas, referentes à dinâmica observada em nível mais abrangente, sofrem alterações quanto ao efeito observados em âmbito local, sendo que alguns elementos básicos serão necessários para se caracterizar a dinâmica da indústria moveleira em análise, tais como: formação do capital; dimensão e quantidade dos estabelecimentos; mão-de-obra e matéria-prima.

A Tabela V mostra os estabelecimentos fundados até 1969 e a evolução da capacidade de absorção da força de trabalho de cada uma delas.

A tabela V identifica os estabelecimentos fundados até 1969 e o número de empregados nos anos de 1970, 1975, 1980, 1985 e 1988.

Dos estabelecimentos industriais incluídos na Tabela V, fundados até 1969, 5 (cinco) deles juntamente com mais um, fundado em 1970, a Fábrica de Móveis Neumann Ltda., representam os estabelecimentos de maior porte do setor, em 1988.

### 3.1. Estrutura dos capitais nascentes

Uma das características no processo industrial moveleiro foi a participação das iniciativas locais, com base nas transformações de pequenas oficinas de marcenarias de fundo de quintal, com estruturas fundamentadas na utilização de investimentos de capitais modestos.

Outros gêneros como o calçadista e o de confecções, podem apresentar estruturas de capital idênticas a do gênero moveleiro.

TABELA V

Estabelecimentos moveleiros de São Bento do Sul, segundo a data de fundação até 1969 e o número de pessoal ocupado no período entre 1970 a 1988.

Ano de Fundação	NOME DO ESTABELECIMENTO	No. Empregados início Das ativ.	NÚMERO DE PESSOAL OCUPADO					% rel. de cresc.	
			1970	1975	1980	1985	1988	1970-80	1980-88
1923	Indústrias Zipperer S.A.	5	86	129	198	285	315	130,2	59,0
1925	Fábr. de Móveis Weihermann Ltda.	2	100	181	216	310	330	116,0	52,7
1945	Indústrias Artefama S.A.	3	300	480	647	626	684	115,6	5,7
1947	Móveis Serraltense Ltda.	4	120	170	132	115	166	10,0	25,7
1948	Fábrica de Móveis Leopoldo S.A.	11	242	253	281	280	297	16,1	5,6
1948	Fábrica de Móveis Aliança Ltda.	2	ND	ND	ND	ND	32	ND	ND
1949	Fábrica de Móveis Danilo S.A.	3	25	65	100	106	111	300,0	11,0
1959	Fábrica de Móveis Rank Ltda.	2	ND	ND	89	102	92	ND	3,3
1959	Móveis Rudnick S.A.	1	ND	ND	300	335	496	ND	65,3
1959	Hemrique Rauk Ind. de Móveis Ltda.	3	ND	12	ND	ND	30	ND	ND
1960	Fábrica de Móveis Pirane Ltda.	3	14	51	ND	ND	35	ND	ND
1963	Móveis Araujo Ltda.	2	ND	ND	97	132	157	ND	61,8
1965	Ewaldo Ktser	1	ND	ND	22	ND	22	ND	0,0
1968	Hakbarth Irmãos Ltda.	ND	ND	31	ND	ND	42	ND	ND
1968	Artematic S.A.	ND	ND	184	ND	ND	479	ND	ND
1968	Irmãos Fleischmann e Cia. Ltda.	ND	ND	ND	ND	ND	5	ND	ND
1969	Indústria de Móveis Tremel Ltda.	2	5	54	130	180	203	2.500,0	56,1

Fonte: Cadastro da Prefeitura Municipal, 1988

ND - Não Disponível

Em São Bento do Sul as iniciativas empresariais do gênero contam com pequenos investimentos de capital de origem local e iniciativa familiar. As Indústrias Zipperer, por serem pioneiras e as demais que surgiram posteriormente, conseguiram formar capital através de renda salarial, empréstimos com parentes mais próximos ou até mesmo (em alguns casos) desfazendo-se de bens, geralmente de natureza imóvel, para a consolidação inicial do empreendimento.

Estes estabelecimentos, na fase inicial do processo industrial, produziram suas próprias máquinas, isto é, os seus meios de produção, tradição de uma fase anterior à manufatura, que se prolongou por muito tempo. Fugiu a essa regra o caso da Móveis Cimo, de Rio Negrinho, que contou com investimento de capital e de força de trabalho especializada, já no início de sua formação (1921-22), através da junção da oficina de móveis de Martin Zipperer, de São Paulo, e a infra-estrutura da Serraria de Jorge Zipperer, que mais tarde se transformou na mais importante indústria de cadeiras da América Latina.

Não resta dúvidas de que a procedência do capital inicial das indústrias moveleiras de São Bento do Sul está ligada diretamente às marcenarias, sejam elas de fundo de quintal ou vinculadas às serrarias que, em menor proporção, desempenharam o seu papel na formação inicial do capital, por disporem de matéria-prima, beneficiada ou não, a preços bem mais acessíveis e pelo poder de barganha da sua força de trabalho, que produzia pequenos móveis (bancos, mesas, prateleiras, lavatórios, utilizando-se de rejeitos postos à sua disposição a preços simbólicos). Enfim o estreitamento na produção caseira reforçou a herança profissional e estimulou o aprendizado daqueles que, por força das circunstâncias, tornaram-se marceneiros, ou como Guilherme e José Weihermann, os quais exerciam a profissão em seu país

de origem e, aqui chegando, apenas juntaram boa vontade e muito trabalho para se estabelecerem.

Assim, a estrutura empresarial moveleira de São Bento do Sul apresenta a formação inicial do capital, alicerçado em base familiar e, conseqüentemente, local. As Indústrias Zipperer, por exemplo, retêm atualmente entre a família (esposa e três filhos do fundador) 80% do capital ordinário. Praticamente, 100% do capital ordinário da Móveis Rudnick está distribuído entre a família. As Indústrias Artefama, onde o controle acionário é da Verdal Transportes Ltda. (empresa dos administradores), apresenta hoje uma pequena dispersão do capital, sendo que a família detém apenas 29,86%. Móveis Weihermann encontra-se com seu capital mais distribuído, aparecendo, neste caso a inclusão de funcionários antigos, beneficiados pela poupança e leis trabalhistas.

A partir dos anos 70, percebe-se a entrada de uma nova fase no processo, caracterizada pela dispersão das empresas através de pequenas iniciativas, ao lado da centralização e dispersão dos estabelecimentos já existentes, fato que se discutirá mais adiante.

### 3.2. Estrutura da mão-de-obra inicial.

A disponibilidade de mão-de-obra no setor moveleiro, do período anterior a 1950 e sua influência no processo de industrialização, não incluiu apenas o contingente imigratório, mas também a estrutura de origem cultural, camponesa e religiosa dos imigrantes, provenientes do Sul e oriente da Alemanha.

No conjunto desta imigração de colonos-camponeses, encontra-se artesãos-marceneiros, carpinteiros, cervejeiros, serralheiros, funileiros, etc... Isto é uma grande riqueza artesanal que teve notável contribuição na formação de

mão-de-obra para a indústria moveleira, juntamente com a mão-de-obra excedente da agricultura (ver anexo 4).

Foi muito importante, para a formação de novos quadros técnicos, o intercâmbio que se estabeleceu com o país de origem que, através de leituras específicas do ramo, dinamizava e estimulava a criatividade no setor, até mesmo na elaboração dos instrumentos de produção e fabricação de máquinas.

Conseqüentemente, o mecanismo observado, quanto à formação da mão-de-obra, baseado em longa experiência prática e pouca formação tecnológica, que caracterizou o setor até aproximadamente 1970, continua fazendo parte da estrutura atual vigente, com menor influência. Arnaldo Foitt, proprietário da Indústria de Móveis Cascata, no município de Campo Alegre, conta que aos sete anos de idade (1939) iniciou o seu aprendizado de marceneiro na Indústria Zipperer. Segundo o entrevistado, as técnicas de produção eram desenvolvidas na própria indústria (Indústria Zipperer), havendo muita criatividade, inclusive na fabricação dos equipamentos, que eram produzidos artesanalmente. **"Pouca coisa vinha de fora e, quando vinha, era sempre da Alemanha."**(entrevista concedida à autora, em junho de 1987, na residência do entrevistado). Otto Roesler Filho, inicia o seu aprendizado com 14 anos e 8 meses de idade na Indústria Zipperer S.A. (1926), tornando-se mais tarde, em 1942, sócio da empresa. (entrevista concedida a sua neta em 1987, sob orientação da autora).

De modo que a qualificação da força de trabalho adquirida pela experiência que, sem dúvida, constitui-se, entre outros fatores, o arcabouço da formação industrial moveleira do passado, ainda se encontra presente na atual conjuntura. Apesar do ritmo de crescimento qualitativo demonstrar reais transformações no setor, notadamente no

período 1948-1973, fase de expansão do Quarto Ciclo Longo, ainda se deparava com a tradicional indicação, feita por pessoa de confiança entre o empregado e o empregador - principal meio utilizado pelas empresas em geral - para selecionar e recrutar mão-de-obra.

O método de recrutamento de mão-de-obra condizia com as peculiaridades do gênero e ao mesmo tempo satisfazia as expectativas do empregador, em relação as exigências de qualidade do produto. Mas, por outro lado, inibia iniciativas de capacitação e especialização de mão-de-obra.

Esta dinâmica, aliada à conjuntura dos períodos expansivos, por sua vez, gerou problemas no setor: elevou-se os salários da força de trabalho especializada, em detrimento da força de trabalho jovem e sem experiência, tornando-os competitivos entre as empresas, no decorrer da década de 70.

Tal procedimento, principalmente da parte do empregador, teve como consequência momentos de constrangimento entre empresários, pois quem podia pagar mais, cogitava em cooptar o empregado do vizinho, trazendo-o para o seu estabelecimento. Deste modo, ocorreu por parte da mão-de-obra mais experiente e, conseqüentemente mais qualificada, uma intensa rotatividade por entre os estabelecimentos, favorecida pelas tentadoras ofertas salariais.

Estes e outros fatores foram fundamentais para o estabelecimento de uma política de capacitação de força de trabalho, liderada pelos próprios empresários do setor, a partir do início da década de 70, culminando com a instalação do SENAI (Serviço Nacional da Indústria), que passou a se dedicar à preparação de mão-de-obra semiquificada e no início dos anos 80, com a instalação da

SENAI

FETEP (Fundação de Ensino, Tecnologia e Pesquisa) com sede em São Bento do Sul, objetivando:

- a. Promover estudos, pesquisas e projetos relacionados com o desenvolvimento tecnológico, econômico e social da região e do Estado, com prioridades para o setor ligado à madeira/móveis;
- b. Promover cursos de formação, treinamento e especialização de mão-de-obra;
- c. Desenvolver atividades ligadas ao aprimoramento e desenvolvimento das áreas administrativas e produtivas das empresas, com prioridade para o setor ligado a madeira/móveis;
- d. Desenvolver outras atividades compatíveis com os seus objetivos."

### 3.3. As matérias-primas na industrialização.

A matéria-prima básica da indústria do mobiliário de Santa Catarina, até fins da década de 60, incluía o pinho e a imbuia. Os produtos fabricados com estes recursos florestais (artefatos, móveis, esquadrias, assoalhos, etc.) apresentaram maior desenvolvimento, podendo a comercialização da madeira ser beneficiada, serrada ou em toros, para consumo interno e exportação.

A Tabela VI mostra a utilização destas e outras matérias-primas na indústria moveleira de Santa Catarina, no ano de 1974.

A proximidade das fontes supridoras de matéria-prima, entre outros fatores, explica o processo de implantação e evolução de empresas do gênero, em São Bento do Sul e região.

Conforme Diagnóstico da Indústria do Mobiliário de Santa Catarina de 1975:

"Em função da melhoria das condições de transporte o fator proximidade de fontes supridoras de matéria-prima, perde consideravelmente sua força, como fator locacional da atividade,



passando à disponibilidade de mão-de-obra qualificada, o fator locacional de maior relevância"

TABELA VI

## Matérias-Primas Utilizadas - 1974

Discriminação	% do Total de m <sup>3</sup> consumidos
1. Imbuia	39,04
2. Pinho	8,79
3. Cedro	0,12
4. Canela	0,35
5. Compensado	4,02
6. Aglomerado	4,56
7. Laminado	4,80
8. Diversos	38,32

Fonte: Pesquisa CEAG/SC, in Diagnóstico da Indústria do Mobiliário de Santa Catarina, 1975. p. 54.

#### 3.4. Os mercados consumidores iniciais.

O mercado consumidor da indústria moveleira de São Bento do Sul até, praticamente, os anos de 1950, era estritamente local e regional. O eixo São Bento do Sul Joinville e São Bento do Sul-Curitiba, identificou o raio de maior alcance da capacidade mercadológica dos estabelecimentos, salvo algumas exceções, como foi a produção de artefatos de madeira, cujo pioneirismo cabe ao fundador das Indústrias Zipperer S.A. que atingiu grandes centros como Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e até o exterior, como o Japão, principal comprador dos artefatos com adornos de asas de borboletas.

Os artefatos de madeira significaram para a indústria moveleira na região, a abertura de novos mercados

consumidores, por exemplo, Rio de Janeiro e São Paulo. A aceitação do produto gerou um aumento da demanda nos grandes centros, notadamente pelo consumo dos turistas, de tal forma que só a Indústria Zipperer diversificou a produção, chegando a uma variedade de 230 artigos de artefatos de madeira, entre os anos de 1930 a 1950.

A realidade, quanto às possibilidades de um mercado consumidor constante, do pós segunda guerra, estimulou a disposição de alguns profissionais, desvinculando-se da única indústria de artefatos de madeira da região - a Indústria Zipperer S.A. - para estabelecerem-se por conta própria, fundando seus próprios estabelecimentos. Assim sendo, surgiu em 1945 a Indústria Artefama e, em 1947, a Fábrica de Móveis Seraltense S.A., etc.

Estas indústrias, cujos fundadores já se teve oportunidade de citar, produziram paralelamente artefatos de madeira e móveis em geral, até meados dos anos 1960/70, atingindo praticamente os grandes centros, onde a presença de turistas era constante, como Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, Aparecida do Norte e toda a região Sul. Quando a produção de móveis começou a se consolidar e as expectativas de demanda se manifestavam sempre mais promissoras, com mercados consumidores na maioria dos estados brasileiros, década de 60/70, aconteceu o abandono da produção dos artefatos e o estímulo à produção de móveis em geral, determinando-se o término de um período muito rico de elementos, na história da gênese da indústria moveleira local.

Segundo depoimento nas Indústrias Zipperer, pioneira na produção de artefatos de madeira

"a produção dos artefatos não era mais rentável, o lucro era mínimo, correspondendo a 15% aproximadamente do faturamento geral da empresa, além de utilizar uma mão-de-obra muito dispersa para pouco resultado".

Com respeito a conquista de novos mercados, é necessário destacar a participação de Henri Matarasso Decorações, de São Paulo, que a partir dos anos 1960 até 1970, absorveu praticamente toda a capacidade produtiva das indústrias locais, tendo preferência à linha de móveis coloniais, promovendo, assim, o produto de São Bento do Sul. O cliente, em destaque, desenvolvia os modelos e as indústrias executavam as encomendas, caracterizando a dependência das indústrias a um único cliente. Mas, por outro lado, este mesmo cliente, por força da dinâmica do próprio sistema capitalista, ampliava os caminhos mercadológicos para os móveis e perdia de vista parte da produção destes estabelecimentos.

#### 4. Conclusão

A exemplo de cidades catarinenses, tipo Blumenau, Brusque, Joinville, entre outras, de colonização alemã, São Bento do Sul herdou de seus fundadores o espírito inovador e persistente no trabalho, com reflexos na melhoria do nível de vida.

A presença de recursos, como matéria-prima local, mão-de-obra abundante, presença significativa de artesãos hábeis a trabalhar madeira, circulação de capitais, provenientes da comercialização intensa da madeira e erva-mate, determinaram condições para o estímulo à produção de móveis rústicos, artefatos, esquadrias, etc, em pequenas marcenarias de fundo de quintal, destinada ao mercado local.

A partir do início dos anos de 1920, pequenos produtores artesãos, preocupados com a conjuntura econômica, e a queda do comércio ervateiro, atingindo diretamente a região, iniciaram a produção de móveis para o mercado externo (São

Paulo e região Sul) pela indústria Cimo, em Rio Negrinho e a produção de artefatos de madeira, em São Bento do Sul, para estes mesmos mercados que eram representados por lojas, atacadistas e consumidores finais diretos, que se desenvolvem em ritmo lento até a segunda Grande Guerra Mundial, quando se dá um grande impulso em função da fase de desenvolvimento brasileiro dos anos 40 e 50.

As mudanças econômicas e sociais do pós guerra, com modificações estruturais e a criação de facilidades para a implantação de indústrias, caracterizaram nova fase de substituição de importações no país. Esta situação repercutiu na região de forma visível através do surgimento de novos estabelecimentos, favorecidos pela capacitação da mão-de-obra e baixo investimento de capital, fatores importantes na expansão e dispersão da força de trabalho do setor.

Nesta expectativa de aumento de demanda de produtos manufaturados em geral, que se alonga até início da década de 70, os estabelecimentos se desenvolveram e proliferaram pelas mesmas condições citadas anteriormente, apenas reestruturando suas linhas de produção, de acordo com as necessidades e preferências do mercado.

Tendo em vista a enorme riqueza natural de matérias-primas regionais e a rica estrutura profissional-artesanal do setor moveleiro nos seus primeiros tempos, os estabelecimentos acabaram se multiplicando, o que constituiu para São Bento do Sul e Rio Negrinho um fator de economia de aglomeração, quanto à disponibilidade de mão-de-obra especializada, administradores, insumos, vias e meios de circulação, etc.

## NOTAS

- 4 Os dados referentes à fundação e desenvolvimento da Indústria Cimo S.A., Fábrica de Móveis em Rio Negrinho, utilizados neste capítulo, referem-se à Crônica redigida por Martin Zipperer em 1951 para o programa "MOVEIS CIMO", irradiado naquela época através da Rádio Rio Negrinho e Reproduzido na íntegra em 23/09/75 e "Reminiscência do ano 1921", também de Martin Zipperer - Rio Negrinho, 12 de janeiro de 1971.
- 5 Para a obtenção de dados e eventuais observações a respeito da marcenaria de Carlos Bollman é, posteriormente, (1923) a Indústria de Móveis Zipperer, procedemos várias visitas e entrevistas junto à Indústria no período correspondente aos trabalhos de campo (1988/89).
- 6 As "bolinhas" torneadas em madeira, destinadas especialmente para Aparecida do Norte, como se sabe, eram utilizadas para a confecção de artigos religiosos (terços) por ser Aparecida do Norte, já naquela época, centro de Romarias.
- 7 A história da gênese e evolução do processo industrial moveleiro de São Bento do Sul é muito rica, devendo aparecer no transcorrer do capítulo outros exemplos. A ausência de auxílio bibliográfico referente a este período, exige em alguns momentos a repetição de fatos, visando o melhor esclarecimento do processo.

## CAPITULO III

### Estrutura e desempenho da indústria moveleira a partir de 1970.

#### 1. Introdução

Ao analisarmos a gênese e evolução da indústria moveleira, que se estende até os fins da década de 60, faz-se necessário observar a sua conjuntura de acordo com a estrutura dos estabelecimentos, capacitação e disponibilidade de força de trabalho, matérias primas utilizadas, alternativas de contenção de custos e mercados consumidores. Naturalmente, que essa estrutura e desempenho industrial moveleiro local, encontra-se alinhada às estratégias de crescimento do país.

Segundo RANGEL (1987)

"Desde a abertura da fase 'b' do 3º Kondratieff (1921), a economia e a sociedade brasileiras vêm sendo sacudidas, muito regularmente, por movimentos aproximadamente decenais, de tal maneira que temos, em cada decênio, um primeiro quinquênio sócio-politicamente conturbado e um segundo lustro próspero e calmo. Por detrás desses movimentos sócio políticos não é difícil vislumbrar fatos econômicos fundamentais. Ora, nada há de mais fundamental no processo de desenvolvimento da sociedade brasileira, nesse período, do que o processo de substituição de importações, porque a industrialização não é um processo indiviso, mas a sequência de renovações parciais, setoriais da economia".

A figura IV mostra os Estados brasileiros que apresentam o maior número de estabelecimentos moveleiros e número de pessoal ocupado, com destaque ao Estado de São Paulo, com 30,11% dos estabelecimentos (3.225) e 39,38% da mão-de-obra (90.916). Santa Catarina, por sua vez, ocupa o 6º lugar, quanto à participação no número de estabelecimentos. Contudo, apresenta uma maior concentração da mão-de-obra, ocupando o 4º lugar (9,83%) do número de pessoal ocupado, comparando-se aos Estados de Minas Gerais e

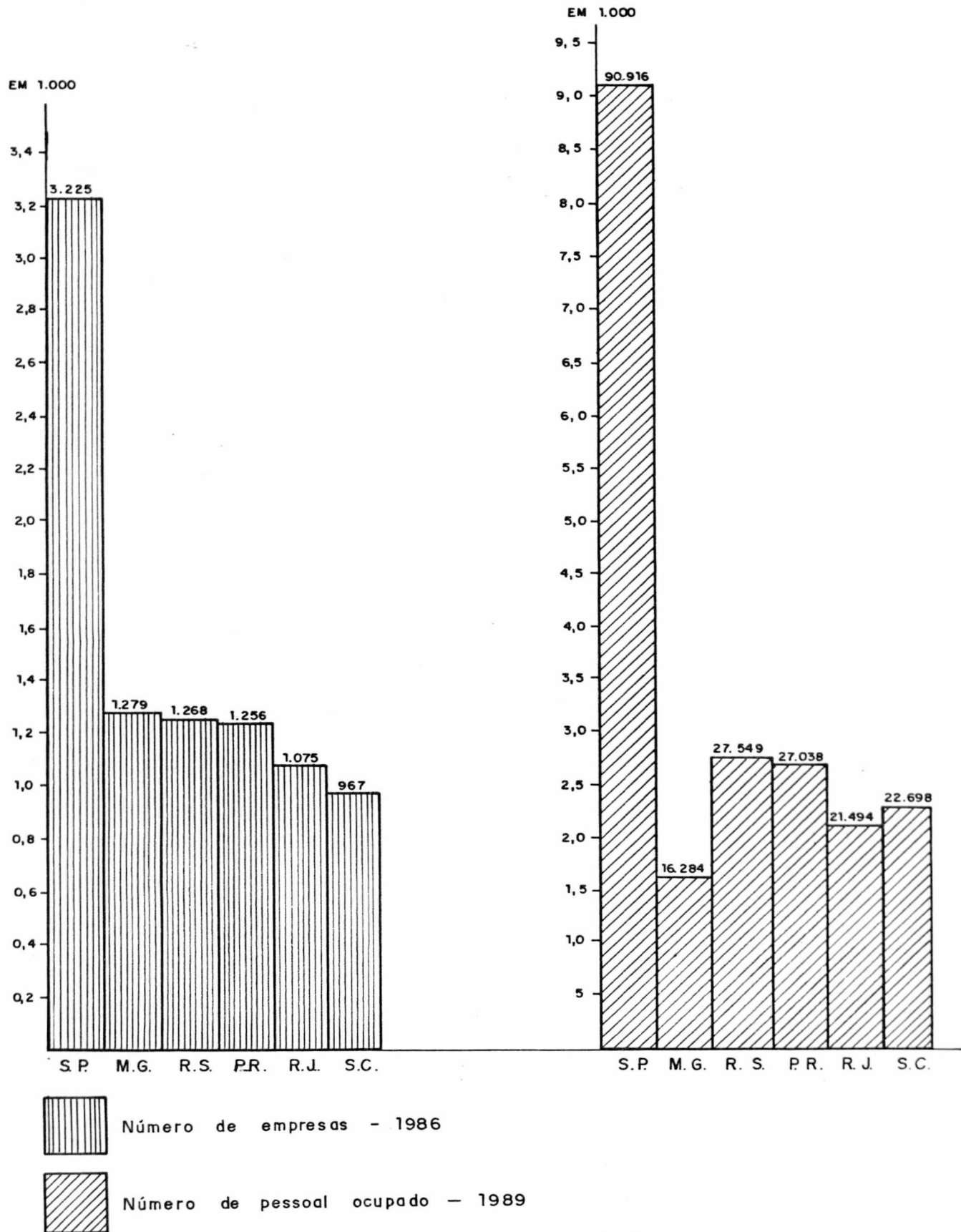
Rio de Janeiro, que ocupam o 2º e 4º lugares, respectivamente, quanto ao número de estabelecimentos.

Embora as empresas do gênero se apresentem bem distribuídas em todo o território nacional, os Estados representados na figura IV detêm maior concentração de estabelecimentos, concomitantemente com o maior desenvolvimento tecnológico, apesar da deficiência das atividades deste setor no país. O SENAI, por exemplo, entidade de maior tradição neste campo, tem desenvolvido trabalho de atualização e capacitação de mão-de-obra, especialmente na cidade de Bento Gonçalves (RS). Os demais centros de treinamento do SENAI oferecem treinamentos ultrapassados, não trazendo efetivo auxílio e apoio à indústria moveleira. Por outro lado, ressalta-se a importância da FETEP (Fundação de Ensino, Tecnologia e Pesquisa), com sede em São Bento do Sul (SC), que procura desenvolver um trabalho adequado e inovador. Em 1986, a FETEP implantou uma Escola Técnica a nível de 2º grau, apoiada pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC - direcionada às necessidades do setor, a nível regional.

Em Santa Catarina, a FETEP é uma entidade pioneira na indústria e contempla o gênero moveleiro regional com a prestação de serviços, inovações tecnológicas, lay out e qualificação de mão-de-obra. Acrescenta-se aos serviços prestados pela FETEP, as iniciativas isoladas dos empresários do gênero, através de estágios em empresas dentro e fora do país, com o objetivo de absorver tecnologias e capacitação de recursos humanos, além da informatização no processo de produção. Como exemplo, cita-se a Indústria Zipperer que, com base em modelos de empresas moveleiras canadenses, reestruturou o setor de lustração, estufas de secagem de madeiras (junto com a FETEP).

FIGURA - IV

EMPRESAS MOVELEIRAS NO BRASIL E PESSOAL OCUPADO NOS PRINCIPAIS ESTADOS



FONTE: RAIS 1986, 1989 in AFAM - C - 074 / 89 (Associação dos Fabricantes de Móveis do Brasil)



Ao mesmo tempo que se introduziu (com menor velocidade), a informatização no processo de produção e de administração, iniciou-se a feminização da força de trabalho em setores, como lustração, lixação e montagem. Atualmente estes setores absorvem 70%, 30% e 50%, respectivamente, do total da mão-de-obra no setor, promovendo uma inovação radical na indústria moveleira, caracterizada por apresentar grande concentração de mão-de-obra feminina, prática e experiente, o que não acontecia até os anos 70.

Evidentemente, em períodos de crise, aumenta a necessidade de renovação dos processos e meios de produção como também o estímulo à busca do mercado externo, justamente como uma saída da crise. Desta forma, as duas últimas décadas identificam-se com amplas reformas estruturais, tanto que São Bento do Sul torna-se responsável por 30% das exportações moveleiras do Brasil, sendo os Estados Unidos o maior comprador, seguindo-se os demais países do continente americano.

→ A estrutura empresarial moveleira local, caracteriza-se por se formar com capital local, familiar, via de regra. Os seus fundadores são os detentores do capital acionário. A nível nacional, ocorre idêntico procedimento, sendo 98,5% de empresas, formadas por capital nacional (Análise dos Setores Industriais: A Ind. do Mobiliário, 1980/81).

Dentre outros, estes indicadores devem proporcionar meios para compreensão e análise do crescimento industrial moveleiro de São Bento do Sul, a partir de 1970-73.

## 2. Estrutura das empresas e estabelecimentos

A partir do início da década de 70, a indústria moveleira de São Bento do Sul e região (municípios de Campo Alegre e Rio Negrinho) passou por transformações significativas, principalmente no âmbito da estrutura dos estabelecimentos.

Em 1969, existiam, em São Bento do Sul, 17 (dezesse- te) estabelecimentos industriais moveleiros cadastrados, dos quais apenas a Móveis Leopoldo e Indústria Artefama contava com mais de 100 (cem) empregados. Os demais estabelecimentos possuíam de 3 (três) a 50 (cinquenta) empregados. Entretanto, estima-se a existência de aproximadamente 50 (cinquenta) marcenarias, localizadas em fundo de quintal, com produção de móveis e artefatos em geral.

A tabela VII destaca, no Estado, a posição da indústria moveleira nos municípios da Micro-Região, do Alto Vale Rio Negro, nos anos de 1970 e 1980.

TABELA VII

### Situação da Indústria Moveleira da Micro Região Alto Vale Rio Negro - 1970/80

Indústrias Moveleiras	São Bento do Sul		Rio Negrinho		Campo Alegre		Relativo ao Estado	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
Nº de Estabelecimentos	28	91	5	55	5	20	4,67%	17,54%
Pessoal Ocupado	1.237	5.445	1.331	2.207	30	442	41,12%	54,31%
Valor da Produção*	3.835	97.734	3.810	37.116	2,84	7.463	45,94%	69,52%
Valor da Transformação*	2.319	56.536	2.088	21.576	1,53	3.003	49,22%	71,50%

\* Valor em mil dolares

Fonte: Censo Industrial de Santa Catarina. VIII Recenseamen- to Geral, 1970 e 1980.

Quando se analisa os valores percentuais dos municípios que integram a Micro-Região, do Alto Vale Rio Negro, no período 1970 e 1980, confirma-se a hegemonia da região em relação às demais regiões do Estado de Santa Catarina.

Outros setores da produção secundária de São Bento do Sul, que fazem parte do processo industrial deste município, merecem destaque, não só pelo nível de participação produtiva e pelo número de pessoal ocupado, mas também por serem tidos, em sua grande maioria, como estabelecimentos de grande porte ou, então, pela sua antiguidade e tradição:

1. Indústria Augusto Klimmek S.A., fundada em 1929 por Augusto Klimmek. Produz escovas de dente, escovas de cabelo, etc, pincéis, de modo geral e vassouras. Atualmente (1988), absorve aproximadamente entre 1.000 a 1.200 empregados.
2. Buschele Irmãos, fábrica de balas e chocolates, fundada em 1933.
3. Fiação São Bento S.A., fundada em 1948, produz fios de algodão e exporta para Hungria, Alemanha Ocidental, Suíça, Finlândia, etc..
4. Mecano Têxtil F. Buddmeyer, Fundada em 1952, produz toalhas felpudas (de banho, rosto, praia) e roupas. Parte de sua produção destina-se ao mercado externo, como o Chile, Venezuela, Estados Unidos, Inglaterra, Austrália, Nova Zelândia, etc.
5. Oxford S.A. Ind. e Comércio, fundada em 1953, encontra-se atualmente entre as maiores indústrias cerâmicas (louça de mesa, tipo faiança) da América Latina. Exporta para Chile, Uruguai, Canadá, Estados Unidos, Porto Rico, Libéria, França, Holanda, Austria, Suíça, Espanha, Austrália, etc.

Dentre outros estabelecimentos, estes citados destacam-se no conjunto da produção secundária e fazem parte do processo histórico industrial do município.

O gênero moveleiro, até o período da segunda guerra, apresentou tímido crescimento, no que se refere ao tamanho dos estabelecimentos (número de pessoal empregado, máquinas e investimentos de capitais).

A partir de meados da década de 40, observa-se dispersão de mão-de-obra da Indústria Zipperer e, como consequência, o surgimento de novos estabelecimentos. Em 1945, surgiu a Indústria Artefama com capital inicial de 30 mil réis e cuja força de trabalho, no início das atividades, restringiu-se aos fundadores: Afonso Keil, Victor Keil, Ewaldo Jungton, Francisco Kobs e Euclides de Queiróz Mesquita. Em 1947, fundou-se a Móveis Serraltense, com um capital inicial de 80 mil réis, a força de trabalho era apenas dos fundadores - Affonso Lutz, Eugênio Gaertner, Alfredo Treml e Otto Ritsmann.

Estes estabelecimentos, mais Weihermann (1925) e Rudnick (1935), Móveis Leopoldo (1948), tornaram-se, a partir da década de 70, estabelecimentos moveleiros de grande porte, com mais de 250 empregados, exceto a Móveis Serraltense (ver tabela V).

Para caracterizar-se o estrato de tamanho dos estabelecimentos, foram utilizados os dados do cadastro da Prefeitura Municipal de São Bento do Sul de 1988, relativo ao número de pessoal ocupado por empresa e entrevistas junto aos empresários do setor que, aleatoriamente, já possuíam o estrato do tamanho de seu estabelecimento, assim como os demais estabelecimentos da região.

Conforme a Tabela VIII, a indústria moveleira está formada, na grande maioria, por estabelecimentos de pequeno

e médio porte, ou seja, até 49 empregados, apresentando uma concentração de força de trabalho pouco expressiva, com 22,35% em 88% dos estabelecimentos, dado não surpreendente, devido à natureza do ramo, fácil dispersão de mão-de-obra e baixo investimento de capital. Os estabelecimentos com mais de 100 (cem) empregados e, coincidentemente, os mais antigos, detém 70% da força de trabalho, ao contrário dos estabelecimentos mais recentes, especialmente os de até 5 (cinco) empregados, 99% fundados a partir dos anos 80. Estes estabelecimentos (micro empresas) retomam os processos tradicionais de produção, desenvolvidos anteriormente à década de 70, com exceção de alguns que passam a desempenhar pequenas tarefas aos estabelecimentos de maior porte, tipo: 1) torneados em peças complementares (pés de cadeiras, mesas, etc.); 2) transações (assentos e encostos trançados com fios de palha); 3) lustração (pequenos estabelecimentos que se especializam em pinturas e envernizamentos de móveis em geral).

TABELA VIII

**Estrutura das Indústrias Moveleiras  
de São Bento do Sul - 1988**

Número de Estabelecimentos	Número de pessoal empregado por Estabelecimentos	Caracterização por estrato de tamanho	Relativo a força de Trabalho	Relativo ao número de Estabelecimentos
94	Até 5 empregados	Micro	3,82%	52,51%
28	6 a 19 empregados	Pequena	5,28%	30,72%
27	20 a 49 empregados		13,25%	
8	50 a 99 empregados	Média	9,66%	13,48%
16	100 a 249 empregados		39,88%	
6	+ de 250 empregados	Grande	29,81%	3,35%

Fonte: Cadastro da Prefeitura Municipal de São Bento do Sul, 1988

Paralelo à dinâmica de novas unidades de trabalho, com funções específicas, proliferaram as empresas de transporte, motivadas pelo aumento da demanda de manufaturados e das fontes alternativas de matérias-primas, localizadas distantes da cidade.

O crescimento e diversificação verificados, tanto no setor mobiliário como em setores de apoio à atividade em análise, apresentam características de pequenos estabelecimentos, com a utilização de capitais locais, provenientes quase sempre de pequenas poupanças da família que, somadas à experiência de se trabalhar a madeira, são investidos no setor. Este processo se repetiu nos momentos de expansão da economia, devido ao aumento de demanda de manufaturados em geral e em períodos de crise, com instabilidade salarial, principal fato observado durante a década de 80.

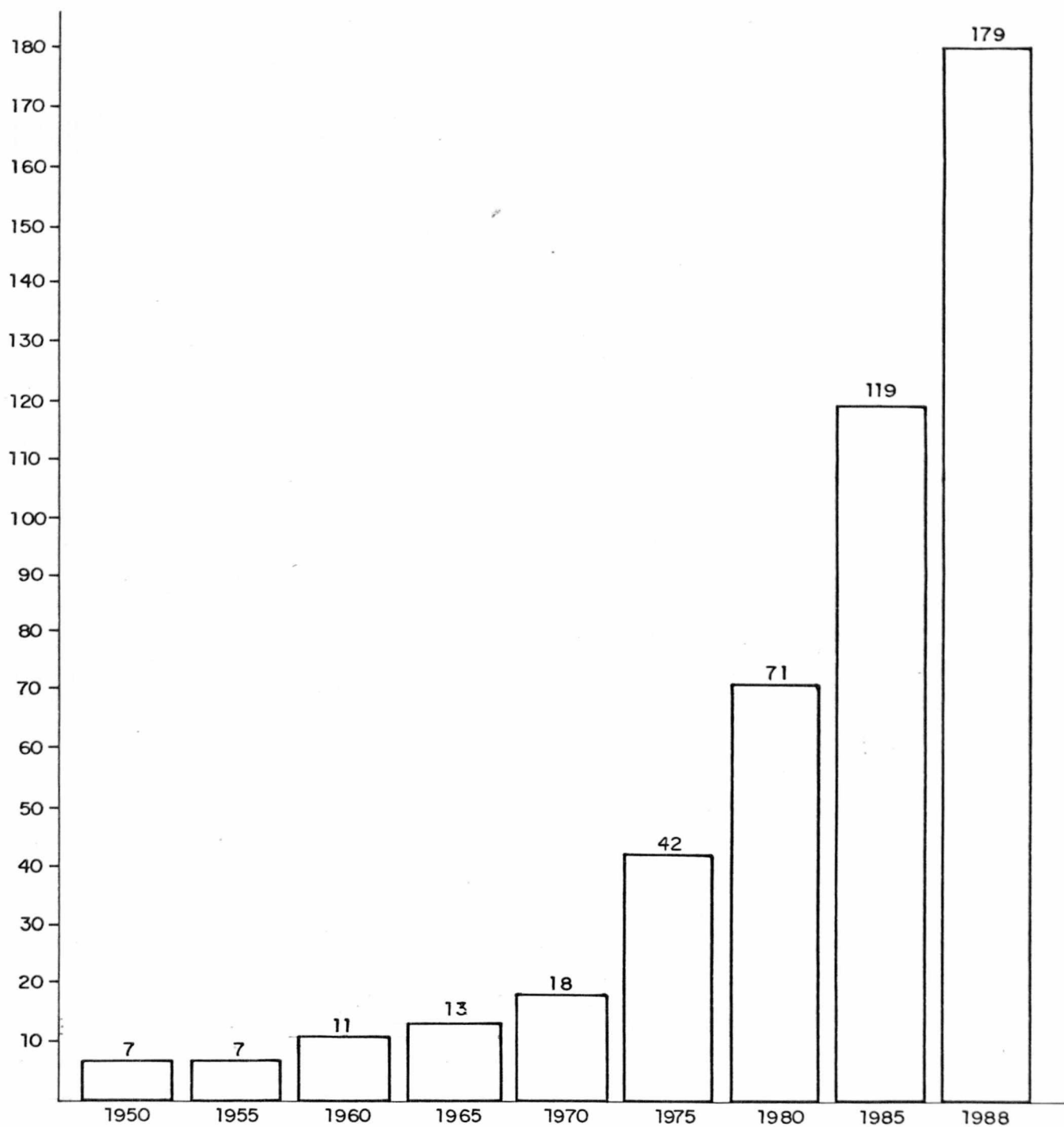
A estrutura financeira dos estabelecimentos moveleiros de São Bento do Sul, é ditada pela tradição familiar, principalmente pelas condições em que nasce o empreendimento, geralmente muito pequeno, tendo em vista o baixo investimento de capital exigido e a fácil captação de mão-de-obra experiente.

A figura V mostra o comportamento do gênero através do número de estabelecimentos no período de 1950 a 1988, podendo-se perceber, no conjunto, períodos onde o número de estabelecimentos permaneceu praticamente estável (1950-55 e 1960-65), e período em que estes números se elevaram consideravelmente, 1970-75, em razão da enorme expansão econômica do período e, a partir de 1980, sobretudo, pela saída dos operários das indústrias em função da nova conjuntura de crise.

FIGURA - V

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS MOVELEIROS EM SÃO BENTO DO SUL A PARTIR DE 1950 a 1988.

Nº DE ESTABELECIMENTO



FONTE: Prefeitura Municipal de São Bento do Sul (in relação das industrias moveleiras cadastradas na Prefeitura Municipal - 1988)

A partir dos anos 70, os estabelecimentos de grande porte apresentaram um crescimento acompanhado da incorporação de estabelecimentos de médio porte, momento em que começaram a surgir os primeiros grupos empresariais do setor, tipo: 1) Rudnick, em 1977, adquiriu a Fábrica de Móveis Alpes Ltda., especializada na produção de estantes em estilo colonial e moderno; em 1980, a Móveis Araújo Ltda., especializada em salas de jantar alto padrão; em 1983, a Móveis Artessol Ltda., especializada em mesas de bilhar de alto padrão e mesa Combo (móvel com múltipla utilidade para jogos, etc); em 1982, a Rudnick Transportes e Representações Ltda., cuja finalidade principal é o transporte dos produtos do Grupo Rudnick e, para o pleno crescimento do Grupo, é criada a Rudnick Administradora Ltda. e Show Room. É preciso lembrar que o crescimento da empresa, via incorporações, não alterou a estrutura financeira original, cabendo à família Rudnick (cinco elementos) 98,56% do controle acionário do Grupo; 2) Artefama, adquiriu a Colina Móveis, em 1980, Bavaria Móveis em 1983 e continua a família dos fundadores detendo o controle acionário da empresa, representado pela Verdal Transportes Ltda. (empresa dos administradores) com 29,86%, a família de Victor Keil com 21,79% (fundador e Presidente do Conselho), diretores, família dos diretores, fundadores e funcionários totalizando 60,3%; 3) A família Weihermann detém 40% do capital ordinário da empresa Móveis Weihermann e 31% entre dois principais acionistas. A empresa apresentou dificuldades em alguns momentos, sendo necessário, segundo notícia publicada no Jornal "A Notícia" - Joinville 25/05/76 "sucessivas injeções financeiras de 35 acionistas"; 4) A família Zipperer domina 70% do capital acionário das Indústrias Zipperer, distribuídos entre 4 acionistas, com proporções diferenciadas, assim como toda a administração da empresa: Diretor Presidente - Carlos Arlindo Zipperer, Diretora Financeira - Nícia Terezinha Zipperer, Diretora Comercial - Zilda Zipperer Habowsky (filhos do fun-



dador); 5) O quadro demonstrativo de acionistas da Fábrica de Móveis Leopoldo comporta trinta e cinco nomes, dos quais aproximadamente 60% com o nome Zschoerper e 33% do restante encontra-se distribuído entre nomes de tradição da cidade; 6) A Móveis Danilo não fugiu às características até aqui expostas, 36,89% do capital ordinário cabe ao fundador da empresa e 27,57%, ao seu filho Romeu Malschitzky, o restante encontra-se dividido entre 4 (quatro) acionistas, com percentuais diferenciados; 7) A Móveis Serraltense, com crescimento mais modesto, preservou a tradição dos demais, com o capital ordinário sob o domínio da família dos fundadores, destacando-se a família Lutz, com maior participação.

E notável a continuidade dos capitais ordinários, destas e das outras empresas, em poder da família do fundador ou fundadores, apoiado na origem da sua formação inicial, basicamente das pequenas oficinas de marcenarias, onde o investimento maior cabia à força de trabalho, representada pela própria família do artesão.

Além do crescimento das empresas por aglutinação, a partir de 70, aconteceu também a explosão de estabelecimentos, possivelmente marcada pela recessão imediatamente anterior, que "ocasionaram baixas de nossas importações e conseqüentemente grandes saldos positivos na balança comercial". (SINGER, 1985).

De qualquer forma, os novos estabelecimentos moveleiros de São Bento do Sul apresentaram comportamento semelhante, quanto ao processo de sua origem. Alguns empresários utilizaram-se de instrumentos sob a forma de crédito bancário, para compra de equipamentos e da construção do prédio. Entre eles os da Móveis Grossl, localizada no bairro de Lençol, fundada em 1972, cuja origem procede da transferência de um curtume, ramo que segundo os proprietários, encontrava-se fora das técnicas modernas, necessitando de investi-

mentos para reequipá-lo. Por este motivo, optaram em transformar o curtume em fábrica moveleira, com apenas vinte e um mil cruzados iniciais, cuja força de trabalho restringia-se aos sócios, esposas e um marceneiro convidado a integrar o grupo, utilizando-se sempre mão-de-obra experiente, proveniente de empresas maiores, com o objetivo de se absorver técnicas de trabalho. Em 1976, a empresa utilizou-se de empréstimos do BRDE, por intermédio do BADESC, para fazer a primeira expansão física da fábrica, passando, em 1977, para 82 pessoas ocupadas.

As empresas moveleiras de um modo geral, nestas duas últimas décadas, fizeram pouco uso de mecanismos, tipo empréstimos bancários, uma vez que os estabelecimentos que surgiram após os anos 70, também são estabelecimentos pequenos, com média de 5 (cinco) pessoas ocupadas no início das atividades.

Na década de 80, apareceu ainda mais acentuada esta tendência, agravada ainda mais pela crise econômica do país, principalmente no que se refere à instabilidade salarial, que provocou uma evasão da força de trabalho qualificada das indústrias. As pessoas investiram as suas economias, mais FGTS, em pequenas oficinas de marcenarias de fundos de quintal, reiniciando um novo ciclo.

Por outro lado, a leva de novos pequenos estabelecimentos surgidos em fins da década de 70 e em toda a década de 80, foram estimulados pela demanda do mercado local e regional, literalmente esquecido pelas empresas médias e de grande porte, que passaram a atender uma classe média alta de consumidores, inclusive para exportação. Deste modo, viu-se surgir novamente os artefatos de madeira e os móveis sob medida e sob encomendas, repetindo-se os métodos e modos de produção da fase artesanal, observados até aproximadamente fins da década de 60.

### 3. Características da mão-de-obra

O gênero moveleiro caracteriza-se por ocupar mão-de-obra intensiva e, portanto, com grande absorção da força de trabalho. Consta-se fácil surgimento de novos estabelecimentos, consequência direta das suas peculiaridades.

Como foi visto anteriormente, em Santa Catarina, a maior concentração de estabelecimentos moveleiros encontra-se na região nordeste do Estado, liderada pelos municípios da Micro-Região, do Alto Vale Rio Negro (Rio Negrinho, Campo Alegre e São Bento do Sul) e atraindo, para a região, recursos humanos, impulsionando a economia.

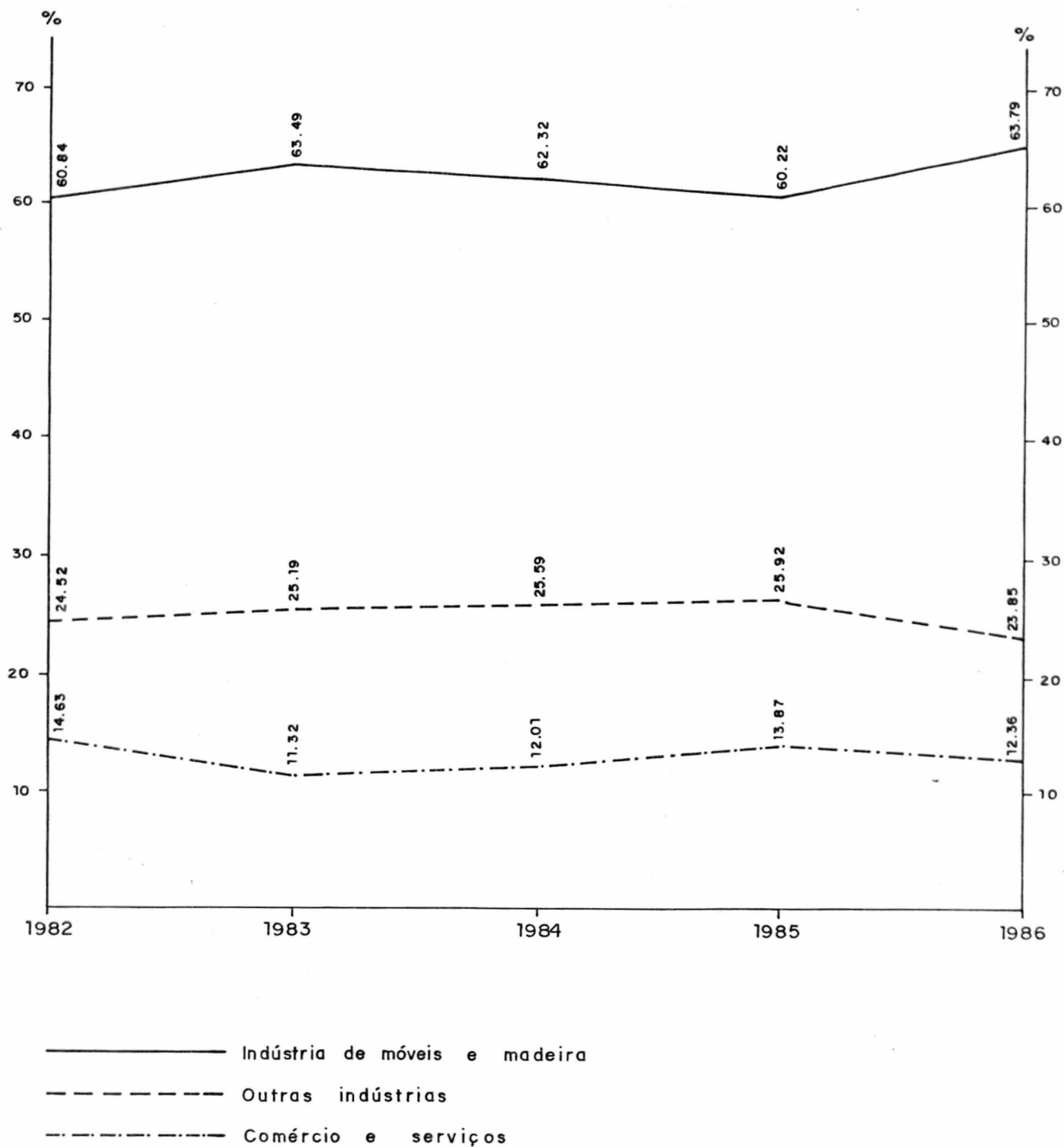
A figura VI mostra o domínio do setor de móveis e madeira em relação aos demais setores da indústria, comércio e serviços no período 1982 a 1986.

A quase totalidade dos recursos humanos das indústrias moveleiras tem longa experiência e prática mas pouca formação tecnológica.

Deve ser ressaltada a tendência acentuada à feminização da mão-de-obra, que atinge os setores de lustração, montagem e lixação. As Indústrias Zipperer, que empregam em média 70% de mão-de-obra feminina no setor de lustração, não são um caso isolado, uma vez que o mesmo procedimento é adotado em outros estabelecimentos, independentemente de seu tamanho, destacando-se, em todos os casos, o setor de lustração, como tarefa apropriada às mulheres. O mesmo acontece em estabelecimentos de fundo de quintal, onde algumas tarefas são executadas por mulheres, quer seja por serem consideradas tarefas menos pesadas, quer mesmo pela escassez de mão-de-obra.

FIGURA - VI

PESSOAL OCUPADO NA INDÚSTRIA E NO TERCIÁRIO NO MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SUL - (%)



FONTE: Movimento Econômico de São Bento do Sul, in Boletim Informativo do Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de São Bento do Sul, nº 6, 1987 p. 4.

E preciso salientar-se que somente a partir dos primeiros anos da década de 70, com a crise econômica e a política de rebaixamento de custos industriais, é que as indústrias moveleiras passaram mais intensivamente a absorver mão-de-obra feminina, e a exigir o aperfeiçoamento das técnicas masculinas.

Atualmente (1988), a mão-de-obra feminina, no setor moveleiro de São Bento do Sul, representa 38% do pessoal ocupado.

As micro e pequenas empresas utilizam a mão-de-obra feminina familiar, que na maioria dos casos não consta das estatísticas, assim como não consta o trabalho de menores de idade. Ora, os estabelecimentos pequenos, localizados em fundo de quintal, possuem uma dinâmica própria, onde a família é parte integrante do processo produtivo (ver anexo "Schier: mão-de-obra Familiar").

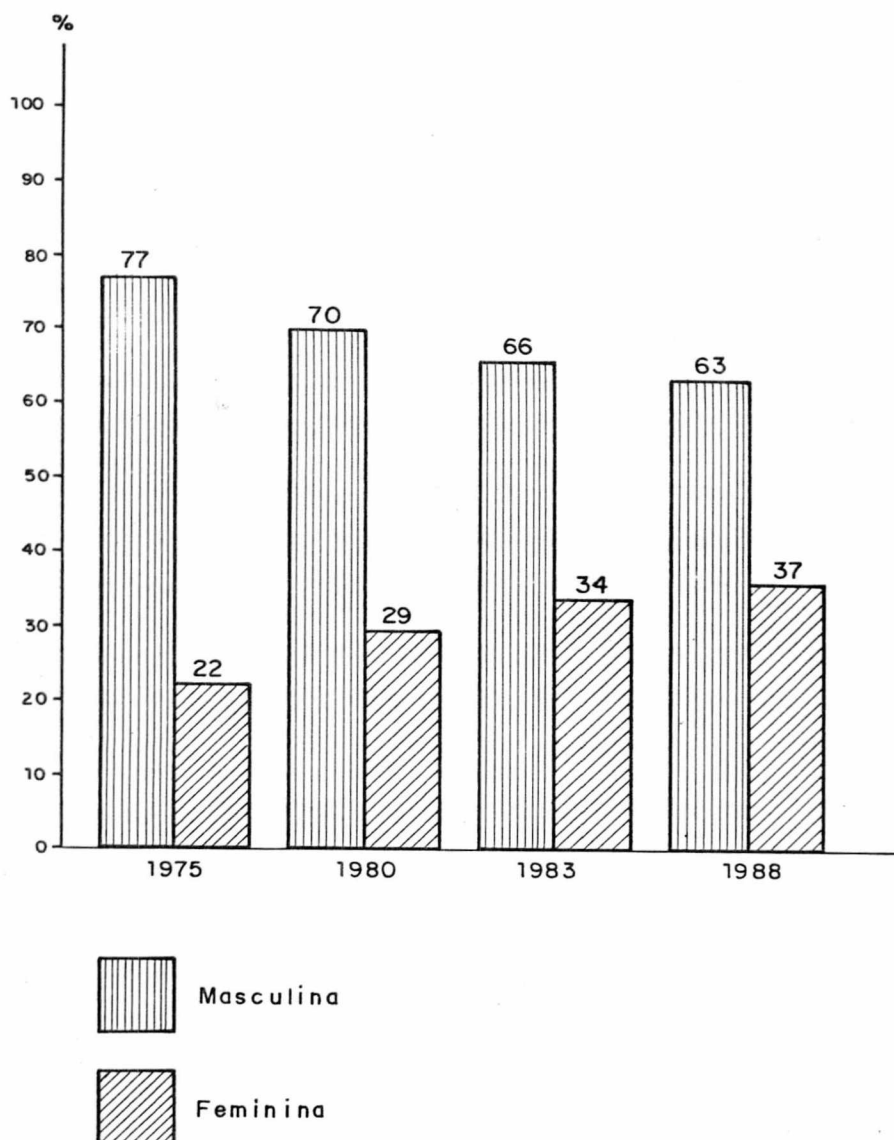
A Figura VII mostra, em percentagem, a evolução da participação da mão-de-obra feminina nas indústrias moveleiras com mais de 100 empregados, em São Bento do Sul.

Apesar das relações entre o nível e o tipo de tecnologia de produção utilizada, notadamente a partir de 1970, em que tornou-se indispensável o papel do desenvolvimento científico e tecnológico como força produtiva, o recrutamento da força de trabalho continua baseado no antigo método, por indicação de pessoas de confiança, prevalecendo como um dos mais eficazes meios de seleção e recrutamento.

Houve também escassez de mão-de-obra especializada no período chamado "milagre brasileiro" de 1968 à 1973. Segundo depoimentos de alguns empresários do setor:

FIGURA - VII

PARTICIPAÇÃO DA MÃO DE OBRA FEMININA NAS INDÚSTRIAS  
MOVELEIRAS DE SÃO BENTO DO SUL C/ MAIS DE 100 EMPREGADOS  
1975 a 1988



FONTE: Extraído dos questionário aplicados nas empresas  
pela autora - 1987 / 1988

"O período em que transcorreu a maior carência de mão-de-obra, proveniente do aumento da demanda produzida, juntamente com alterações tecnológicas, início da década de 70, significou um período de constrangimento entre os empresários do setor, caracterizado pelas ofertas salariais, que orientavam a preferência do profissional por esta ou aquela empresa. Deste modo o empregado encontrava-se influenciado pela melhor oferta, passando constantemente de uma empresa para outra". (Entrevista concedida à autora pelo empresário Affonso Lutz, em 1987).

E preciso lembrar-se que a mão-de-obra da indústria moveleira, em sua grande maioria, apresenta como formação básica a experiência e a prática, adquiridas em estabelecimentos mais antigos ou nas marcenarias de fundo de quintal. Esse quadro coloca os estabelecimentos frente a inúmeros desafios, principalmente o de introduzir novas tecnologias e de adaptá-las à nova realidade conjuntural.

Por outro lado, estes estabelecimentos industriais também realizam, individualmente, os seus programas de capacitação profissional de acordo com suas necessidades e desempenho desejados, nos mesmos moldes da primeira fase do processo industrial, isto é, agindo individualmente, preferindo continuar paulatinamente a formação de seus recursos humanos, através da experiência e prática, o que representa a tecnologia empírica.

A nível de conjunto, as formas de capacitação de recursos humanos utilizadas pelas empresas no transcorrer do período, até início da década de 80, não foram capazes de acompanhar as transformações dos meios de produção, agilizado pela substituição de máquinas sempre mais modernas, capazes de acelerar a capacidade produtiva.

Este fato é confirmado por BASTOS (1984), quando se refere à indústria brasileira:

"A quase totalidade dos recursos humanos das indústrias moveleiras tem longa experiência prática, mas pouca formação tecnológica. Este fato tem contribuído, sem dúvida, para a baixa qualidade dos produtos. Capacitação e autonomia tecnológica formam o binômio necessário para a formulação de políticas realistas e de programas concretos, com vistas a marcar etapas de nosso desenvolvimento".

O setor moveleiro não encontra, junto ao poder público, espaços para a geração e aplicação de novas tecnologias ou formação e treinamento básico, visando à reestruturação do setor com base na capacitação de recursos humanos e novos métodos de trabalho. Somente em meados da década de 70 é que se instalaram no município centros de treinamento e capacitação de mão-de-obra, por intermédio do SENAI e, mais tarde, no início da atual década a FETEP, cujos objetivos já se teve oportunidade de mostrar, e que já proporcionaram resultados positivos.

Segundo Alvaro Weiss (1984), Diretor presidente das Indústrias Artefama S.A. (fundada em 1945 e com 684 empregados em 1988):

"A empresa moveleira, convenientemente estruturada, deve observar previamente dois aspectos sumamente importantes: a) adequação tecnológica do produto e do processo de produção; b) capacitação de recursos humanos.

Para atingir esse grau de competência, são necessários uma série de investimento que a indústria moveleira, hoje, dificilmente pode assumir isoladamente. A capacitação, portanto, deve ser obtida através de convênios e ou prestações de grupos ou entidades especialmente criadas e existentes para tal fim, como é o caso da FETEP".

Em um balanço geral constata-se que a quase totalidade das empresas resolvem isoladamente os seus programas de capacitação, de forma gradual e na medida das necessidades de mercado de cada empresa. Neste caso, distinguem-se dois



tipos de mão-de-obra: 1) a tradicional do gênero, caracterizada pela prática e experiência; 2) a mão-de-obra especializada ou semi-especializada, proveniente de entidades de treinamentos, tipo SENAI, em Bento Gonçalves (RS), centro de tecnologia e pesquisa, tipo FETEP, de São Bento do Sul, que vem desenvolvendo um trabalho inovador, com laboratórios próprios de ensaio, com atuação pioneira no setor a nível de Brasil. Inclue-se, nesta última categoria, a mão-de-obra especializada através de estágios em empresas modernas, com sistemas de automação dentro das novas tecnologias. Vale dizer que a mão-de-obra especializada através de estágios, dentro e fora do país, restringe-se aos estabelecimentos de grande porte, como Rudnick, Artefama, Zipperer, Móveis Leopoldo, Weihermann, entre outras, envolvidos com um mercado consumidor de classe A e exterior, necessitando, eles, sobretudo, de adequar os seus produtos, aos padrões que permitam a segurança da qualidade desejada em qualquer ambiente (tipo secagem da madeira, envernizamentos, etc.).

O procedimento que determina a jornada de trabalho é, após o cumprimento das leis trabalhistas, o acordo que cada empresa realiza com seus empregados, executando horários e turnos que melhor lhe convém. De um modo geral, a jornada de trabalho, em 1989, foi de oito horas e 30 minutos, de segunda a sexta-feira. Nos sábados e domingos, que são disponíveis para o lazer, muitos empregados trabalham em suas residências, a fim de obterem uma complementação salarial, que proporcione maior conforto à família e a ele próprio.

Aproximadamente 60% da força de trabalho da indústria moveleira local possui casa própria (informações dos operários nas indústrias, em 1987-88). As empresas, de um modo geral, não utilizam política de moradia para empregados devido, principalmente, à fácil dispersão da mão-de-obra e à

rotatividade constante dos profissionais entre as empresas. Entretanto, são acionados outros mecanismos de assistência ao trabalhador, como passagens (operário paga 20%), quando a empresa não dispõe de ônibus próprio para trazer e levar, refeição servida na empresa, cabendo ao usuário apenas 20% do preço da refeição, assistência médica e odontológica, inclusive aos dependentes que não trabalham, além de associações esportivas e recreativas, nas grandes empresas.

#### 4. Tecnologia Utilizada

Segundo Bonsiepe (1984)

"a industrialização depende da inovação tecnológica, podendo dividir-se em três grandes áreas: 1) Inovação em formas de produtos; 2) Inovação em forma de processos de produção; 3) Inovação em forma de organização".

Historicamente a indústria de móveis no Brasil vem adotando inovações originais do exterior, seja: 1) por modelos produzidos; 2) em máquinas e equipamentos; 3) processos de produção; e 4) formas de organização.

Certamente a prática de adoção de modelos produzidos na indústria moveleira de São Bento do Sul, constituiu-se num dos fatores que proporcionaram o seu ingresso recente no mercado externo.

Conforme depoimentos de empresários do setor moveleiro da região, as transações comerciais em indústrias moveleiras com tendências à exportação, tanto a nível nacional como internacional, remontam ao início da década de 60. Primeiramente, com destaque aos centros urbanos de grande porte, como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, etc.

Ainda na década de 60, a Zipperer iniciou timidamente contatos com países como Estados Unidos, Porto Rico e Alemanha, para futuras transações comerciais.

O "sucesso" dos móveis produzidos na região, deve-se à moda dos móveis em estilo colonial (1950-60), e ao padrão de qualidade excelente na reprodução do estilo, produzidos ainda de forma semi-artesanal.

A região, deste modo, transforma-se em ponto de atração aos comerciantes de grandes centros, destacando-se Henri Matarasso Decorações, firma comercial da cidade de São Paulo, que trazia aos fabricantes moveleiros da região modelos de móveis produzidos, para vender com exclusividade em São Paulo. Henri Matarasso fazia as encomendas do modo que melhor lhe convinha e, além de impor o modelo do móvel, determinava o preço que pagaria pelo produto acabado.

Naturalmente, que o objetivo imediato dos empresários do setor visava a atender a demanda que aumentava, consideravelmente, no final da década de 60 e início da de 70, ainda que dentro de condições impostas pelo comprador (Henri Matarasso, neste caso). Mas, para consolidar o desempenho que vinha acontecendo surge, por iniciativas isoladas de empresários, a reestruturação em seus estabelecimentos com: reaparelhamento através de máquinas, ampliação de área de produção e capacitação de recursos humanos. Este último, baseado em melhores salários e estágios em empresas do gênero, nos centros maiores, uma vez que até 1977 a região não dispunha de escola especializada à capacitação de recursos humanos ou qualquer outra entidade com o mesmo objetivo. Somente em 1977, surge o SENAI que atende parcialmente as necessidades básicas do setor.

Para o estado de Santa Catarina, segundo o CEAG (1975)

"A indústria do mobiliário apresenta baixa produtividade decorrente de três fatores básicos: o nível técnico da mão-de-obra, a capacidade gerencial e administrativa e as condições das máquinas e equipamentos. O rápido crescimento gerou problemas quanto a oferta de pessoal a nível de qualificação mais elevado; as pequenas e médias unidades, por serem normalmente criadas por pessoas com pouca instrução e bom conhecimento técnico tradicional, apresentam dificuldades no desempenho de capacitação administrativa e gerencial".

Segundo o diagnóstico citado, 69,21% de seu universo pesquisado, abrangeu estabelecimentos moveleiros de São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre.

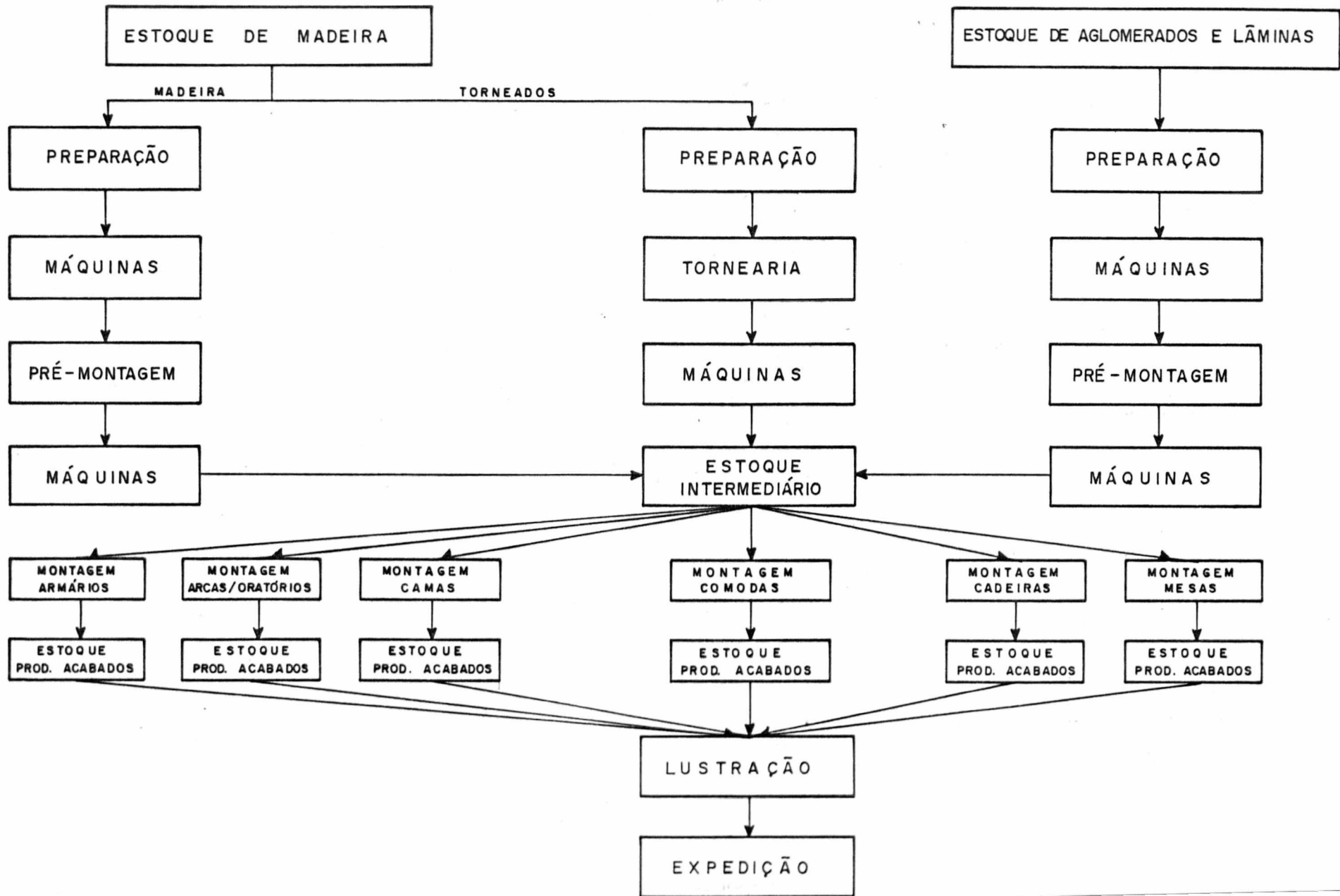
A nível local, a acumulação de renda, proveniente de altos salários pagos à mão-de-obra especializada ou prática, devido à escassez desta mesma mão-de-obra, deságua no próprio setor, sob a forma de novas unidades de produção (pequenos estabelecimentos), dando continuidade a estrutura técnica vigente, onde impera a mão-de-obra com experiência, prática e pouca formação tecnológica; característica do setor.

A figura VIII mostra o fluxograma de uma indústria de porte médio na região, conforme caracterização determinada anteriormente.

O baixo investimento de capital, necessário para a implantação de novas unidades de produção, reforça a permanência de uma estrutura tecnológica arcaica, salvo algumas exceções que fizeram uso de capitais via financiamentos do BRDE e avançaram tecnicamente, com aquisição de máquinas modernas e adequação de instalações físicas do espaço de produção, lay out, etc.

No decorrer da década de 70, a tecnologia empírica continuou alimentar a estrutura vigente e verificou-se, que

FIGURA - VIII  
 FLUXOGRAMA DA MÓVEIS SERRALTENSE (166 OPERÁRIOS) - 1989



as mudanças técnicas realizadas foram introduzidas por operários experientes mas sem formação tecnológica científica.

Para exemplificar este fato, elegeu-se a Indústria de Móveis Cimo S.A., fundada em 1918, no município de Rio Negrinho e extinta em 1981. A Indústria de Móveis Cimo S.A. configurou-se como um dos exemplos mais ricos de pioneirismo e uso da tecnologia empírica, como forma de desenvolvimento isolado, tornando-se famosa pela qualidade de seus produtos. Segundo depoimento do Senhor Paulo Gustavo Meyer, coordenador de produção da Móveis Cimo S.A., até 1981 a tecnologia empírica significou o "ponto alto da empresa"

"A Móveis Cimo S.A. tinha por princípio acatar idéias ou, como queiram, sugestões dos seus empregados, isto significou o ponto alto da empresa. Nós estudávamos como racionalizar o trabalho, desenvolvíamos máquinas, enfim, fazíamos estudos de como um movel teria menor custos e melhor conforto. Eu mesmo iniciei a minha carreira como operário e fui subindo de posto, devido a minha experiência e prática em trabalhar a madeira. Trabalhei trinta anos na empresa, parei quando a empresa parou" (entrevista realizada pela autora em julho de 1988, na residência do entrevistado em Rio Negrinho).

A Móveis Cimo S.A. significou ao longo de sua trajetória o símbolo de trabalho e progresso da região do Alto Vale Rio Negro, particularmente Rio Negrinho, município sede da empresa.

O exemplo mencionado tem por objetivo reafirmar o diagnóstico da indústria do mobiliário a nível nacional, quando afirma que:

"há um nítido predomínio de tecnologias desenvolvidas pela própria empresa e que o maior dos estabelecimentos não adquire projetos ou serviços técnicos e, ainda mais, não demonstram interesse em fazê-lo" (in Análise dos Setores Industriais - A Indústria do Mobiliário Brasileira, 1983).

A tabela IX revela o índice de aquisição de tecnologia industrial no Brasil até 1981 e, em São Bento do Sul até 1988.

TABELA IX

Obtenção de tecnologia industrial no Brasil 1981 e em São Bento do Sul 1988, em %

TIPO DE TECNOLOGIA	E M P R E S A							
	SAO BENTO DO SUL (1988)				B R A S I L (1981)			
	Pela Empresa		X		Pela Empresa		X	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Desenho de Produtos	100	0	11,73	88,27	90,5	9,5	2,2	97,8
Fluxo de Fabricação	99	1	2,79	97,21	90,1	9,9	5,4	94,6
Projetos de Instalações Ind.	99,45	0,55	1,67	98,33	74,9	25,1	13,5	86,5
Projetos de Lay Out da Fabr.	94,42	5,58	5,58	94,42	81,3	18,7	12,1	87,9

LEGENDA: X - Por Instituição de Pesquisa e Empresa de Engenharia (SBS: FETEP).

Nota 1 - A nível de Brasil foi utilizada a tabela já calculada in Análise dos Setores Industriais, op. cit.

A nível local foram pesquisados 24 estabelecimentos, todos com mais de 100 empregados.

Nota 2 - O item referente a instituição de Pesquisa e empresa de engenharia, devidamente preenchido para São Bento do Sul, refere-se a participação da FETEP (Fundação de Ensino Tecnologia e Pesquisa) que, através de seus programas, atende o setor da região do Alto Vale do Rio Negro.

A tabela citada confirma a capacidade do setor em administrar e desenvolver tecnologias produzidas na própria fábrica. Mas, por outro lado, verifica-se que uma parcela significativa destes estabelecimentos recorrem à métodos modernos ou parcialmente atualizados no processo produtivo, com destaque a estes últimos métodos.

Segundo Análise dos Setores Industriais - A Indústria do Mobiliário, 1983 "Os métodos parcialmente atualizados" indicam a existência de desenvolvimento de novos produtos de forma não sistemática, enquanto o "totalmente atualizado" indica que existe desenvolvimento de forma sistemática.

A expansão das vendas ao mercado externo, a partir dos anos 70, baseada principalmente na reprodução de modelos de encomenda, exigiu do setor novos equipamentos, sendo que a maioria deles importados, tendo como principais fornecedores a Itália, Alemanha Ocidental e Canadá.

O setor de lustração, no caso da Zipperer, obedece a um rigoroso controle de salubridade. O processo de pintura é realizado através de pistolas convencionais, máquina de cortina (laqueadeira) e máquina de rolo com túnel contínuo, segundo modelo de indústrias canadenses. Também através de acerto com empresas, desenvolvem-se pesquisas, especialmente quanto à pintura. Trabalho pioneiro foi desenvolvido com "Tintas Renner", tendo-se por finalidade, apurar melhor qualidade de acabamento.

As experiências da FETEP e a insistência na execução de seus objetivos, procurando pôr em prática concepções tecnológicas adaptadas à região, trouxe contribuição fundamental ao processo de renovação tecnológica no setor. Por mais enclausuradas que se encontrassem algumas empresas, desenvolvendo seus próprios métodos e mecanismos de introdução de novas tecnologias, tanto da parte da qualificação de recursos humanos, como da adequação da matéria-prima, visando a um melhor rendimento e qualidade do produto final, sendo beneficiadas com as iniciativas da FETEP.

O pinus, tido como uma das mais importantes matérias-primas no processo produtivo da Zipperer, recebe tratamento especial contra azulamento e a secagem da madeira obedece padrões internacionais de graus de umidade. A empresa possui, atualmente (1989), 230 metros cúbicos de estufas convencionais e a vapor, instaladas com capacidade média de secagem de 700 m<sup>3</sup>/mês. A Rudnick, além de modernas estufas, utiliza também o tradicional método de secagem ao ar livre, sendo que esta etapa de beneficiamento da madeira é



realizada na Rudnick II, numa área construída de 7.000 m<sup>2</sup>. Artefama, Weihermann, entre outras, também possuem estufas para secagem da madeira.

Apesar dos avanços tecnológicos e os esforços da FETEP, quanto à introdução de estufas e métodos mais rápidos de secagem das madeiras, a maioria das indústrias, (90% aproximadamente), utilizam a secagem ao ar livre, em espaços junto à própria fábrica ou em áreas próprias (Rudnick II).

Segundo Destro e Farinhaque (1983), professores da FETEP, o parâmetro teor de umidade na qualificação dos produtos da indústria moveleira, notadamente para aquelas destinadas à exportação, é de significativa importância:

"A madeira deve possuir um determinado teor de umidade, de acordo com o seu uso final. O teor de umidade influencia em grande parte as suas propriedades físicas e mecânicas. O teor de umidade da madeira possui um papel importante na exportação de móveis, tanto que a qualidade do móvel é prejudicada quando a madeira contrai, devido às diferenças entre a umidade de equilíbrio do ambiente de produção e ambiente de uso.

A umidade da madeira varia de acordo com as condições ambientais, temperatura e umidade do ar, ou seja, variando-se tais condições a umidade da madeira irá variar procurando o equilíbrio com o ambiente.

Para a exportação de móveis de madeira o conhecimento da umidade de equilíbrio no exterior é de suma importância, pois tem-se as médias pré-estabelecidas de umidade, as quais a madeira deverá permanecer, sem causar alterações em suas dimensões, sustentando a qualidade do produto.

Considerando a região de São Bento do Sul, onde a umidade de equilíbrio da madeira é de 14 a 17% e a região da Carolina do Norte, onde a U.E.M. é de 8%, resulta diferença de 6 a 9% na umidade de equilíbrio.

Isto significa que, ao transportar um móvel com a umidade de equilíbrio de São Bento do Sul para a Carolina do Norte, a madeira irá absorver entre 6 a 9% da umidade, causando contrações, alterações nas dimensões do conjunto, depreciando a qualidade do produto.

A introdução da inovação tecnológica referente à secagem da madeira é muito recente. Durante as pesquisas de campo, realizadas em 1988 e 1989, observou-se uma significativa alteração nos métodos de secagem, com instalações de estufas nas indústrias locais, orientadas, principalmente, pela FETEP.

Para minimizar as especulações com referência à qualidade do produto e diminuição dos custos de produção, foi implantado no âmbito da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), o Sub-Comitê moveleiro responsável por coordenar e compatibilizar as atividades de normatização dos produtos do setor moveleiro.

De acordo com empresários do setor, em São Bento do Sul:

"A inexistência de Normas Técnicas Nacionais para o setor moveleiro vem prejudicando o seu desempenho. Outros países como o Japão, França, Dinamarca, possuem um sistema integrado de normatização e certificado de qualidade." (in Boletim Informativo do Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de São Bento do Sul, nº7, 1987).

Damasceno acrescenta:

"Em dezembro de 1973 foi criado o Sistema Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial, que possui como órgão normativo o COMETRO - Conselho Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial. E como órgão executor da política traçada pelo Conselho, o INMETRO - Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial.

A ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas, funciona como o Fórum Nacional de Normalização do Sistema e é a responsável pela elaboração das normas técnicas nos campos científico, técnico, industrial e comercial. Depois de elaboradas as normas são registradas, pelo INMETRO, como Normas Brasileiras." (DAMSCENO, Angela Maria Guerra. In: Madeira/Móveis nº 1, 1983).

São Bento do Sul detém entre 25 a 30% das exportações brasileiras do gênero moveleiro, com destino a diversos países, principalmente americanos e europeus, apesar do descompasso observado no setor, pela natureza que o mesmo apresenta, fortemente alicerçado numa farta mão-de-obra prática, com pouca formação técnico-científica e das dificuldades de especialização profissional dos recursos e da aquisição e modernização de tecnologias (ver anexo V, Indústrias Artefama, a história das exportações).

##### **5. Matéria-prima: os reflorestamentos e as madeiras amazônicas**

Dentre os principais fatores para o desenvolvimento da indústria moveleira do município de São Bento do Sul, destacam-se os recursos florestais da região, representados principalmente pelo pinus (Araucária angustifolia), a imbuia (Qcotea porosa) e por várias espécies de canela. Em capítulos anteriores observou-se o grau de relevância econômica destes recursos naturais e de seu beneficiamento em serrarias, marcenarias e carpintarias da região, nos períodos que antecederam a atual fase de industrialização moveleira local.

Até aproximadamente fim da década de 60, a indústria moveleira da região e, conseqüentemente, de São Bento do Sul apresentou demanda pouco significativa, utilizando apenas a madeira disponível na região, serrada ou em toros, beneficiada pelas serrarias locais, de terceiros ou dos próprios empresários.

Com o surto de novos estabelecimentos decorrentes da conjuntura econômica favorável do país (1968-73) e o esgotamento das reservas florestais naturais regionais, emergem novas fontes de abastecimento de matérias-primas,

sobressaindo-se: 1) a política de reflorestamento regional; 2) o abastecimento proveniente de novas áreas florestais naturais da região amazônica.

Mato Grosso, Rondônia e Acre destacam-se como maiores fornecedores de madeiras (mogno e cerejeira) aos produtores de Santa Catarina, especialmente para São Bento do Sul e região, apesar dos fretes com preços elevadíssimos, ao contrário do pinus, que é reproduzido na própria região, num período relativamente curto (10 a 15 anos) para o seu aproveitamento. Contudo, as possibilidades de elevados lucros, por parte dos transportadores, fizeram surgir pequenas empresas de transporte com frota mínima (1, 2 ou 3 veículos de carga), diretamente vinculadas às empresas, tipo sócios, empregados simples, etc. Pode-se citar o caso da Verdal Transportes Ltda., dos administradores da Artefama, Transportadora Grossl, dos sócios da Móveis Grossl, além dos transportadores, proprietários de um único veículo, que atendem de forma generalizada o setor. Acrescenta-se aqui a Empresa de Transportes Dora e Rápido Sunorte, com mais de 100 empregados cada uma. Estas empresas apresentam-se quanto à sua formação estrutural, capital local, segundo o modelo tradicional verificado para as indústrias em análise.

Os móveis produzidos em mogno, cerejeira, imbuia, destinam-se ao consumidor de classe média alta, devido ao alto valor comercial que atinge, geralmente sendo produzidos pelas empresas de grande porte, por apresentarem equipamentos mais modernos e eficazes, mão-de-obra especializada e, conseqüentemente, melhor qualidade do produto acabado.

A quase totalidade das empresas de grande porte também possuem reflorestamentos (pinus, araucária) e realizam o beneficiamento através de suas serrarias, como a Rudnick II, localizada no bairro de Lençol, em uma área construída de 7.000 m<sup>2</sup>, onde beneficia as peças para o uso industrial,

utilizando técnicas imunizantes e secagem. Sob a denominação de Rudnick Agro Florestal Ltda. a empresa possui cerca de 1.000.000 de pés replantados (pinus) em área de 3.000.000 m<sup>2</sup>. A Indústria Zipperer possui reservas próprias com 92 mil metros cúbicos de madeira de lei, além de 610 mil árvores de pinus reflorestadas, distribuídas entre vários municípios do Estado, como Araquari, Joinville, Lebon Régis, Santa Cecília (serraria), Jaraguá do Sul e São Bento do Sul, totalizando 25 milhões de metros quadrados de terrenos plantados.

O pinus é a principal matéria-prima utilizada pela Zipperer, principalmente na fabricação dos produtos com destino à exportação, por ser uma matéria-prima muito versátil.

"Através de tinturas especiais o Pinus elliotis apresenta efeitos de um móvel produzido em mogno, cerejeira, imbuia, etc., além de apresentar-se como uma matéria-prima bem mais leve que as demais. Para 1987 utilizamos aproximadamente 4.000 m<sup>3</sup> de Pinus elliotis, 500 m<sup>3</sup> de imbuia, procedentes de reservas florestais próprias, distribuídas entre os municípios de Araquari, Joinville, Lebon Régis, Santa Cecília, Jaraguá do Sul e São Bento do Sul, somando 25 milhões de metros quadrados de terrenos reflorestados.

As reservas florestais próprias atingiram 92 mil metros cúbicos de madeira de lei, mais 610 mil árvores de Pinus reflorestadas." (in Perfil da Indústria Zipperer S.A., 1987).

Além destas espécies florestais, a Indústria Zipperer utilizou 120 m<sup>3</sup> de cerejeira e 250 m<sup>3</sup> de mogno, oriundos do Mato Grosso, além de madeira aglomerada 1.000 m<sup>3</sup> e lâminas 350.000 m<sup>3</sup>, procedentes do Paraná, de indústrias de grande porte (Placas do Paraná S.A., Lesler Molduras, etc.). Rudnick, além das fontes acima citadas, apresenta também como principais fornecedores a Duratex S.A. (Jundiaí - SP), Eucatex S.A. Indústria e Comércio (São Paulo - SP), Indústrias Donet S.A. (Santa Cecília - SC).

As demais indústrias apresentam um comportamento similar, quanto às suas preferências de insumos básicos. A

tabela X mostra a procedência de matéria-prima básica de 10 empresas locais, todas com mais de 100 empregados.

Segundo a tabela citada, pode-se observar que as empresas maiores, isto é, com um maior número de empregados, dispõem de fontes supridoras de matérias-primas em regiões mais distantes, como os estados de Rondônia, Acre, Mato Grosso, diversificando, assim, a produção de acordo com a espécie de madeira utilizada. Já as empresas de menor porte têm a preferência pelas fontes supridoras próximas às suas unidades de produção. \* O pinus desponta como a maior preferência dos produtores moveleiros. O grupo Batistella é um dos fornecedores mais próximos, com reflorestamento em toda a região (Mafra, Canoinhas e Lages) e detém a maior parte do mercado a nível local.

De forma generalizada, os fabricantes moveleiros do Brasil se deparam com obstáculos mais ou menos idênticos, referentes às fontes supridoras de matérias-primas, localizadas distantes das unidades de produção, que encarecem o produto pelo custo elevado do frete.

A tabela XI mostra alguns aspectos relativos à aquisição de matérias-primas no Brasil, pelas indústrias moveleiras em geral.

A nível local, constata-se que, além da acentuada concordância dos produtores moveleiros com referência aos problemas e características relativas à compra de matérias-primas, 93% das indústrias moveleiras pesquisadas utilizam *Pinus elliotis* como matéria-prima básica de produção, por apresentar-se mais barata e próxima às unidades de produção.

TABELA X

Consumo e procedência de matéria prima básica em 10 empresas do gênero moveleiro em São Bento do Sul (todas com mais de 100 empregados)

EMPRESA	Quantidade de Peças Produzidas mes	Número de Empregados 1988	MATÉRIA-PRIMA BÁSICA - EM QUANTIDADE ANUAL							
			MADEIRAS		COMPENSADOS		AGLOMERADOS		LÂMINAS	
			Quantidade	Procedência	Quantidade	Procedência	Quantidade	Procedência	Quantidade	Procedência
A	975	178	2.558 m <sup>3</sup>	SC / RO	1.342 m <sup>3</sup>	PR	417.377,76m <sup>2</sup>	Div. Estados	"	"
B	800	297	2.520 m <sup>3</sup>	SC / RO	19.959 m <sup>2</sup>	PR	57.268 m <sup>2</sup>	PR	473.798 m <sup>2</sup>	PR / SC
C	1.500	111	2.236 m <sup>3</sup>	SC	ND	ND	ND	ND	230.000 m <sup>2</sup>	SC
D	1.000	684	9.200 m <sup>3</sup>	SC/PR/RO	300 m <sup>3</sup>	PR / SC	960 m <sup>3</sup>	SP / PR	720.000 m <sup>2</sup>	PR/SC/RO/MT
E	350	315	4.870 m <sup>3</sup>	SC/MT/PR	ND	-	1.000 m <sup>3</sup>	PR	350.000 m <sup>2</sup>	PR
F	500	108	2.472 m <sup>3</sup>	SC / PR	7.810 Ch.	SC / PR	3.522 Ch.	PR	175.320 m <sup>2</sup>	SC / PR
G	4.416	98	4.200 m <sup>3</sup>	SC / PR	ND	ND	ND	ND	ND	ND
H	1.100	100	1.680 m <sup>3</sup>	SC / PR	ND	ND	600 m <sup>3</sup>	PR	360 m <sup>3</sup>	PR
I	ND	170	4.158 m <sup>3</sup>	Div. Estados	ND	ND	330 m <sup>3</sup>	Div. Estados	ND	ND
J	7.530	102	2.280 m <sup>3</sup>	SC / PR	18.000 m <sup>2</sup>	PR	5.040 m <sup>2</sup>	PR	120.000 m <sup>2</sup>	PR

ND - Não Disponível

Fonte: Dados coletados nas próprias empresas pela autora, 1987-88.

TABELA XI

**Problemas e Características Relativos  
à Compra de Matérias-Primas**

Indústria de Mobiliário:  
Fabricação de móveis de madeira, vime e junco  
Aspectos relativos à compra de matérias-primas - Brasil, 1981

ASPECTO	GENERO	GRUPO						
		Brasil	Norte	Nor- deste	Sudes- te *	São Paulo	Centro Oeste	Sul
Tenho necessidade de manter estoques das minhas principais matérias-primas	64,6	66,7	-	69,2	54,8	67,5	80,0	66,3
Utilizo um número elevado de matérias-primas no processo de produção	64,6	65,8	-	64,1	51,6	68,1	60,0	67,4
As matérias-primas que utilizo apresentam alterações na sua qualidade	58,4	61,8	-	53,8	64,5	63,3	60,0	61,6
Existe escassez das principais matérias-primas que utilizo	34,1	34,5	-	51,3	25,8	31,9	40,0	32,6
Existe sazonalidade na produção das matérias-primas que utilizo	39,3	41,8	-	38,5	41,9	39,8	40,0	46,5
Tenho problemas com continuidade de fornecimento das principais matérias-primas que utilizo	33,5	33,4	-	46,2	32,3	31,3	60,0	30,6
Dependo muito do fornecimento de matérias-primas importadas	10,8	9,4	-	10,3	9,7	9,0	0,0	8,1
Tenho um pequeno número de fornecedores para as principais matérias-primas que utilizo	65,3	65,5	-	59,0	61,3	69,9	40,0	61,6
Existe um grande número de intermediários no fornecimento das matérias-primas que utilizo	32,8	32,1	-	41,0	22,6	35,5	20,0	26,7
As minhas fontes de matérias-primas estão muito distantes	63,6	67,3	-	82,1	87,1	63,9	100,0	57,0
O custo do frete relativamente ao custo das matérias-primas é elevado	73,3	74,8	-	87,2	80,6	72,3	100,0	69,8
As condições de compra estabelecidas por meus fornecedores são, em geral, muito rígidas	74,4	74,8	-	64,1	71,0	75,3	60,0	81,4
Os prazos de pagamento que a maioria dos fornecedores me concede são bastante curtos	79,4	79,7	-	71,8	74,2	81,9	60,0	81,4

\* Excluído São Paulo.

NOTA 1 - Os valores indicam percentuais de concordância.

NOTA 2 - Neste grupo, a região Norte, embora tenha apresentado algumas empresas pesquisadas, não foi considerada nesta parte da análise, por número insuficiente de dados.

Fonte: Análise dos Setores Industriais. A Indústria do Mobiliário. Brasília, 1983. p. 153



A proximidade das fontes de matéria-prima, que motivou o processo de implantação das empresas na fase inicial de desenvolvimento, perde parcialmente seu efeito em função da melhoria das condições de transporte. Mesmo assim, a proximidade das mesmas fontes de abastecimento na atual conjuntura, justificada pelo alto custo dos fretes, como no caso do mogno e cerejeira, oriundas do norte do país, obrigam a produção de móveis de melhor qualidade e consequentemente elevação de preços.

#### **6. Mercados consumidores: o salto para o mercado nacional e internacional**

A partir do início da década de 70, a comunidade empresarial moveleira da região voltou-se ao mercado consumidor com nova mentalidade, através de alterações na linha de produção, com o objetivo principal de ampliar a área de mercado em todos os níveis. A linha colonial (com torneados), em moda nos anos 60, passou por profundas modificações com a introdução de novas matérias-primas (mogno, cerejeira, pinus) e novas técnicas de acabamento, apresentando novas formas, tonalidades diferentes, devido à utilização de novas matérias-primas e novo brilho.

A pesquisa realizada pelo Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina - CEAG, publicada em 1975, mostrou a distribuição regional da produção moveleira em percentagem do faturamento, com identificação das principais linhas de produção, cabendo à Região Nordeste do Estado, em 1970, 100% da produção de móveis escolares e de cinema, 98% de móveis de escritório, 68% da linha reta e 81% da linha colonial no conjunto de Santa Catarina. Para 1975, segundo a pesquisa, houve alterações importantes: a linha colonial passou para 96%, a linha reta para 77%. O crescimento verificado na

produção da linha reta relaciona-se em parte com o crescimento da Móveis Rudnick, que sendo tradicionalmente produtora de dormitórios e estantes em linha reta, passou de 7 empregados em 1959 para 337 em 1972, 747 em 1983 e em 1989 atinge 1.100 pessoas ocupadas. Quanto à linha colonial, destaca-se o crescimento das Indústrias Zipperer, Weihermann, Artefama e a participação dos estabelecimentos que surgiram a partir do início da década de 70.

Para o ano base de 1987 o Estado de São Paulo continuou sendo o maior consumidor da produção moveleira do Estado e, conseqüentemente, da produção de São Bento do Sul com 35% do total produzido, seguido do Estado do Rio de Janeiro com 20%, o Estado do Paraná com 13%, o Estado do Rio Grande do Sul com 9%, Minas Gerais com 7%. Os 16% restantes são absorvidos dentro do próprio Estado.

Os clientes que se destacam como maiores consumidores da linha reta, produzida principalmente por Rudnick, são procedentes de: São Paulo (como a Mappin, Commerce Desenv. Merc. S.A., na capital; Magazine Luiza S.A. em Franca, Eletrolar Wanel Ltda. em Sorocaba, no interior); Fortaleza (Lundgrem Tec. S.A.); Rio de Janeiro (Mesbla Móveis Ltda.); Porto Alegre-RS (Rede Cadeia de Lojas Ltda.); Curitiba-PR (Prosdócimo S.A. Imp. Com.) e Blumanau-SC (Intex S.A. Com. Intern.). Seus principais concorrentes encontram-se no Rio Grande do Sul, representados pela Toigo Móveis S.A. de Flores da Cunha, Móveis Carraro S.A e Móveis Ponzan S.A. de Bento Gonçalves, Fábrica de Móveis Florense Ltda. e Móveis Schornardie Ltda. de Caxias do Sul (informações cadastrais do Grupo Rudnick).

Na linha colonial, contemporânea ou moderna, independente da caracterização do produto, também se destacam os concorrentes e consumidores acima mencionados, além de outros como Hermes Macedo, Pão de Açúcar, Lojas Arapuã,

Casas Bahia, etc. O Estado de São Paulo absorve 35% da produção da Zipperer, Minas Gerais 10%, Rio de Janeiro e outros estados 15%. Vende-se pouco ao Rio Grande do Sul devido a concorrência de grandes produtores, principalmente das cidades de Bento Gonçalves e Caxias do Sul.

Para atingir estes mercados e conquistá-los, as empresas utilizam de mecanismos comuns, tipo visitas periódicas de representantes, diretamente às lojas ou cadeias de lojas. Além destes a comunidade empresarial utiliza dos serviços de empresas especializadas no comércio nacional e internacional. A Weihermann, em 1976, serviu-se da MOBREX, de São Paulo, estendendo com isto sua área de mercado às principais cidades do país e exterior, sobretudo, aos Estados Unidos.

Desde o início dos anos 80, as tradings PRIMEX e PLANOR, em 1986, operam em São Bento do Sul (esta última surgiu com capital local e experiência anteriormente adquirida na PRIMEX), intermediando em grande parte o mercado consumidor interno e externo, destacando-se Estados Unidos (maior comprador), Canadá, França, Alemanha, Porto Rico, entre outros. Este último funciona como entreposto de mercadorias, posteriormente distribuídas.

De acordo com informações obtidas em indústrias do gênero na região, as intenções de conquista do mercado externo iniciaram-se a partir de 1968, com as Indústrias Zipperer. Inicialmente, a empresa atendeu o mercado Alemão, posteriormente, Caribe e Estados Unidos.

Ainda na década de 70, as Indústrias Artefama realizaram a primeira exportação de móveis, através da trading Inter-bras, para Phoenix Overseas, da Inglaterra (Ver anexo V).

Apesar das negociações comerciais, para exportação, iniciarem-se em países europeus, como Alemanha, Inglaterra, Holanda (anexo VI), constata-se a superioridade dos Estados Unidos, Canadá e países Latino-americanos (Chile, Paraguai, Porto Rico, etc.) no volume de negociações.

A década atual apresenta uma nova dinâmica, referente à conquista de novos mercados. Os empresários do setor investem em tecnologia (qualidade) e "design", requisitos indispensáveis para o setor, visando a amenizar obstáculos, tais como o descompasso de nossa tecnologia e do nosso "design", em relação a países de marketing mais elevado e de tradição exportadora, como Itália, Suécia, Dinamarca, Iugoslávia e, recentemente, Coréia e Taiwan.

Segundo o Departamento de Produção e Mercado (DEPEM/CACEX - Banco do Brasil):

"A exportação de móveis exige técnicas, marketing apropriado, criatividade e, sobretudo, adaptação às exigências dos mercados estrangeiros, principalmente no que tange ao controle de qualidade e design. Façanha difícil, se levarmos em consideração que 60% do faturamento do setor moveleiro representam móveis populares". (in Revista Madeira/Móveis nº 2, 1984).

A tabela XII mostra a relação dos principais países exportadores de móveis aos Estados Unidos no período 1979-1981.

Os dados que contém a tabela XII revelam os principais países concorrentes no mercado americano. A indústria moveleira nacional, apesar do seu potencial, não desfruta de um lugar de destaque entre os principais fornecedores mundiais. O processo de exportação está apenas começando.

TABELA XII

Principais Exportadores de Móveis aos Estados Unidos no período 1979 à 1981 em US\$ milhões

P A I S	1979	1980	1981	T O T A L
Taiwan	165,5	171,9	225,3	562,7
Canadá	124,3	152,1	180,8	457,2
Iugoslávia	61,8	72,1	84,7	218,6
Itália	61,5	64,5	60,9	186,9
Dinamarca	55,5	60,8	63,8	180,1
Reino Unido	41,3	44,8	41,8	127,9
Filipinas	26,2	38,9	55,0	120,1
México	28,6	29,7	39,0	97,3
Hong Kong	31,2	33,0	31,1	95,3
Alemanha Ocidental	20,3	20,2	32,6	73,1
Singapura	16,1	21,5	27,2	64,8
Romênia	14,5	15,7	18,4	48,6
Brasil	6,4	6,2	3,9	16,5

Fonte: Revista Madeira Móveis, op. cit., p. 53.

A tabela XIII mostra a participação das exportações moveleiras de São Bento do Sul, entre 1982 e 1988, com um crescimento em mais de 8 milhões de dólares.

Como outros setores da economia, a indústria moveleira vê na exportação sua opção para viabilizar sua própria existência, devendo para tanto adaptar-se às exigências dos mercados estrangeiros, principalmente quanto ao controle de qualidade, apesar de já dominar uma fatia significativa das exportações nacionais.

TABELA XIII

Exportação Moveleira das principais indústrias de  
São Bento do Sul - em US\$

ESTABELECI MENTO	1982	1988
Indústrias Artefama S.A.	667.305,95	1.522.154,10
Indústrias Zipperer S.A.	114.734,70	1.280.476,27
Móveis Realeza Ltda.	111.628,95	224.201,87
Movelaq Móveis Ltda.	89.030,67	210.429,74
Móveis Weihermann S.A.	77.208,49	405.999,22
Indústria de Móveis Domingos Ltda.	71.529,90	-
Móveis Artessol Ltda.	-	1.804.818,80
Indústria de Móveis Neumann Ltda.	-	870.002,51
Móveis Alpes Ltda.	-	679.136,03
Móveis Schwarzwaldt Ltda.	-	605.165,47
Fábrica de Móveis Danilo S.A.	-	419.790,27
Fábrica de Móveis Consular Ltda.	-	380.298,97
Móveis Aradjo Ltda.	-	222.294,33
Estofados 25 de Julho Ltda.	-	170.757,07
Moverama Indústria de Móveis Ltda.	-	127.649,41
Móveis James Ltda.	-	88.321,80
Móveis Walfrido Ltda	-	80.529,60
Móveis Rudnick S.A.	-	51.780,55
Móveis Seiva Ltda.	-	49.005,00
Fábrica de Móveis Leopoldo S.A.	-	24.079,80
Artematic S.A.	-	21.998,80
Indústris Schreiner Ltda.	-	18.934,93
TOTAL	1.131.438,66	9.257.824,54

Fonte: Setor SECEX do Banco do Brasil de São Bento do Sul. 1988.

Segundo guias expedidas pela Carteira de Comércio Exterior - CACEX, de São Bento do Sul, as exportações chegaram a 10,7 milhões de dólares no ano de 1988, devendo ser acrescentado a este valor aproximadamente mais 30%, exportado por trading (empresas de exportação) de outros estados, elevando-se para quase 14 milhões de dólares (in Diário Catarinense - 09/07/89).

O desempenho destas indústrias moveleiras, quanto à exportação, é observado através dos registros da CACEX de São Bento do Sul, representadas na figura IX, que destaca o comportamento das seis primeiras indústrias moveleiras exportadoras a partir de 1982 a 1988. Em função dos momentos de crise da economia brasileira nesta década, observa-se fases de crescimento e de diminuição das exportações

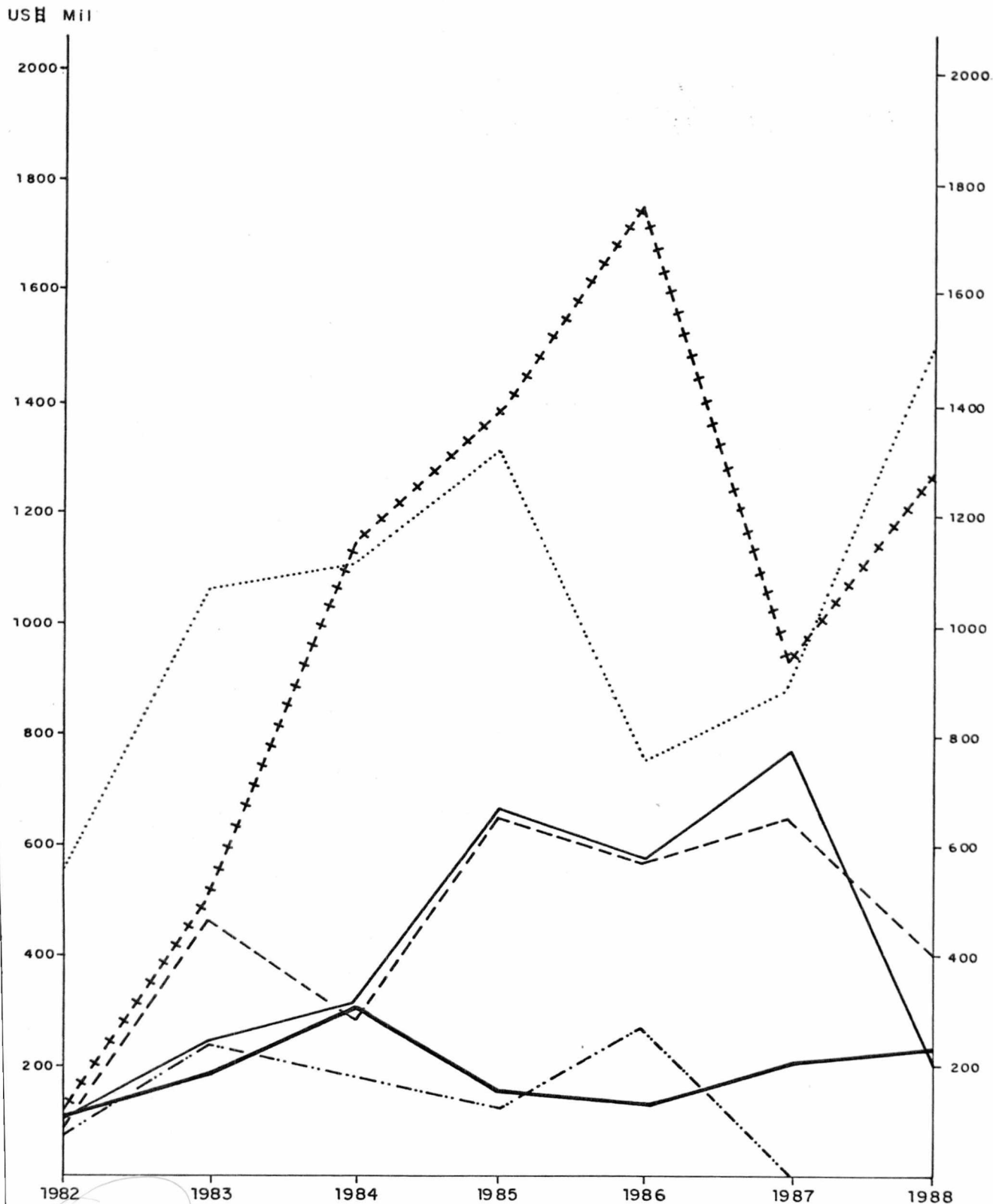
Já a figura X compara a produção industrial local entre os setores Moveleiro, têxtil e cerâmico, na participação das exportações de manufaturados no mesmo período (1983 a 1988), identificando certa instabilidade do gênero moveleiro em comparação aos outros setores.

Contudo, tanto o setor moveleiro como as demais áreas da atividade industrial apresentam, em seus balanços, reflexos da crise econômica financeira dos anos 80, entretanto o setor em análise acusa mais rapidamente as consequências desta crise, via contração do sistema habitacional (principal fator de desaquecimento industrial moveleiro no país), acrescido de uma política de achatamento salarial, principais causas na diminuição da demanda de móveis.

O setor exportação apresenta-se como solução conjuntural aos problemas advindos de sucessivas crises econômicas, que resultam numa redução nos níveis de produção e emprego (ver anexo VII).

FIGURA - IX

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DAS SEIS PRIMEIRAS EMPRESAS MOVELEIRAS EXPORTADORAS DE SÃO BENTO DO SUL, A PARTIR DE 1982 A 1988



LEGENDA

- +++++ Indústria Zipperer S/A
- Móveis Weihermann S/A
- ..... Indústrias Artefama S/A
- Movelag Móveis Ltda
- Móveis Realeza Ltda
- · - · - Móveis Domingos Ltda

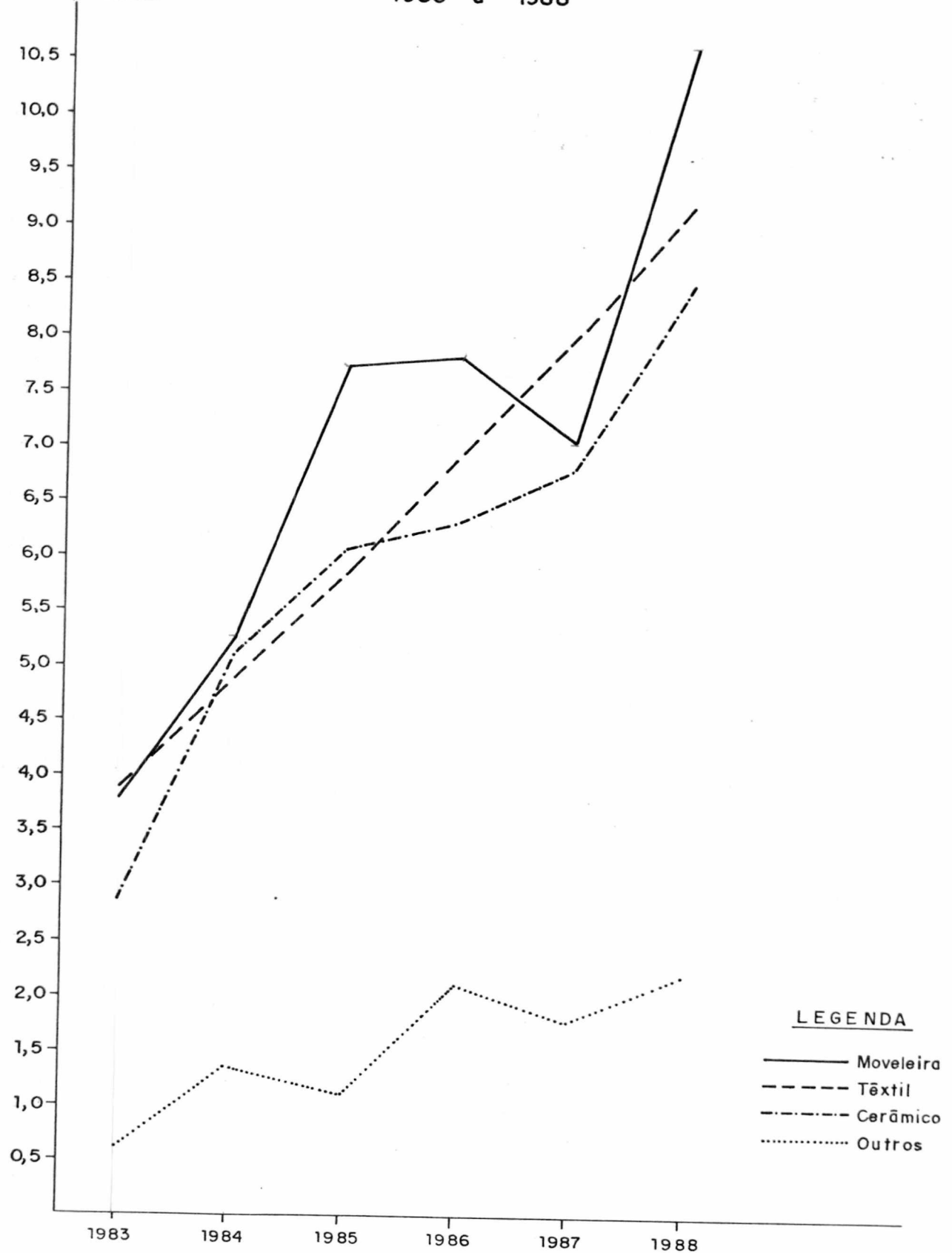
FONTE: Setor SECEX Banco do Brasil S/A, Agência de São Bento do Sul - SC



FIGURA - X

EXPORTAÇÃO DA PRODUÇÃO MANUFATUREIRA DE SÃO BENTO DO SUL  
1983 a 1988

Em US\$ Milhões



LEGENDA

- Moveleira
- - - Têxtil
- · - Cerâmico
- Outros

FONTE: Banco do Brasil S/A - Agência de São Bento do Sul (SC)  
Setor de Comércio Exterior - SECEX

DES. J. SILVA

## 7. Conclusão

A indústria moveleira a partir dos anos 70, passou por intensa modificação estrutural, tanto pela concentração de estabelecimentos, sobretudo a partir de 1980-81, como pela proliferação de pequenas unidades de produção, em decorrência, principalmente do período favorável da economia brasileira, entre os anos 1968 a 1973 e, novamente, a partir de 1980-81, estimuladas pelo baixo investimento de capital e disponibilidade de mão-de-obra experiente. Quase sempre a mão-de-obra experiente refere-se ao próprio micro-empresário, característica comum à indústria de baixa concentração de capital.

Dentre as principais transformações que vêm acontecendo na estrutura dos estabelecimentos, após 1970, destaca-se a feminização da força de trabalho em setores como a lustração, lixação e montagem. A quase totalidade dos recursos humanos tem longa experiência prática, e até recentemente, pouca formação tecnológica, fato que contribui para o nível de qualidade do produto. Ultimamente o setor passa por nitida renovação tecnológica, buscada isoladamente pelas empresas através de estágios em centros maiores ou pela atuação da FETEP, através de orientação em Lay Out, secagem da madeira (estufas), design, etc e por capacitação de mão-de-obra. As conquistas tecnológicas logo se estendem aos demais setores das empresas, como acontece com o envernizamento, a secagem, a informatização.

Tal como os demais setores da economia, a indústria moveleira percebe na exportação uma saída, não só para viabilizar sua própria existência, mas também como desafio à renovação tecnológica, intimamente ligada à importância do design e qualidade do produto. Neste sentido, não foram medidos esforços pelas empresas interessadas, principalmente nesta última década, onde o mercado externo significa a

opção mais viável aos empresários, fortemente pressionados com a instabilidade econômico-financeira do país. Os países do continente americano são os principais compradores, como Estados Unidos, Canadá, Porto Rico entre outros. Com certa moderação, os países dos continentes europeu, africano e asiático, também estão incluídos como compradores, devido ao elevado custo dos fretes. O frete de Taiwan - New York representa aproximadamente 70% do frete Santos - New York. Outras dificuldades enfrentadas dizem respeito à crescente exportação de madeira-de-lei em bruto, que provoca a diminuição da disponibilidade da matéria-prima, bem como ao descompasso de nossa tecnologia e design, em relação a países de marketing mais avançado e de tradição exportadora como Itália, Suécia, Dinamarca, Iugoslávia e recentemente Coréia e Taiwan (in Revista Madeira Móveis, nº 2, 1984).

Por se caracterizar em ser um setor de baixo investimento de capital e de fácil captação de força de trabalho, com potencial tecnológico empírico, o setor facilmente se prolifera toda vez que emergem períodos de crise econômica, mas também quando a conjuntura é de expansão. Os anos 80 foram caracterizados por instabilidades constantes, achatamento salarial, aumento da produtividade e proliferação de estabelecimentos de pequeno porte. Surgiu no decorrer da década de 80 os estabelecimentos de fundo de quintal, especializados nos setores de lustração, lixação e tornearias, prestando serviços às empresas maiores, diferenciando-se das tradicionais oficinas de marcenaria que produzem diretamente ao consumidor.

A rapidez de implantação de uma política de exportação, nestas duas últimas décadas, exigiu uma maior observância da variável tecnológica, preservando-se, contudo, a tradição da estrutura empresarial, métodos e técnicas de trabalho e iniciativa individual dos empresários moveleiros, quanto à capacitação e preparação de seus recursos humanos.

## CAPITULO IV

### Dinâmica locacional intra-urbana das Indústrias Moveleiras de São Bento do Sul

#### 1. Introdução

A localização industrial moveleira de São Bento do Sul, a exemplo do estado de Santa Catarina e mesmo do Brasil, encontra-se bem distribuída no espaço intra-urbano local. Contudo, observa-se duas zonas que funcionam como núcleos principais. O primeiro representado pelo centro urbano antigo e ocupado por indústrias de grande porte, fundadas até 1960, e micro estabelecimentos, geralmente localizados em pequenos galpões (garagens) ou em fundo de quintal de formação recente. O segundo é o novo centro localizado no bairro Oxford, decorrente da própria formação histórica do bairro sob a influência do traçado da Estrada Dona Francisca, distante do "stadtplatz" da colônia. O novo centro constitui-se em agente das pulsações das áreas de crescimento industrial espontâneo e de distritos industriais, localizados em sua periferia.

A natureza desta característica é percebida a partir da década de 70, com o ritmo acelerado de instalação de novas indústrias e a transferência de estabelecimentos de grande porte do centro antigo para as margens da Rodovia BR-280, no bairro Oxford e Lençol.

Dentre os fatores que evidenciam o êxodo dos estabelecimentos existentes e a preferência das novas indústrias em direção à periferia urbana ou ao novo centro pode ser explicado por inúmeras causas, dentre as quais a presença da Rodovia BR-280, SC-280 e a Rodovia SC-301, principais canais de escoamento da região que se interligam com a BR-101, BR-116 e Estrada de Ferro no bairro de Serra Alta.

Não menos importante, destaca-se o preço dos terrenos considerados acessíveis em relação aos terrenos ainda disponíveis no centro urbano antigo, acrescido das condições de infra-estrutura favoráveis, tipo energia, água, telefone, estabelecimentos bancários, restaurantes, supermercados e sistema viário hierarquizado.

A partir dos anos 80, com a ingerência do poder público municipal, foram criadas três áreas industriais, próximas às zonas de maior crescimento urbano, visando principalmente a conter o deslocamento de mão-de-obra e à especulação imobiliária em torno de um único ponto, além de inibir o crescimento da cidade em outras direções.

Neste contexto, insere-se a presente análise através de observações dos padrões de distribuição das indústrias moveleiras, especialmente nas últimas duas décadas, juntamente com os efeitos decorrentes das preferências locacionais, caracterizando um nítido processo de periferização industrial em São Bento do Sul.

## **2. Evolução Locacional intra-urbana da Indústria Moveleira de São Bento do Sul.**

Com a escalada de novos estabelecimentos, a partir de 1970, esboçou-se uma dinâmica de localização industrial na periferia urbana de forma espontânea mais ou menos organizada, primeiro pelos estabelecimentos novos que procuraram localizar-se junto ou próximo à infra-estruturas comuns dos bairros ou junto ao novo centro, representado pelo bairro de Oxford.

De um modo geral, as áreas de crescimento espontâneo, em direção à periferia procuraram, sempre que possível, estabelecerem-se próximas ao centro urbano. Neste caso, o

preço dos terrenos, que diminuiu com a distância dos centros de serviços, é um dos fatores determinantes. Outro fator, de fundamental importância no processo de periferização industrial de São Bento do Sul, refere-se ao traçado irregular do sistema viário do centro, que é o antigo e sem capacidade para absorver um tráfego bastante intenso e diversificado.

Mas a partir de meados da década de 70 e início da década de 80, o fenômeno da ocupação indistinta do espaço urbano pelos setores secundário, terciário e residencial, especialmente da área central, começou a modificar-se à medida que o setor de serviços, tais como comércio e bancos, expandem-se, cercando as indústrias e tolhendo seus movimentos, principalmente aquelas diretamente ligadas ao fluxo de transporte pesado, muito característico da indústria moveleira.

Entre outros fatores, a indústria moveleira, de um modo geral, desenvolveu-se fisicamente em sentido horizontal, deixando de ser, o centro urbano, espaço preferencial à expansão de suas atividades, bem como a localização de novas iniciativas.

A expansão do setor terciário, motivado pelo crescimento da industrialização em análise, nestas duas últimas décadas, tem afugentado a localização de novos empreendimentos industriais no centro, ao mesmo tempo que incentiva a transferência de indústrias para a periferia. Neste caso, cita-se a transferência de dois estabelecimentos industriais moveleiros de grande porte localizados no centro da cidade. Em 1973, a Artefama deslocou-se do centro por falta de espaço, para ampliar a capacidade física dos setores de produção, para uma área de 17 mil metros quadrados, junto à Rodovia BR-280, no bairro de Oxford. Em fins desta mesma década, a indústria Weihermann, por motivos

idênticos à Artefama, deslocou-se do centro, onde funcionava desde a sua fundação (1925), numa área com menos de 10 mil metros quadrados, em troca de 13 mil metros quadrados de área construída, num espaço de 341 mil metros quadrados, às margens da BR-280, entre os bairros Lençol e Oxford.

A concentração industrial no centro urbano antigo acarretou entre outros inconvenientes, a poluição de um modo geral, salientando-se à poeira proveniente da serragem e lixamento da madeira, o congestionamento do trânsito, devido ao fluxo intenso de trabalhadores em determinados horários, além do preço dos terrenos.

No entanto, por ser a indústria moveleira grande concentradora de mão-de-obra, automaticamente ela direciona toda carga de "inconvenientes" às áreas residenciais da periferia urbana, onde preferencialmente tende a se localizar.

A expressividade do número de estabelecimentos moveleiros, a partir de 1970, encontra-se apoiado em estabelecimentos de pequeno porte, ainda localizados em sua grande maioria em fundos de quintais, entremeados às residências da área central da cidade, compartilhando-se harmonicamente espaço residencial com espaço produtivo, não havendo comprometimento, no primeiro momento, das funções do centro da cidade.

Neste sentido, segundo MAMIGONIAN (1965) "**Todas as unidades espaciais na aglomeração principal são ao mesmo tempo industriais e residenciais**".

Sob a ótica desta localização de estabelecimentos em fundos de quintais é que se pretende explicar a presença de indústrias do gênero, de grande e médio porte na área central da cidade, e que somente a partir de meados da década de 1970, com a expansão das indústrias em geral,

iniciou-se o processo de transferência locacional à periferia urbana.

A figura XI, mostra a localização das indústrias, conforme data de fundação e tendências preferenciais de localização, a partir de 1970, momento em que se iniciou o processo de alteração do padrão locacional e estrutural dos estabelecimentos, bem como o surgimento dos Distritos Industriais, determinados pelo Plano de Zoneamento, aplicado a partir de 1983 pela Prefeitura Municipal de São Bento do Sul.

É importante considerar que a mudança ou preferência locacional dos estabelecimentos moveleiros à periferia urbana estão centradas, na grande maioria, em estabelecimentos de formação recente ou novas iniciativas. Ambos os casos apresentam tendências preferenciais em direção à Rodovia BR-280, entre os bairros Oxford e Lençol, rumo ao município de Rio Negrinho, e ao bairro Oxford e Bela Vista, ao longo da rodovia SC-280 e rumo ao município de Campo Alegre. Nestas áreas, o preço dos terrenos são compatíveis com as possibilidades dos investidores (micro empresários na maioria dos casos) além de apresentar infra-estrutura básica (água, luz e telefone) e mão-de-obra disponível, pois ao longo da Rodovia proliferam os loteamentos destinados às populações de baixa renda, favorecendo ainda mais à localização dos estabelecimentos.

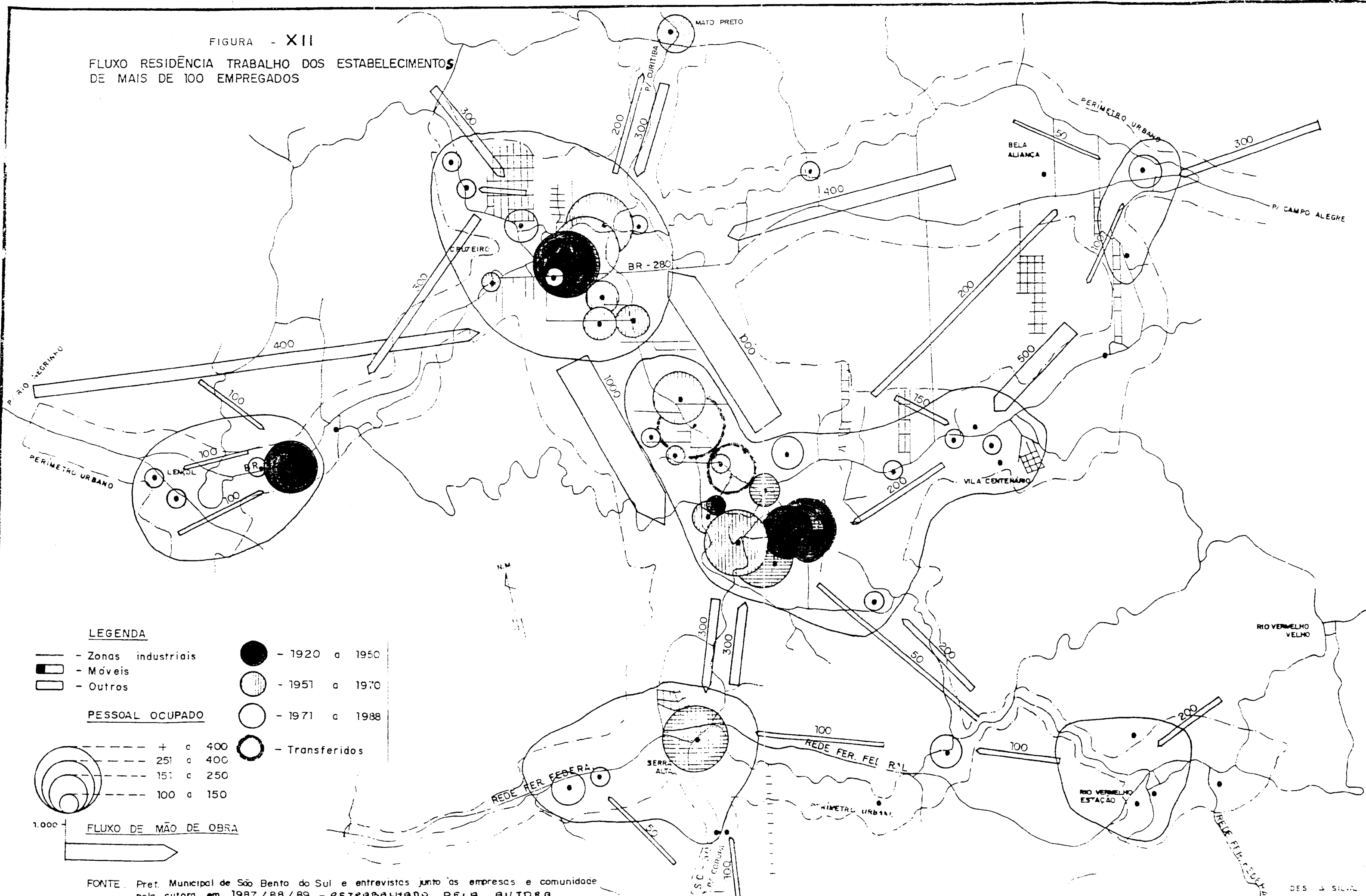
Vale dizer que os municípios de Rio Negrinho e Campo Alegre também apresentam a tendência locacional de suas indústrias moveleiras, de preferência junto às margens da BR-280 e SC-280, pelas mesmas circunstâncias acima mencionadas.

As indústrias mais antigas e, coincidentemente as de maior porte, resistem em se transferir do seu local de origem, concentradas na área central da cidade e encravadas



FIGURA - XII

FLUXO RESIDÊNCIA TRABALHO DOS ESTABELECIMENTOS DE MAIS DE 100 EMPREGADOS



FONTE: Pret. Municipal de São Bento do Sul e entrevistas junto às empresas e comunidade pela autora em 1987/88/89. - RETRABALHADO PELA AUTORA.

em áreas residenciais, comerciais e de serviços em geral. São elas as Indústrias Zipperer, Móveis Leopoldo, Móveis Danilo, Móveis Serraltense, incluindo-se também a Indústria Augusto Klimmek S.A. e Têxtil F. Buddemeyer, de formações antigas (1929 e 1952, respectivamente).

A localização central destes e outros estabelecimentos merece algumas considerações: primeiro, por serem bastante antigos, estes estabelecimentos industriais dispõem de reservas de espaço, na medida das necessidades de sua expansão física. Por outro lado, estes terrenos tornaram-se excessivamente valorizados, devido ao crescimento da cidade, fazendo com que estas empresas se utilizem ao máximo destes patrimônios. Podemos citar, como exemplo, a transformação do antigo prédio das Indústrias Zipperer em Shopping Center, o mesmo com o prédio de Móveis Weiherman, em loja especializada de móveis e decoração. Vale acrescentar que as Indústrias Zipperer S.A. continuam localizada no centro urbano, não acontecendo o mesmo com Móveis Weihermann.

Certamente que a localização destes estabelecimentos no centro da cidade, notadamente os de grande porte apresenta-se hoje inadequada e problemática, ao pleno funcionamento do centro de serviços da cidade, devido ao fluxo intenso de veículos pesados, tanto para abastecimento de matéria-prima como para o escoamento do produto acabado. Inclui-se, também, o fluxo de trabalhadores, uma vez que estes apresentam tendências preferenciais de residência na periferia urbana ou em localidades de vizinhos municípios como Campo Alegre e Rio Negrinho, dificultando o fluxo central da cidade, já bastante prejudicado pelo sistema viário irregular que apresenta. Neste sentido, deve-se acrescentar o problema referente à falta de moradias, principalmente para a classe operária, devido à precariedade de programas habitacionais.

A Figura XII mostra o fluxo da mão-de-obra entre residência e local de trabalho, focalizando as áreas de maior concentração industrial. Como espaços especialmente organizados ou como espaços ocupados espontaneamente, a relação residência-trabalho é a mais racional possível na maioria dos bairros e centro, tanto que a bicicleta é o meio de locomoção mais viável para percorrer pequenos trajetos (1 a 5 Km no máximo). Entretanto, os bairros de Bela Aliança e Lençol constituem exceções, com as indústrias localizando-se basicamente ao longo das Rodovias BR-280 e SC-280. Ocorre assim, tráfego intenso de veículos, que prejudica o uso de bicicletas, forçando o fluxo de veículos (automóveis e ônibus) à serviço destas empresas.

### 3. Zonas Industriais: Novos Espaços

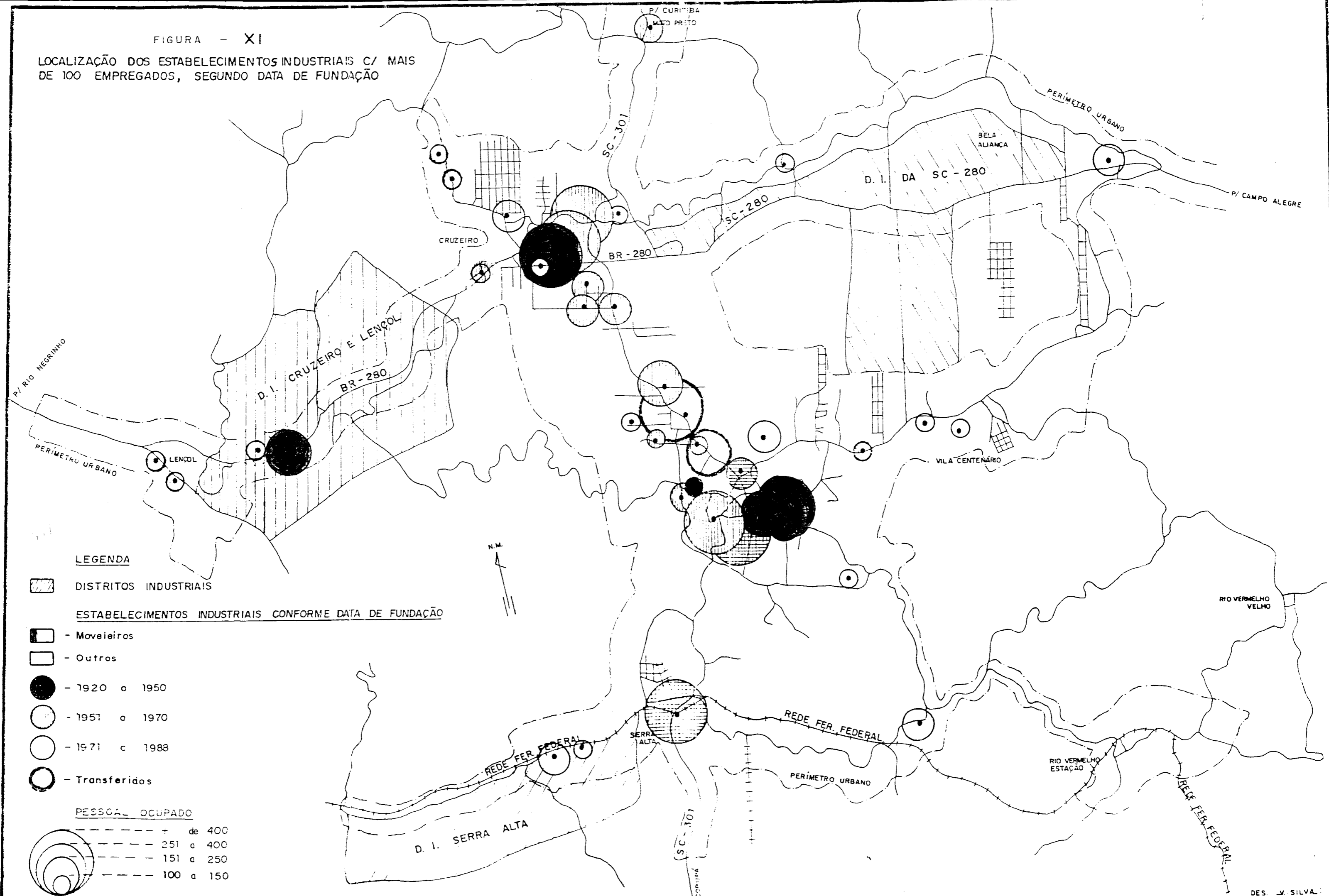
Ao longo do século XX, a localização industrial tem apresentado um dinamismo específico, representado pela periferização dos estabelecimentos industriais, tanto de novos estabelecimentos como dos mais antigos, localizados no centro.

Conforme SAMPAIO e MENDES (1987)

"Essa mudança na localização da atividade industrial, para a periferia urbana, tem se processado de forma espontânea mais ou menos organizada, com a ida natural das indústrias para os espaços disponíveis na periferia e também de forma dirigida, geralmente pelo poder executivo das localidades, com a implantação de espaços especialmente planejados ou organizados para a instalação de atividades industriais, sob a forma de parques ou distritos industriais. Tais espaços têm apresentado vantagens indiscutíveis, como preço do terreno menor do que o existente no centro da cidade, fato que possibilita ampliações futuras e mesmo a realização de uma reserva financeira; possibilidade de estabelecimentos de 'linkages' entre as indústrias concentradas e de desfrute de economias de aglomeração; uso de equipamentos comuns, como bancos, restaurantes, áreas de lazer, etc.; benefícios de infraestrutura comuns, tais como serviços de água, energia, telefone, etc.; eliminação de

FIGURA - XI

LOCALIZAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS C/ MAIS DE 100 EMPREGADOS, SEGUNDO DATA DE FUNDAÇÃO



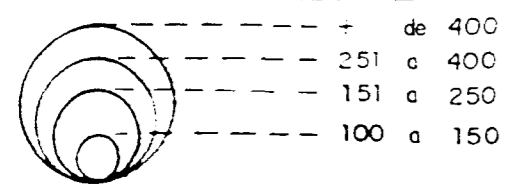
LEGENDA

DISTRITOS INDUSTRIAIS

ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS CONFORME DATA DE FUNDAÇÃO

- Moveleiros
- Outros
- 1920 a 1950
- 1951 a 1970
- 1971 a 1988
- Transferidos

PESSOAL OCUPADO



congestionamentos. Entretanto os distritos industriais, podem apresentar alguns inconvenientes, como distâncias muito grandes dos locais de residências dos trabalhadores e conseqüente aumento de migrações da mão-de-obra, poluição, que poderão ser evitados através de amplo planejamento, que leve em consideração os aspectos físicos, sociais e econômicos envolvidos."

A nível local, isto é, em São Bento do Sul, a localização das indústrias apresenta evidências de algumas das mudanças caracterizadas na citação acima, notadamente pelas indústrias de pequeno e médio porte.

A espontaneidade observada nas duas últimas décadas, quanto ao deslocamento das indústrias existentes e das novas iniciativas, em direção à periferia, encontra no poder público municipal, o respaldo necessário ao processo locacional ou deslocamento destas indústrias.

Segundo o Plano de Zoneamento da Prefeitura Municipal de São Bento do Sul (lei nº 21 de 07/11/83)

"a cidade caracterizada pela forte concentração industrial moveleira, apresenta como principal problema a implantação aleatória das indústrias, e com isto a disposição urbana do sítio, que através de um sistema viário totalmente irregular, adaptado a topografia local e interesses individuais, apresenta um traçado antigo e sem hierarquia, absorvendo um tráfego intenso e diversificado".

A lei municipal que instituiu a "Nova Lei de Zoneamento, sua Disciplina e Aplicação" visou a obter soluções para os problemas, advindos da acentuada concentração moveleira do município, localizada aleatoriamente no sítio urbano, induzindo os estabelecimentos industriais às áreas de crescimento já observadas, com a criação de distritos industriais.

Como as indústrias mais recentes, tanto a moveleira que demanda espaços mais amplos, como outros gêneros

industriais, têm demonstrado uma tendência à descentralização e à periferização, o Plano de Zoneamento da cidade, em vigor, optou por determinar 3 áreas de localização industrial, de modo que se situassem próximas às zonas de maior crescimento urbano, com o objetivo principal de evitar a concentração industrial em um único ponto, o bairro de Oxford, conforme figura XI.

De acordo com a orientação, estes distritos industriais, sobrepostos em áreas de crescimento espontâneo, a partir de 1983, apresentam um crescimento diferenciado dos demais pontos de crescimento da cidade.

A escolha destes locais de implantação de distritos industriais atende a requisitos básicos, que serão considerados a seguir, dentro da caracterização de cada um destes distritos.

#### 1. Serra Alta.

Distrito Industrial localizado no bairro de mesmo nome, a 5 Km do centro urbano, dispõe de infra-estrutura básica, tais como: água, energia, telefone, proximidade ao centro da cidade e é servida pela Rodovia SC-301, que faz ligação com os vizinhos municípios de Corupá e Jaraguá do Sul e pela ferrovia, além de contar com infra-estrutura habitacional, do tipo núcleo residencial do BNH.

#### 2. Atual Parque Industrial.

Localizada a 10 Km do centro urbano e 6 Km do "novo centro" Oxford, à margem da SC-280, dispõe diretamente de acessos à Rodovia BR-280 e SC-301, e poderá escoar seus produtos também pela ferrovia. É importante ressaltar que as áreas, em destaque, contam com farta mão-de-obra local em sua proximidade, além de toda a infra-estrutura (água,

energia, telefone, etc.), por se tratar de uma zona residencial antiga.

### 3. Area entre o Bairro Cruzeiro e Bairro Lençol.

Das áreas previamente estruturadas pelo poder público municipal, esta área distante 7 Km do centro urbano, apresenta a maior densidade no sentido preferencial para a localização de indústrias nesta última década, ou seja, a partir de 1980.

Dentre os fatores que deverão ser destacados, como vetores preferenciais à localização de indústrias neste distrito, ressalta-se a proximidade (3 Km) da zona de maior densidade demográfica e de equipamentos urbanos; representado pelo "novo centro" Oxford e, segundo, por estar diretamente vinculada à Rodovia BR-280, fato que não passa despercebido aos empresários, quando questionados sobre o porque da preferência a este distrito industrial.

A implantação dos distritos industriais acima mencionados, reflete a crescente importância do transporte rodoviário, a falta de espaço no centro urbano e o conseqüente aumento dos preços dos terrenos. Anteriormente, havia se esboçado a localização espontânea de indústrias ao longo das Rodovias BR-280 e SC-280, mas o ritmo intensificou-se a contar de 1983, não só com a criação de distritos industriais, mas também, a partir de facilidades e incentivos oferecidos, principalmente com isenção de impostos por um determinado período, doações de terrenos, execução de serviços de terraplanagens e vias de acesso.

Deste modo, o Plano de Zoneamento da Prefeitura Municipal, além de disciplinar áreas de ocupação industrial contribuiu também para alterar a estrutura destas indústrias, não só das pequenas e médias empresas em busca de terrenos mais baratos, mas também de algumas empresas de

grande porte, como a Artefama e Weihermann, esprimidas em seu local de origem pela terciarização crescente do centro urbano, motivando novos investimentos dos empresários proprietários naqueles imóveis "desocupados".

Assim, o prédio onde a Indústria de Móveis Weihermann funcionou até 1978 encontra-se totalmente reformado, tendo sido mantida a arquitetura original. Abriga, hoje, uma loja especializada em móveis oriundos das indústrias moveleiras da região. A Zipperer também se transferiu do seu local de origem, para uma área mais afastada do centro. O prédio antigo passa por reparos, para se transformar no primeiro Shopping Center da cidade, preservando-se a fachada no seu original, por ser patrimônio histórico, local onde funcionaram o primeiro cinema e teatro da cidade (anteriores a década de 30).

A análise das Figuras XI e XII leva a importantes considerações sobre a localização intra-urbana das indústrias moveleiras de São Bento do Sul. Dentre elas, talvez, a mais significativa referira-se à concentração, na área central da cidade, da maior parte das indústrias de grande porte que são, também, as mais antigas. Somente a partir de 1970, iniciou-se a ocupação industrial espontânea em espaços da periferia urbana, sem qualquer interferência política ou planejamento locacional. Quando o poder público municipal percebeu que a nova tendência locacional privilegiava somente um ou dois pontos estratégicos da cidade, sentiu a necessidade de planejar espaços como os Distritos Industriais.



#### 4. Conclusão

A periferação industrial, observada a partir de meados da década de 70, não atinge apenas o gênero moveleiro, que demanda espaços mais amplos, mas também outros gêneros industriais que demonstram preferência pelos bairros Oxford e Lençol, principalmente ao longo das rodovias BR-280, SC-280 e SC-301. Este fato estimulou o êxodo da mão-de-obra, sobretudo da mão-de-obra braçal, acompanhada da proliferação de loteamentos residenciais, frequentemente clandestinos. Por sua vez, o bairro Oxford, distante 4 km do centro passa por rápidas transformações, terciarizando o seu núcleo, caracterizando um "novo centro", voltado às necessidades da dinâmica industrial crescente ao seu entorno.

Por outro lado, observa-se que as forças de atração de dispersão à periferia urbana ou ao "novo centro", ainda não são suficientemente fortes, para promoverem a saída das indústrias de maior porte do centro da cidade.

Dentre outros fatores, entende-se que a disponibilidade de terrenos ainda existente no centro da cidade e de propriedade destas indústrias, significa, até o momento o fator determinante de sua permanência no local de origem. Contudo, não se pode esquecer que outros motivos podem provocar mudanças locais, de acordo com o tipo de indústria e o grau de desenvolvimento em que a mesma se encontra. Deste modo, as marcenarias de fundo de quintal, estabelecidas no centro da cidade, sobretudo aquelas próximas às grandes indústrias, desenvolvendo pequenas tarefas, forçosamente se deslocarão à periferia, se tiverem necessidade de ampliar seu espaço físico. Outro fator observado, quanto à determinação de deslocamento das indústrias do centro em direção à periferia, num futuro muito próximo, refere-se ao congestionamento de tráfego,

principalmente no sentido do bairro Oxford ao centro da cidade, causado pelo sistema viário irregular.

A ingerência do poder público municipal, com a criação de três distritos industriais, contribuiu para a instalação de benefícios na infra-estrutura das áreas de crescimento espontâneo, uma vez que os distritos industriais encontram-se sobrepostos nas áreas de localização industrial e residencial antigas.

Observa-se, então, a permanência de uma certa localização aleatória, dos estabelecimentos industriais de São Bento do Sul, tanto no centro da cidade como em direção à periferia, sobretudo em direção ao "novo centro" Oxford, sobressaindo-se o preço dos terrenos e a presença das Rodovias, como vetores principais da dinâmica observada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado revelou que a atividade industrial moveleira em São Bento do Sul, surgiu no final do século XIX e início deste. Teve como principais fatores a presença de colonos imigrantes europeus, radicados, na região, a partir da fundação da Colônia Agrícola São Bento em 1873. Eram dotados de habilidade técnica para trabalhar madeira, aliada à presença de recursos florestais abundantes (madeira) e ao acúmulo dos rejeitos de matérias-primas, que passam a ser aproveitadas pelas próprias serrarias e por pequenas oficinas de marcenarias de fundo de quintal. A atividade mercantil regional e internacional, ligada à atividade de extração e beneficiamento da madeira e da erva-mate, foi fator determinante na geração de uma infra-estrutura e no aumento do poder aquisitivo da população trabalhadora braçal e no conseqüente aumento do consumo dos manufaturados.

Até o período da segunda Guerra Mundial a atividade moveleira de São Bento do Sul desenvolveu-se timidamente, restringindo-se à pequenas iniciativas e a oficinas de marcenarias de fundo de quintal.

A partir de meados dos anos 40, multiplicaram-se as indústrias moveleiras em decorrência da disponibilidade de mão-de-obra experiente e de pequenos capitais para investimento, além das condições favoráveis do pós-guerra. Nesta fase, os artefatos de madeira, produzidos por Zipperer, Artefama e Serraltense, que se destinavam ao mercado local, regional e regiões turísticas do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo e Aparecida do Norte), significaram a abertura do mercado nacional e internacional para os móveis em estilo colonial, em moda na época dos anos 60.

Após a reativação do crescimento da economia brasileira de 1968-73, observa-se a proliferação dos estabelecimentos e a reestruturação dos já existentes.

X A especialização da mão-de-obra, portadora de experiência e prática, a introdução da mão-de-obra feminina em setores como lustração, lixação e montagem, a conquista de mercado externo, a adoção de métodos de racionalização de uso de matéria prima e de pessoal ocupado, e a melhoria de qualidade, caracterizam as tendências recentes de renovação do gênero moveleiro.

Pode-se dizer que a indústria moveleira, a partir dos anos 70, apresentou avanços tecnológicos significativos, destacando-se a introdução de secagem artificial das madeiras em substituição aos pátios de secagem natural que exigem considerável capital, para manutenção do estoque de madeira. A introdução de estufas de secagem melhora os parâmetros de qualidade da matéria-prima, gerando produtos de alta qualidade, em condições de competirem no mercado nacional e internacional.

X O crescimento das exportações evidencia a potencialidade atingida pelo gênero moveleiro, cabendo a São Bento do Sul 30% das exportações brasileiras (CACEX - São Bento do Sul). Contudo, observa-se na atual estrutura, a conservação de padrões herdados de uma estrutura anterior, sobretudo o processo de recrutamento de pessoal, que considera importante a indicação feita por pessoas de confiança, dando-se preferência à mão-de-obra prática e experiente.

No espaço urbano de São Bento do Sul, a expansão do parque industrial moveleiro, inicia o processo de periferação dos estabelecimentos industriais com destino às áreas de crescimento espontâneo e planejado, com tendências preferenciais ao bairro de Oxford e suas proximidades.

Deste modo, observa-se que a industrialização moveleira de São Bento do Sul, constituída basicamente por pequenas e médias empresas, formadas pelo capital local e

com estrutura empresarial familiar, insere-se no processo de crescimento da economia brasileira, refletindo em seu quadro estrutural e espacial os momentos de crise e de expansão desta economia.

Por outro lado, este parque industrial moveleiro se projeta no cenário nacional com empresas tradicionais de grande porte que se modernizam e conquistam novos mercados nacionais e internacionais.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Rufino Porfírio de. Um aspecto da Economia de Santa Catarina, a indústria ervateira, o caso da Companhia Industrial. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC, 1979.

✓ Análise dos Setores Industriais. A indústria do Mobiliário 1980-81, Brasília-DF, EDICON - Editora e Consultoria Ltda., São Paulo, 1983.

Anuário Catharinense para 1929 (Suplemento) organizado por Barão Fernando von Dreifus, 1929.

BOSCHI, Renato Raul. Elites industriais e democracia: hegemonia burguesa e mudança política no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

BOSSLE, Ondina Pereira. História da Industrialização Catarinense (das origens à industrialização no desenvolvimento brasileiro). Florianópolis, Editograf, 1988.

Brasil, Anuário Estatístico do, 1987. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Rio de Janeiro, 1988.

Brasil, Estatísticas Históricas do. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Rio de Janeiro, Vol. 1, 2 e 3.

Brasil, IX Recenseamento Geral do. Censo Industrial, Produção Física, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Rio de Janeiro, 1984.

Brasil, Censo Industrial 1970, 1980. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Rio de Janeiro.

Brasil, Desempenho Económico e Perspectivas do. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1985.

Brasil, Política Industrial e Exportação. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1983.

BRUM, Argemiro J. O desenvolvimento Económico Brasileiro. Petrópolis, Vozes, 1987.

CANO, Wilson. Raízes da Concentração industrial em São Paulo. São Paulo, Difel, 1977.

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço e Indústria. (Coleção Repensando a Geografia). São Paulo, Ed. Pinsky Ltda. (Contexto), 1988.
- CUNHA, Idaulo J. Evolução Econômico Industrial de Santa Catarina. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- DEAN, W. A industrialização de São Paulo. São Paulo, Difusora Européia do Livro, 1971.
- Espaço e Debates. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Ano VII, nº 25, Ed. Parma Ltda., 1988.
- ESTALL, R.C. e BUCHAMAN, R. Ogilvie. Atividade Industrial e Geografia Econômica. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.
- \* Fundação Educacional de Tecnologia e Pesquisa - FETEP. Revista Madeira Móveis, São Bento do Sul, 1983/84.
- FICKER, Carlos. História de Joinville. Subsídios para a Crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville, Impressora Ipiranga, 1965.
- São Bento do Sul. Subsídios para a sua história. Joinville, Impressora Ipiranga, 1973.
- FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. 22ª edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1987.
- KLEIN, Roberto Miguel. Mapa Fitogeográfico do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Imprensa Oficial, 1978.
- KOHLEPP, Gerd. Industriegeographie des Nord Ostitlichen, Santa Catarina. Selbstcerlag, Res Geographischen, Instituts der Univercitat Heibelberg, 1968.
- LAGO, Paulo Fernando. Gente da Terra Catarinense - Desenvolvimento e Educação Ambiental. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1988.
- LUZ, Nícia Vilela. A luta pela Industrialização do Brasil. São Paulo, Ed. Alfa Omega, 1975.
- \* Madeira Móveis. Revista nº 1 e 2 de 1983 e nº 1, 2 e 3 de 1984, Editada pela FETEP. São Bento do Sul, Ed. da UFSC.
- MAMIGONIAN, Armen. Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau. Separata da Revista Brasileira de Geografia nº 3, Ano XXVII - Jul/Set. de 1965. Rio de Janeiro - IBGE

- , Notas sobre o processo de industrialização no Brasil. Boletim do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, nº 2: 55-62, 1969.
- , A Introdução ao Pensamento de Ignácio Rangel. Revista GEOSUL, nº 3, UFSC, 1987.
- MANTEGA, G. A Economia Política Brasileira. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 19...
- MELLO, J.M. Cardoso de. O Capitalismo Tardio. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- MOTA, Fernando O. Manual de Localização Industrial. Elaborado pelo Escritório Técnico de Estudos do Banco do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro, Ed. APEC Editora S.A., 1975.
- OLIVEIRA, Francisco de. A Economia Brasileira. Crítica à Razão Dualista. Petrópolis, Vozes/CEBRAP, 1981.
- , A Economia da Dependência Imperfeita. Rio de Janeiro, Graal, 1977.
- RANGEL, Ignácio. A história da dualidade brasileira. São Paulo, Revista de Economia Política, Vol. 1, nº 4, Ed. Brasiliense, 1981.
- , Dualidade e ciclo longo. Revista GEOSUL, nº 3, UFSC, 1978.
- , Economia: Milagre e anti-milagre. Rio de Janeiro, Zahar, 1985. Col. Brasil: Os anos do autoritarismo.
- RICHTER, Klaus. A sociedade colonizadora hanseática de 1897 e a colonização do Interior de Joinville e Blumenau. Ed. da UFSC, 1986.
- SAMPAYO, Silvia Selingardi. A Industrialização de Rio Claro. Contribuição ao Estudo da Desconcentração Espacial da Indústria no Estado de São Paulo. Revista Geografia, Vol. 12, nº 24, 1987.
- SAMPAYO, Silvia Selingardi e MENDES, Auro Aparecido. Dinâmica Locacional Intra-urbana das Indústrias: O caso da cidade de Rio Claro - SP. Revista Geografia, Vol. 12, nº 24, 1987.
- Santa Catarina. Cadastro Industrial 1973-74, 1983-84. 3ª edição. FIESC.



- Santa Catarina, Centro de Assistência Gerencial de. Evolução Histórico Econômica de Santa Catarina. Florianópolis, CEAG, 1980.
- Santa Catarina, CODESUL. Transformações e tendências do parque industrial catarinense. Florianópolis, 1965.
- \* Santa Catarina, CEBRAE/CEAG-SC, CODESUL, SIC, BRDE, PROCAPE. Diagnóstico da Indústria do mobiliário de Santa Catarina. Florianópolis, Edeme, 1975.
- Santa Catarina, Secretaria do Desenvolvimento Econômico, IBAGESC, CEBRAE, BRDE/Ag. Florianópolis. Análise da Indústria de Transformação de Santa Catarina. Florianópolis, Edeme, 1974.
- Santa Catarina, Diagnóstico e Perspectivas - 1987. FIESC, Florianópolis, Ediograf.
- SANTOS, Milton. Manual de Geografia Urbana. São Paulo, Hucitec, 1981.
- São Bento do Sul, Prefeitura Municipal de. Plano de Zoneamento, sua disciplina e aplicação. Prefeitura Municipal de São Bento do Sul, 1983.
- SEYFERTH, Giralda. A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim. Porto Alegre, Movimento, 1974.
- SILVA, S.C. Bandeira de Mello. Teorias de Localização e de Desenvolvimento Regional. Revista Geografia, Vol. 1. nº 2, 1986.
- SINGER, Paul. A Crise do "milagre". Interpretação Crítica da Economia Brasileira. 7ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- SUZIGAN, Wilson. Indústria Brasileira. Origem e Desenvolvimento. São Paulo. Brasiliense, 1986.
- TERNES, Apolinário. História de Joinville, uma abordagem crítica. Joinville, Gráfica Meyer S.A., 1984.
- . História Econômica de Joinville. Joinville, Gráfica Meyer S.A., 1986.
- WEIBEL, Leo. Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil. Rio de Janeiro, IBGE, 1958.

WERNER, Bernardo Wolfgang. Transformações e Tendências do setor secundário no Brasil e seus reflexos em Santa Catarina. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1974.

ZIPPEREE SENIOR, Josef. São Bento do Sul no Passado. 1934 (Bilingue). X

## Cimo, a pioneira e maior da América

A história de Rio Negrinho confunde-se com a história de uma fábrica de móveis que durante muito tempo foi a maior da América do Sul e uma das primeiras do mundo em termos de qualidade: a Móveis Cimo. Ela foi seguramente uma das primeiras indústrias da região e sua extinção deu origem a inúmeras outras pequenas fábricas.

A Móveis Cimo foi fundada em 1914 pelos imigrantes alemães Jorge Zipperer e Willy Jung, na localidade de Rio do Salto, e somente cinco anos depois mudou-se para seu endereço definitivo, em Rio Negrinho. No auge de sua atividade, ela chegou a empregar mais de mil pessoas - apesar de possuir equipamentos modernos - e ganhou vários prêmios de qualidade em exposições.

Entretanto, mesmo essa aparente solidez não garantiu a sobrevivência da empresa, que falhou no início da década de 80. Entre os vários motivos que se somaram para esse malogro, um dos principais foi a saída dos primeiros proprietários, que como não tinham herdeiros retiraram capital da empresa para investir em imóveis na cidade de Curitiba.

Além disso, a Cimo nunca modificou a sua linha de produtos (móveis convencionais ou de linha reta), que acabaram saindo de moda. Muitos de seus melhores funcionários saíram e montaram empresas próprias. Nessa fase de descrédito e descapitalização, o controle acionário da Móveis Cimo foi adquirido pelo grupo paulista Lutfalla, que terminou por descapitalizá-la completamente.

Como se faz:

## Alvaro Rank tem o segredo para progredir: trabalho

Quem passa pela rua Antonio Kaesemodel, e vê, à direita de quem entra em São Bento do Sul, uma potência madeireira chamada Fábrica de Móveis Rank Ltda., dificilmente acreditaria em sua origem humilde.

No entanto, a 1ª de agosto de 1.959, quando foi fundada pelo moço Alvaro Rank, nada mais era se não modestíssimo barracão de madeira, medindo quatro por seis metros, construído em terreno paterno; uma serrafita, uma furadeira e uma plaina era todo o instrumental de Alvaro, que comprava madeira bruta das serrarias do município, e carregava as tábuas nas costas, às vezes por muitos quilômetros, até o local de beneficiamento. O sofrido beneficiamento era realizado por outras firmas, principalmente de Oxford, que entregavam o material preparado para a feitura de móveis. E lá vinha Alvaro de volta, com tábuas nas costas, construindo com seu sacrifício diário, a atual potência que representa sua fábrica de móveis.

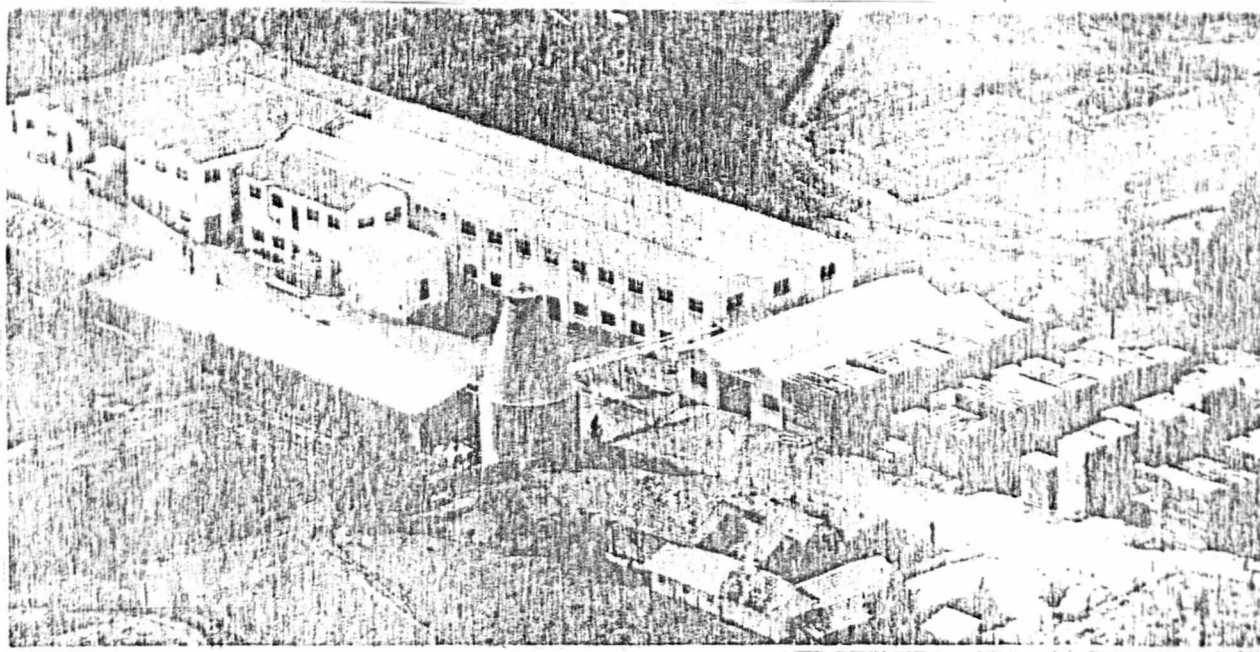
### EXPANSÃO

Dos dez cruzeiros do capital inicial registrado na firma, em 1.959, resta apenas a lembrança daqueles dias difíceis; hoje, o capital da Rank é de Cr\$ 1.100.000,00, e a área construída é de 3.500 metros quadrados sobre área total de 6.190 m<sup>2</sup>.

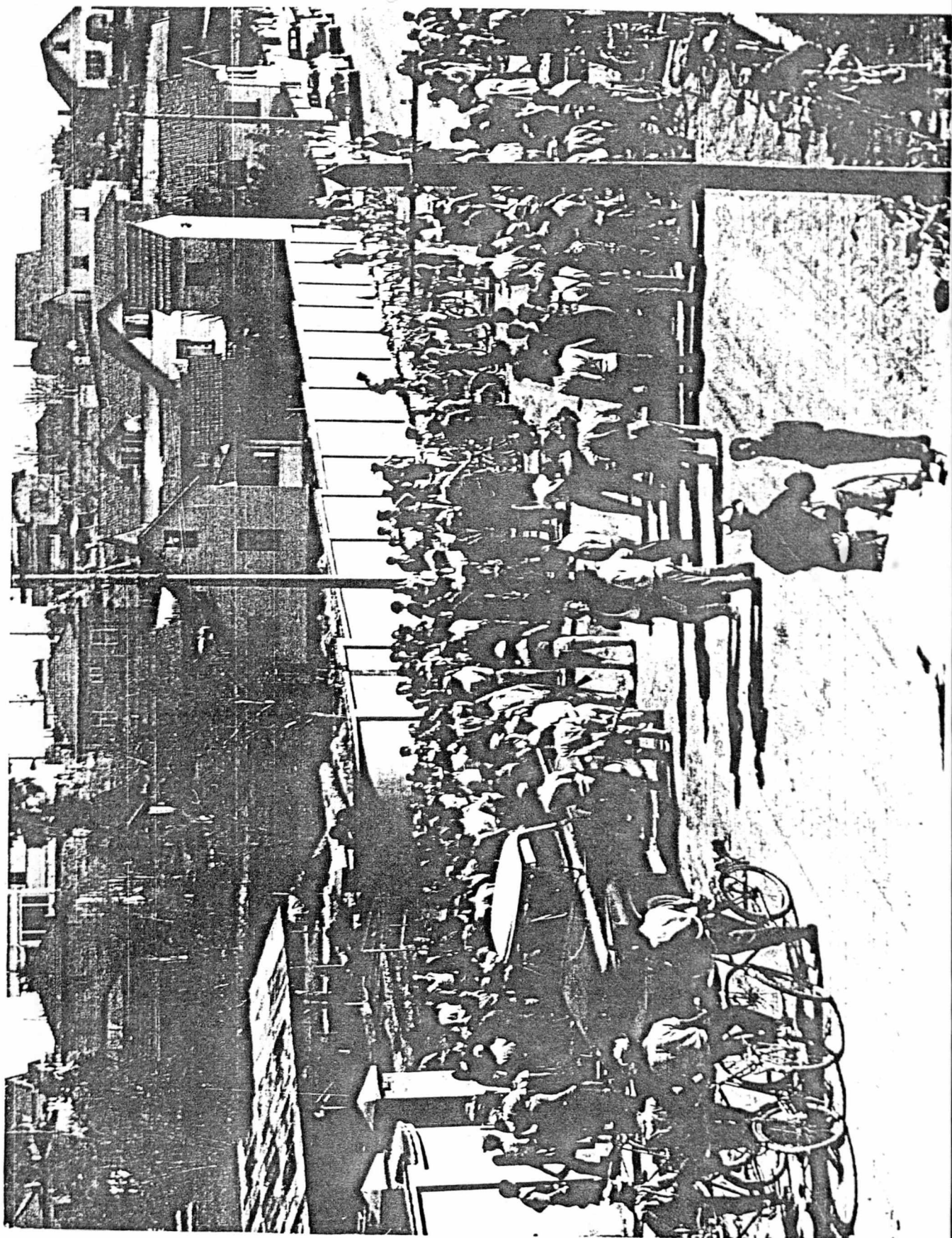
Alvaro Rank produz móveis coloniais, desde jogos completos a peças avulsas, para os mercados do Rio, São Paulo, Minas, Pernambuco e Paraná, principalmente.

A diretoria da firma é composta por Alvaro Rank, que ocupa o posto de diretor-gerente; Antonio Rank, diretor-técnico; e Ivo Marinho Zschoerper, diretor-comercial.

Da antiga "Indústria de Móveis Catarinense de Alvaro Rank" ficou o barracão pioneiro, preservado como peça de museu, e o símbolo do árduo trabalho de um homem que construía seu futuro. Quem passar pela rua Antonio Kaesemodel deve dar uma paradinha na Fábrica de Móveis Rank Ltda, para ver como é que se faz para progredir: é trabalhando.



Movimento de trabalhadores em frente as instalações da Fábrica de Móveis Leopoldo em São Bento do Sul (1962).



## Schier: mão-de-obra familiar

A grande maioria das fábricas de móveis da região são pequenas empresas que utilizam mão-de-obra familiar. Esse é o caso da indústria de móveis Schier Ltda, de Rio Negrinho, que fabrica móveis sob medida em madeira bruta e compensado. Essa pequena fábrica teve início há cerca de 10 anos, nos fundos da casa do marceneiro Pedro Schier, e hoje garante o sustento dos filhos José, João Luís e Luciano, além do genro Maurício, seus sócios.

Pedro Schier era empregado na indústria de móveis Cimo e, depois de deixar a empresa, decidiu iniciar seu próprio negócio.

No começo trabalhavam apenas ele e seu filho João Luís, egresso da Fábrica de Móveis Catarinense. Mais tarde, ele começou a ampliar a fábrica, comprando novos equipamentos e empregando seus outros filhos.

Hoje, a fábrica tem capacidade de produzir até 30 estantes e 20 guarda-roupas por mês, mas também são feitos dormitórios e cozinhas sob medida. As estantes e guarda-roupas são vendidos principalmente para São Paulo e Rio Grande do Sul, enquanto os móveis sob medida são comercializados na região.

A matéria-prima para a indústria tem origens diferenciadas.

A imbuia provém, em sua maioria, da cidade de Caçador. A cerejeira e o mogno, madeiras mais nobres e praticamente extintas na região, precisam ser trazidas do Norte do País, especialmente de Rondônia e Acre.

A fabricação de móveis é uma atividade compensadora, afirma José Schier, 25 anos, que deixou a profissão de tipógrafo para trabalhar na fábrica. Hoje ele e seus irmãos são os responsáveis pela empresa, pois seu pai aposentou-se e foi morar em Enseada, São Francisco do Sul, onde ainda dedica-se a fazer móveis utilizando madeira de pinho.

# Um pouco mais sobre as indústrias

## Artefama S/A a história das exportações

Em outubro de 1978, já instalados na então nova Fábrica junto à BR-280, iniciamos contato com uma trading chamada Interbrás, e, realizamos a primeira exportação de Móveis.

Esta era composta por cadeiras e mesas, feitas de imbuia, para serem usadas junto à piscinas e jardins, e, o cliente era Phoenix Overseas da Inglaterra.

Em 21 de fevereiro de 1979, realizamos o primeiro embarque para a ilha de Porto Rico, no valor de US\$ 2.005,33, sendo as mercadorias diversas em imbuia, e acabamento em alto brilho. Entusiasmados com estes feitos, alcançamos os mais diversos países, como: Austrália, África do Sul, Bélgica, Venezuela, Estados Unidos, Canadá, Guiana Francesa e Holanda.

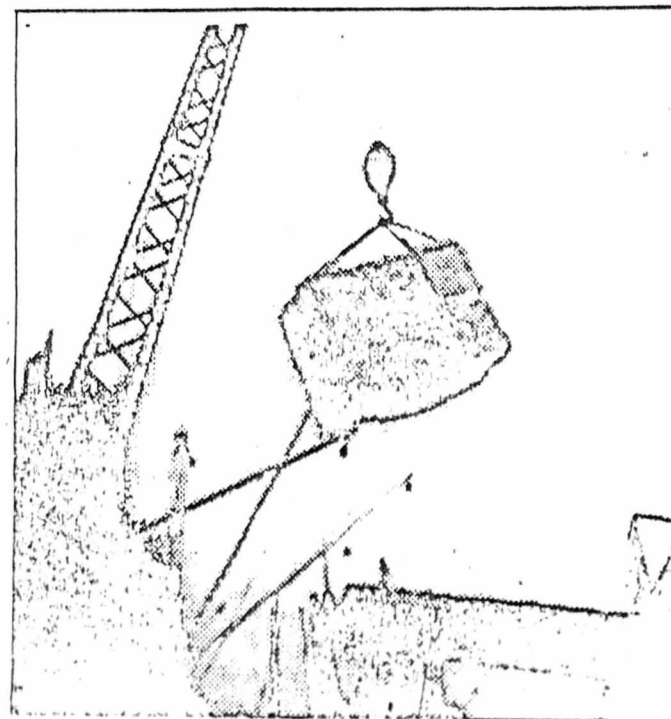
Muitas foram as dificuldades encontradas, sendo que as primeiras foram:

- a) **Secagem de madeira:** A mesma deveria ter uma média de umidade, abaixo dos 10%, o que trouxe dificuldades, pois conhecíamos bem, apenas as madeiras secas ao ar livre, cuja umidade ultrapassava os 15%.
- b) **Desenhos:** Os mesmos diferenciavam nas suas apresentações, mostrando cortes desconhecidos, cotados em polegadas e descritos na lín-

gua inglesa.

- c) **Linguagem técnica:** Nos contatos, nem sempre os tradutores conseguiram expressar corretamente a idéia do importador.
  - d) **Acabamento:** Ausência no mercado de produtos de acabamento atualizados, pois conhecíamos apenas o verniz nitrocelulose.
  - e) **Protótipos:** Necessidade de criação de um setor, com pessoas especializadas no desenvolvimento prático das peças pretendidas pelos importados.
  - f) **Embalagem e expedição:** Desenvolvimento de novos conceitos de embalagem, pois teríamos que garantir a chegada do produto em perfeita qualidade.
    - Ovamos o primeiro container em Outubro de 1978, cujo trabalho durou 8 horas, sendo que hoje levamos no máximo 2 horas.
- Enfim, hoje estes problemas estão superados, e já estamos com desafios maiores, enfrentando concorrências internacionais, em razão de nosso volume de exportação ser de considerável monta, já tendo, inclusive, ultrapassado o envio do milésimo container.

Gerência de Exportação





A missão comercial holandesa quer incrementar os negócios

## Holandeses compram móveis em São Bento

**São Bento do Sul** — Missão comercial holandesa, formada pelos empresários Thomas Radtke (agente de compras da Wehkamp B.W. e de Crossmart Internacional B.V. no Brasil), Berry Van der Kolk (comprador da Wehkamp na Europa), Robert Rinders (diretor da Wehkamp), além de Rudolf Chr. Swarte (diretor da Crossmart Internacional B.V.), está em visita a São Bento do Sul desde o começo da semana, na tentativa de reativar as exportações de móveis para os Países Baixos. Os empresários visitaram inicialmente a Móveis Consular, fornecedora dos holandeses desde 82, especialmente de dormitórios. A Wehkamp é uma das maiores empresas da Holanda no setor de mala direta, contando com sete lojas para uma população de 15 milhões de habitantes. A missão chegou ao Brasil dia 22, devendo retornar dia 3 de março.

“A Consular é nossa fornecedora mais tradicional em São Bento do Sul. Estamos visitando ainda a Artefama, a Danilo, a Tuper/Simol, a Zipperer a Schwarzwald e a Rudnick”, informou Radtke. Somente a Consular, nos próximos meses, embarcará oito contêineres para a Holanda. Dormitórios em pinus natural, tingido e laqueado, são os preferidos dos holandeses. “Nossa maior dificuldade para

ampliar os negócios é o fato de muitos moveleiros não operarem no setor de exportações. No passado não fizemos alguns negócios, porque a maioria queria vender para os norte-americanos, um mercado de 250 milhões de consumidores, enquanto o nosso é de apenas 15 milhões”, falou Radke. A montagem dos móveis da Consular é feita apenas com uma chave de fenda pelos próprios consumidores, na Holanda.

Os móveis são embarcados com uma umidade de 10%. Somente a Holanda poderia comprar, anualmente, 65 contêineres, representando em torno de 1 milhão e meio de dólares. “Com a situação instável do Brasil, este índice caiu para 15%. Agora queremos reativar nossas iniciativas. A Europa é exigente em questão de qualidade. Preferimos negociar com empresas de pequeno e médio porte, pois eles têm maior flexibilidade, como nosso país, que é “pequeno”, ponderou Radtke, elogiando a performance da Consular, fabricante de dormitórios para exportação e de salas de jantar em mogno para o mercado interno (alto padrão), com 16 anos de existência.

“Nossa meta é continuar persistindo em manter a qualidade para exportar mais”, afirmou o empresário Erico Grossl, um dos diretores da empresa.

Fonte: Jornal A NOTÍCIA, 26/02/88, p.7, Joinville, S.C.



## Exportações de móveis têm novos destinos

Uma pesquisa feita entre os participantes da Expomóvel — 3ª Feira da Indústria de Móveis do Sul —, que será realizada de 11 a 20 de março, no centro de exposições de Curitiba, no parque Barigui, revela que o setor moveleiro não está à espera de uma solução para os problemas mais imediatos da indústria, por parte do governo federal. A crise sofrida, pelo segmento em 87, que resultou numa redução nos níveis de produção e emprego, preconizando uma volta aos índices aferidos em 1985, aliada às dificuldades de exportação para Porto Rico e Estados Unidos da América, principais mercados importadores do Brasil no setor moveleiro, mobilizam as indústrias em direção aos mercados da Europa. O novo destino do produto nacional é a Inglaterra.

Além da alta dos preços sofridos pelos móveis fabricados em Taiwan, principal concorrente do Brasil em função das reivindicações trabalhistas naquele país, a desvalorização do dólar frente às moedas européias e a qualidade do móvel brasileiro “têm facilitado a preferência dos ingleses pelos produtos nacionais”, afirma Roberto Jung, superintendente da Diretriz Empreendimentos S. A., organizadora do evento.

A expomóvel reúne indústrias instaladas em São Bento do Sul/SC e região, além de grande parte das indústrias paranaenses. A feira, que ocupará uma área superior a 8 mil metros quadrados no pavilhão de exposições, é patrocinada pelo Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de São Bento do Sul e pelo Sindicato da Indústria da Marcenaria do Paraná.

QUESTIONÁRIO Nº 1

- ( ) 1. Origem étnica do avô paterno.  
(ver tabela nº 1)
- ( ) 2. Origem étnica da avó paterna  
(ver tabela nº 1)
- ( ) 3. Origem étnica do avô materno  
(ver tabela nº 1)
- ( ) 4. Origem étnica da avó materna  
(ver tabela nº 1)
- ( ) 5. Origem étnica do pai  
(ver tabela nº 1)
- ( ) 6. Origem étnica da mãe  
(ver tabela nº 1)
- ( ) 7. Origem étnica do entrevistado(a)  
(ver tabela nº 1)
- ( ) 8. Profissão do avô paterno  
(ver tabela nº 2)
- ( ) 9. Profissão da avó paterna  
(ver tabela nº 2)
- ( ) 10. Profissão do avô materno  
(ver tabela nº 2)
- ( ) 11. Profissão da avó materna  
(ver tabela nº 2)
- ( ) 12. Profissão do pai  
(ver tabela nº 2)
- ( ) 13. Profissão da mãe  
(ver tabela nº 2)

- ( ) 14. Profissão do entrevistado(a)  
(ver tabela nº 2)
- ( ) 15. Grau de instrução do avô paterno  
(ver tabela nº 3)
- ( ) 16. Grau de instrução da avó paterna  
(ver tabela nº 3)
- ( ) 17. Grau de instrução do avô materno  
(ver tabela nº 3)
- ( ) 18. Grau de instrução da avó materna  
(ver tabela nº 3)
- ( ) 19. Grau de instrução do pai  
(ver tabela nº 3)
- ( ) 20. Grau de Instrução da mãe  
(ver tabela nº 3)
- ( ) 21. Grau de instrução do entrevistado(a)  
(Ver tabela nº 3)

22. Número de filhos do entrevistado(a)

Por faixa etária

- ( ) 1 a 3 anos
- ( ) 4 a 6 anos
- ( ) 7 a 9 anos
- ( ) 10 a 12 anos
- ( ) 13 a 15 anos
- ( ) 15 a 18 anos)
- ( ) Nenhum
- ( ) 23. Os avós paternos possuíam terras?
1. Sim
2. Não
- ( ) 24. Os avós maternos possuíam terras?
1. Sim
2. Não

- ( ) 25. Os pais possuíam terras?  
1. Sim  
2. Não
- ( ) 26. O entrevistado(a) possui terras?  
1. Sim  
2. Não
- ( ) 27. Qual a condição de uso da terra pelos avós paternos?  
1. Arrendatários  
2. Meeiros  
3. Posseiros  
4. Proprietários  
5. Outros
- ( ) 28. Qual a condição de uso da terra pelos avós maternos?  
1. Arrendatários  
2. Meeiros  
3. Posseiros  
4. Proprietários  
5. Outros
- ( ) 29. Qual a condição de uso da terra pelos pais do entrevista  
do(a)  
1. Arrendatários  
2. Meeiros  
3. Posseiros  
4. Proprietários  
5. Outros
- ( ) 30. Qual a condição de uso da terra pelo entrevistado(a)  
1. Arrendatário  
2. Meeiro  
3. Posseiro  
4. Proprietários  
5. Outros
- ( ) 31. Qual o Bairro de residência do entrevistado(a)  
(ver tabela nº 4)

Perguntas abertas

38. Nome, local e ano de nascimento do avô paterno

nome: -----

ano: ----- Local: -----

39. Nome, local e ano de nascimento da avó paterna

nome: -----

ano: ----- Local: -----

40. Nome, local e ano de nascimento do avô materno

nome: -----

ano: ----- Local: -----

41. Nome, local e ano de nascimento da avó materna

nome: -----

ano: ----- Local: -----

42. Nome, local e ano de nascimento do pai do entrevistado(a)

nome: -----

ano: ----- Local: -----

43. Nome, local e ano de nascimento da mãe do entrevistado(a)

nome: -----

ano: ----- Local: -----

44. Nome, local e ano de nascimento do entrevistado(a)

nome: -----

ano: ----- Local: -----

45. Nome, local e ano de nascimento da esposa(marido) do (a)  
entrevistado(a)

nome: -----

ano: ----- Local: -----

TABELA Nº 1

1. Brasileiro
2. Alemão
3. Italiano
4. Polonês
5. Francês
6. Russo
7. Português
8. Espanhol
9. Japonês
10. Africano
11. Inglês
12. Outros

TABELA Nº 3

1. Analfabeto
2. Primário
3. Primário Incompleto
4. Ginásio
5. 2º Grau
6. 3º Grau (universitário)
7. 4º grau (pós-graduação)

TABELA Nº 2

- |                         |                               |
|-------------------------|-------------------------------|
| 1. Agricultor           | 30. Sapateiros                |
| 2. Pecuária             | 31. Marceneiros               |
| 3. Avicultor            | 32. Carpinteiros              |
| 4. Industrial           | 33. Serradores                |
| 5. Hoteleiro            | 34. Estufadores               |
| 6. Cervejeiro           | 35. Eletrecista               |
| 7. Comerciante          | 36. Lustradores de<br>madeira |
| 8. Farmacêutico         | 37. Pedreiro                  |
| 9. Médico               | 38. Encanador                 |
| 10. Dentista            | 39. Pintor (parede)           |
| 11. Parteira            | 40. Calceteiro                |
| 12. Professor           | 41. Linguiceiros              |
| 13. Advogado            | 42. Padeiros                  |
| 14. Religioso           | 43. Tipógrafos                |
| 15. Escultor            | 44. Oleiros                   |
| 16. Escritor            | 45. Ceramistas                |
| 17. Pintor (artista)    | 46. Açougueiro                |
| 18. Músico              | 47. Maquinista                |
| 19. Fotógrafo           | 48. Motorista                 |
| 20. Madeireiros         | 49. Carroceiro                |
| 21. Lenhadores          | 50. Telegrafista              |
| 22. Carvoeiros          | 51. Carteiros                 |
| 23. Ervateiros          | 52. Cozinheiros               |
| 24. Mecânico            | 53. Garçom                    |
| 25. Funileiro           | 54. Barbeiro                  |
| 26. Curtidores de Couro | 55. Escriturário              |
| 27. Tecelões            | 56. Costureira                |
| 28. Alfaiates           | 57. Outros                    |
| 29. Chapeleiros         |                               |

TABELA Nº 4

Em São Bento do Sul

1. Bairro Alpino
2. Bairro Lençol
3. Bairro Colonial
4. Bairro Cruzeiro
5. Bairro Oxford
6. Bairro Mato Preto
7. Bairro 25 de Julho
8. Bairro Serra Alta
9. Bairro Progresso
10. Bairro Dona Francisca
11. Bairro Schramm
12. Bairro Aliança
13. Bairro Centenário
14. Bairro Rio Vermelho Estação
16. Povoado Rio Vermelho
17. Centro

Em Campo Alegre

33. Vila Scheider
34. Vila Cedro
35. São Miguel
36. Avenquinha
37. Centro

Em Rio Negrinho

18. **Bairro Vista Alegre**
19. Bairro Quitandinha
20. Bairro Ceramarte
21. Bairro São Rafael
22. Bairro Barro Preto
23. Bairro Bela Vista
24. Bairro São Pedro
25. Bairro Cruzeiro
26. Bairro Alegre
27. Bairro Campo Lençol
28. Bairro Vila Nova
29. Bairro Pinheirinho
30. Bairro Industrial Sul
31. Bairro Industrial Norte
32. Centro

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

1 - Dados Gerais da Empresa

Nome

Razão Social

Endereço

2 - Constituição Jurídica

3- Ano de Fundação

Nome do(s) Fundador (es)

4- Razões do ingresso no ramo da Indústria do Mobiliário

5 - Capital inicial empregado

6 - Como se resolveu o problema de técnicas necessárias ao início das atividades industriais (experiências das técnicas, lugares, datas) e posteriormente

7 - O que produziu a empresa no início ?

Mercado inicial (tipos de compradores, lugares).. antes de insumos iniciais (tipos, procedências, transporte)?

8 - Números de empregados no início, composição (masculino, feminino) e como evolui?nas seguintes épocas?



- 9 - Quais as alterações na linha de produção ? (Quando e principais causas).
- 10 - Controle acionário (capital votante).  
Grupos dominantes (Nomes e lugares)  
Capital preferências: principais acionistas.  
Respectivas percentagens.
- 11 - Como a empresa tem resolvido o problema de geração de tecnologia ?  
Laboratórios, Congressos Científicos etc ?  
Equipamento atual: idade média, procedência
- 12 - Quando e como tem ocorrido novos mercados, identificar a evolução, desses mercados.
- 13 - Evolução do quadro de funcionários de 5 em 5 anos (início até hoje)
- 14 - Como a empresa classifica historicamente suas etapas de evolução.  
Causas e características das etapas.

15- Planos futuros da Empresa

FONTE DE INSUMOS BÁSICOS DA EMPRESA

INSUMO (MAT. PRIMA)	QUANTIDADE ANUAL/UNIDADE	PROCEDÊNCIA CIDADE/ESTADO	% DAS PROCE- DÊNCIAS	MEIO DE TRANSP. UTILIZADO E ITI- NERÁRIOS
TOTAL			100	

MERCADO CONSUMIDOR DOS PRINCIPAIS PRODUTOS

PRODUTOS	QUANTIDADE	DESTINO	% DAS VENDAS	MEIO TRANSP. E ITINERÁRIOS
TOTAL			100	